



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP

Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGL

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE *NÓS* E A *GENTE* NO FALAR DA JUVENTUDE
PLANALTINENSE**

Wellington Souto Pereira

Brasília

2018



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP

Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGL

Wellington Souto Pereira

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE *NÓS* E A *GENTE* NO FALAR DA JUVENTUDE
PLANALTINENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Língua, Interação Sociocultural e Letramento.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosineide Magalhães de Sousa

Brasília/DF

2018

Wellington Souto Pereira

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE *NÓS* E A *GENTE* NO FALAR
PLANALTINENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rosineide Magalhães de Sousa
(Orientadora) Presidenta – PPGL/UnB

Prof.^a Dr.^a Stella Maris Bortoni-Ricardo
Membro interno – PPGL/UnB

Prof.^a Dr.^a Maria do Rosário Cordeiro Rocha
Membro externo – Instituto Federal de Brasília / Secretaria de Educação do DF

Prof.^o Dr. Renato Cabral Rezende
Suplente – Universidade de Brasília

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pv

Pereira, Wellington Souto
VARIACÃO LINGUÍSTICA ENTRE NÓS E A GENTE NO FALAR DA
JUVENTUDE PLANALTINENSE / Wellington Souto Pereira;
orientador Rosineide Magalhães de Sousa. -- Brasília, 2018.
117 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2018.

1. Sociolinguística.. 2. Variação linguística.. 3.
Autoetnografia.. 4. Juventude. . I. de Sousa, Rosineide
Magalhães, orient. II. Título.

Dedico esta dissertação aos meus pais e ao meu irmão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram de alguma maneira para a realização desta pesquisa. Principalmente, sou grato

ao apoio dos meus pais e do meu irmão;

à orientação da professora Rosineide Magalhães;

à banca formada pelos professores Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Cordeiro Rocha e Renato Cabral Rezende, pela disponibilidade em ler este trabalho e em apresentar contribuições enriquecedoras.

ao governo do Partido dos Trabalhadores, entre 2003 e 2016, conduzido pelo ex-presidente Lula e pela ex-presidenta Dilma Rousseff. Tenho plena convicção de que a formação acadêmica que conquistei até o momento se deve ao apoio da minha família, à minha dedicação e, principalmente, às políticas públicas implementadas e mantidas por esse governo para assistir aos milhares de menos favorecidos deste país tão desigual.

RESUMO

Esta dissertação possui o objetivo de investigar e analisar como ocorre a variação linguística entre as formas *nós* e *a gente* na fala espontânea dos jovens planaltinenses. Além disso, este trabalho pretende apresentar reflexões acerca da vulnerabilidade socioeconômica na qual tal grupo se encontra. Os pressupostos teóricos estão fundamentados na Sociolinguística Interacional, por meio das contribuições de Gumperz (2013), Goffman (2013) e Hymes (1974). Também foi analisado o tratamento conferido aos pronomes de primeira pessoa do plural pelas gramáticas tradicionais, bem como por estudos linguísticos realizados por Castilho (2010), Bagno (2011), Spessatto (2010), Mattos (2013), Rubio (2012), Vianna (2011). Foram apresentadas ainda algumas pesquisas realizadas pela Unesco sobre a juventude brasileira. Assim, a metodologia adotada foi a pesquisa de abordagem qualitativa de cunho etnográfico. O estudo foi realizado em Planaltina DF e, a partir da observação participante, elaborou-se uma autoetnografia, que valoriza a visão subjetiva do pesquisador acerca dos fatos dos quais ele também faz parte. Ademais, foram realizadas entrevistas semiestruturadas que dialogam com a narrativa desenvolvida por meio da autoetnografia. Desse modo, foram entrevistados onze colaboradores entre dezoito e vinte e quatro anos que nasceram e sempre moraram em Planaltina DF, sendo que três cursam a Educação de Jovens e Adultos (EJA), quatro são alunos de graduação da Universidade de Brasília – *Campus Planaltina* –, e quatro já concluíram o ensino superior. Para a análise, os dados gerados foram organizados com base em aspectos vivenciais na cidade, como escolaridade, trabalho, violência, preconceito, acesso à cultura e ao lazer.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação linguística. Autoetnografia. Juventude.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate and analyze the occurrence of linguistic variation between the two first-person plural pronoun forms used in Portuguese, *nós* (we) and *a gente* (the people), in spontaneous speech of young people in the administrative region of the Federal District of Brazil known as Planaltina. In addition, this work intends to present reflections about the socioeconomic vulnerability of this group. The theoretical assumptions are based on Interactional Sociolinguistics, through the contributions of Gumperz (2013), Goffman (2013) and Hymes (1974). The treatment of first-person plural pronouns in traditional grammars was also analyzed, as well as the treatment in linguistic studies conducted by Castilho (2010), Bagno (2011), Spessatto (2010), Mattos (2013), and Rubio (2011). Some research conducted by UNESCO on Brazilian youth is also presented. Thus, the methodology of qualitative ethnographic research was adopted. The study was done in Planaltina DF, and, from the observation of participants an autoethnographic study was prepared which values the subjective view of the researcher about facts of which he is also part. In addition, semi-structured interviews were conducted that dialogue with the narrative developed through autoethnography. Eleven collaborators were interviewed between eighteen and twenty-four years of age. They all were born and have always lived in Planaltina DF. Three are in the Young Adult Education program, four are undergraduate students from the University of Brasília – Planaltina Campus –, and four have completed their higher education. For analysis, the data generated was organized according to aspects of city life such as schooling, work, violence, prejudice, access to culture and leisure.

Keywords: Sociolinguistics. Linguistic variation. Autoethnography. Youth.

LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1: entrevista com Maria.....	54
Excerto 2: entrevista com Clara.....	57
Excerto 3: entrevista com Ana.....	59
Excerto 4: entrevista com Ana.....	61
Excerto 5: entrevista com Pedro.....	64
Excerto 6: entrevista com Pedro.....	65
Excerto 7: entrevista com Sofia.....	66
Excerto 8: entrevista com Luís.....	68
Excerto 9: entrevista com Carlos.....	69
Excerto 10: entrevista com Pedro.....	71
Excerto 11: entrevista com Clara.....	73
Excerto 12: entrevista com Flor.....	74
Excerto 13: entrevista com Maria.....	75
Excerto 14: entrevista com Ana.....	76
Excerto 15: entrevista com Flor.....	77
Excerto 16: entrevista com Márcio.....	79
Excerto 17: entrevista com João.....	80
Excerto 18: entrevista com Márcio.....	80
Excerto 19: entrevista com Clara.....	81
Excerto 20: entrevista com Pedro.....	83
Excerto 21: entrevista com Alice.....	86
Excerto 22: entrevista com Sofia.....	86
Excerto 23: entrevista com Pedro.....	87
Excerto 24: entrevista com Sofia.....	89

SUMÁRIO

1 Introdução	11
2 Metodologia	14
2.1 Perguntas exploratórias	14
2.2 Objetivo geral	14
2.3 Objetivos específicos	14
2.4 Asserção geral	15
2.5 Subasserções	15
2.6 Pesquisa de abordagem qualitativa	15
2.7 Etnografia.....	17
2.8 Contextos da pesquisa.....	19
2.8.1 Educação de jovens e adultos	20
2.8.2 Educação superior	21
2.8.3 Juventude brasileira	22
2.8.4 Planaltina: perspectivas histórica e social.....	24
2.8.5 Participantes da pesquisa	26
2.9 Técnicas de pesquisa.....	27
2.9.1 Observação participante.....	27
2.9.2 Entrevista	28
2.10 Aspectos éticos	29
3 Pressupostos teóricos	31
3.1 Sociolinguística.....	31
3.1.1 Sociolinguística Variacionista	32
3.1.2 Sociolinguística Interacional.....	33
3.1.2.1 Contribuições de Gumperz	34
3.1.2.2 Contribuições de Goffman.....	35
3.1.2.3 Contribuições de Hymes	36
3.2 Pronomes de primeira pessoa do plural	38
3.2.1 Gramaticalização da forma ‘a gente’	38
3.2.2 Nova gramática do Português Contemporâneo – Cunha & Cintra.....	39
3.2.3 Moderna gramática portuguesa – Bechara.....	40
3.2.4 Gramática Houaiss da Língua Portuguesa – Azeredo	41
3.2.5 Gramática do português brasileiro – Castilho.....	41

3.2.6 Gramática pedagógica do português brasileiro – Bagno	43
3.2.7 Pesquisas sociolinguísticas acerca da variação entre nós e a gente.....	45
4 Análise de dados	47
4.1 Contextualização dos ambientes de pesquisa	48
4.2 Perfil sociolinguístico dos envolvidos na pesquisa.....	51
4.3 Escolarização e trabalho	53
4.4 Acesso à cultura e ao lazer.....	67
4.5 Violência em Planaltina DF	77
4.6 Preconceito sofrido por ser morador de Planaltina DF.....	85
4.7 Pergunta feita antes de encerrar a entrevista.....	89
5 Considerações finais	91
Referências	94
Apêndice – A	100
Apêndice – B	103
Apêndice – C	105
Anexo	113

1 INTRODUÇÃO

Tarallo (1994) afirma que o objetivo da Sociolinguística é analisar e sistematizar o aparente “caos linguístico” presente na língua falada em situações espontâneas de comunicação. A língua vernácula, que é a língua falada nos “momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação” (TARALLO, 1994), constitui-se o material básico para a análise Sociolinguística.

Dessa maneira, observa-se que uma língua não é homogênea, ou seja, não é empregada por todos falantes da mesma maneira. A variação consiste em diferentes formas de se dizer o mesmo enunciado, preservando o sentido; é inerente a qualquer língua e pode ocorrer nos níveis fonológicos, morfossintáticos ou semânticos, como acontece na alternância entre as formas pronominais *nós* e *a gente*. Tal fenômeno é recorrente no português brasileiro.

Assim, esta pesquisa se volta à variedade linguística dos moradores entre 18 e 24 anos de Planaltina-DF que nasceram nessa cidade ou nela residem desde os primeiros anos de vida até a atualidade, para analisar de que maneira os pronomes *nós* e *a gente* são empregados, identificando a influência da realidade social desse grupo na variação dos pronomes de primeira pessoa do plural.

Esse fenômeno linguístico certamente é motivado também pelo contexto sócio-histórico de Planaltina, que é a mais antiga região administrativa do Distrito Federal. A cidade foi criada oficialmente em 19 de agosto de 1859. Inicialmente era chamada de Mestre D’armas e só em 1917 recebeu o nome de Planaltina. Nessa época pertencia ao município de Goiás. Em 21 de abril de 1960, data da inauguração de Brasília, uma parte do território de Planaltina foi incorporada ao Distrito Federal. Assim, Planaltina DF sofreu grandes alterações sociais e culturais desde seu surgimento em meados do século XIX, ocasionadas pela expansão demográfica.



Imagem 1: Regiões administrativas do Distrito Federal.

Planaltina faz parte da periferia do Distrito Federal. A cidade ainda enfrenta diversos problemas sociais, entre os quais pobreza, infraestrutura precária, violência, baixo nível de escolaridade, ausência de políticas públicas efetivas. Certamente, tal realidade social influencia o comportamento linguístico dos moradores de Planaltina DF. Desse modo, a população planaltinense é vítima da desigualdade social.

Isso se confirma com os dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) 2015, realizada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN). De acordo com a PDAD 2015, Planaltina DF abriga uma população urbana estimada em 189.412 habitantes. Quanto ao nível de escolaridade, boa parte da população, 38,73%, possui apenas o ensino fundamental incompleto, e quase 70% declaram parda a cor de pele. A renda *per capita* é de R\$ 934,00. Do total, 37.508 indivíduos pertencem à faixa etária entre 15 e 24 anos, representando 19,81% dos moradores.

Diante dessa realidade, pretende-se investigar e analisar o comportamento linguístico dos moradores de Planaltina DF influenciado pelos fatores socioculturais em contextos de oralidade. Assim, surge o seguinte problema de pesquisa: de que modo a situação de vulnerabilidade social na qual se encontra os jovens planaltinenses (18 – 24 anos) determina as escolhas linguísticas desse grupo de falantes relacionadas aos pronomes *nós* e *a gente* na fala espontânea?

Diante do exposto, é importante esclarecer que a definição de juventude não é consensual no mundo. Diversos estudos, como a pesquisa *Juventude, juventudes: o que une e o que separa* (2006), consideram que a juventude corresponde à faixa etária entre quinze e vinte e nove anos. Também, na pesquisa *Informe Juventude en España*, o intervalo é de quinze a vinte e nove anos. Já para as Nações Unidas, a juventude se refere ao período entre quinze e vinte e quatro anos. No Brasil, o Estatuto da Juventude, lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, em seu artigo primeiro, define que jovens são as pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos de idade. Porém, o recorte desta pesquisa considera os jovens planaltinenses entre dezoito e vinte e quatro anos¹.

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho etnográfico, que terá como suporte teórico a Sociolinguística Interacional, bem como as pesquisas sociolinguísticas acerca da alternância das formas pronominais *nós* e *a gente*.

É necessário salientar que, no presente trabalho, os capítulos que expõem a Introdução, o Percorso metodológico e os Pressupostos teóricos são redigidos na terceira pessoa do

¹ A justificativa para o recorte entre 18 e 24 anos é apresentada na seção 2.8.5 *Participantes da pesquisa* (p. 26).

discurso, pois são apresentadas, principalmente, outras vozes que orientam as reflexões teórico-metodológicas desta pesquisa. Já no capítulo referente à Análise de Dados e às Considerações Finais, adota-se a primeira pessoa, uma vez que se pretende destacar o olhar etnográfico do autor deste trabalho.

Apesar de diversas pesquisas sociolinguísticas já terem sido publicadas, ainda não se esgotaram os estudos que comprovam que a diversidade linguística é um fato natural das línguas. A escolha do fenômeno de alternância do emprego de *nós* e *a gente* se justifica por representar, na atualidade, um dos casos de variação mais falados e ouvidos. Tal variação linguística em diferentes regiões brasileiras já foi objeto de estudo de diversos pesquisadores, entre os quais se destacam Mattos (2013), que se dedicou a tal fenômeno no estado de Goiás, bem como Spessato (2010), que se voltou para a Costa da Lagoa, uma comunidade isolada em Florianópolis – Santa Catarina. Na variedade do português europeu, os estudos de Rubio (2012) e Vianna (2011) revelam que, em Portugal, o pronome *nós* ainda prevalece em relação ao *a gente*.

Assim, esta pesquisa se dedicou à investigação da variação entre os pronomes *nós* e *a gente* em Planaltina DF, cidade que passou por transformações sociais e culturais, influenciadas pelo contexto histórico-político do país a partir do século XIX. Além disso, o pesquisador nasceu e sempre morou em Planaltina DF. Assim, ele faz parte da comunidade linguística a ser estudada. Por isso, a autoetnografia foi adotada como metodologia de pesquisa.

A fim de que haja compreensão da reflexão aqui proposta, esta dissertação está subdividida nos seguintes capítulos: *Introdução*: parte, ora desenvolvida; *Metodologia*: descrição da natureza da pesquisa e do processo de geração de dados, bem como a apresentação de estudos sobre a juventude brasileira, que nortearam as reflexões aqui apresentadas; *Pressupostos teóricos*: serão apresentados os conceitos da Sociolinguística importantes neste trabalho; *Análise dos dados*: os dados gerados serão analisados à luz dos pressupostos teórico-metodológicos; e *Considerações Finais*: exposição das conclusões acerca da pesquisa desenvolvida.

2 METODOLOGIA

2.1 Perguntas exploratórias

Tendo como ponto de partida a perspectiva social a fim de se analisar o fenômeno linguístico foco desta pesquisa, foram elaborados os seguintes questionamentos:

1. O que significa para os jovens planaltinenses serem moradores da periferia? E, na percepção deles, quais são os impactos que essa situação provoca nas condições de vida deles?
2. A situação de vulnerabilidade social e cultural na qual se encontra esses jovens determina as escolhas linguísticas desse grupo de falantes na fala espontânea?
3. Será que, no vernáculo de tais jovens, há a prevalência de uma das formas pronominais referentes à primeira pessoa do plural – *nós* ou *a gente*?

2.2 Objetivo geral

Investigar e analisar, a partir do contexto sociocultural, a variação linguística entre os pronomes *nós* e *a gente* em diversas funções sintáticas, principalmente, na função de sujeito, no falar do jovem planaltinense, bem como identificar se tal comunidade reconhece a forma pronominal *a gente* pertencente à identidade sociolinguística dos moradores da cidade.

2.3 Objetivos específicos

1. Identificar e analisar o perfil sociolinguístico dos colaboradores envolvidos nesta pesquisa.
2. Registrar e descrever a variação linguística entre *nós* e *a gente*, em contextos de oralidade, no caso a entrevista realizada com os jovens planaltinenses.
3. Identificar e analisar as motivações linguísticas, elencando os contextos morfossintáticos relacionados e norteadores do fenômeno.
4. Identificar e analisar as motivações sociais (escolaridade, trabalho, violência, preconceito, acesso ao lazer e à cultura) que determinam o emprego de uma ou outra forma pronominal, bem como apresentar, a partir da minha perspectiva e também a partir do olhar dos jovens planaltinenses, a situação de vulnerabilidade social vivida por eles, e o impacto disso no comportamento linguístico desse grupo.

2.4 Asserção geral

O pronome *a gente* é mais recorrente na fala dos jovens planaltinenses do que a forma pronominal *nós*.

2.5 Subasserções

1. Os jovens planaltinenses não estigmatizam a forma pronominal inovadora *a gente*, reconhecendo-a como legítima e equivalente ao pronome *nós*.

2. Como a baixa escolaridade é uma das consequências da situação de vulnerabilidade social e cultural de tais jovens, certamente o repertório linguístico desses falantes é influenciado por essa condição vulnerabilizada, uma vez que estruturas sintáticas da variedade padrão da língua relacionadas ao uso de *nós* ou *a gente* talvez não sejam empregadas frequentemente.

3. Os jovens planaltinenses reconhecem a situação de vulnerabilidade social da qual são vítimas e os impactos disso nas condições de vida deles.

2.6 Pesquisa de abordagem qualitativa

Esta dissertação está conforme o paradigma qualitativo, cuja origem encontra-se no interpretativismo, que busca explicar as práticas sociais e os significados atribuídos a essas práticas.

A partir do século XX, duas vertentes delineiam as pesquisas realizadas no âmbito das ciências sociais: o paradigma **positivista** e o **interpretativista**. Em um primeiro momento, a relação entre ambas abordagens foi conflituosa, porém “uma combinação dessas duas estratégias cristalizou-se enquanto perspectiva, sendo discutida e praticada de diversas maneiras” (FLICK, 2009, p. 41).

O paradigma positivista sofreu fortes influências de diversos intelectuais, entre os quais se destacam Augusto Comte, Francis Bacon e René Descartes. As reflexões propostas por eles determinam até hoje o modo como as pesquisas científicas são conduzidas. Conforme Bortoni-Ricardo (2008, p. 14),

de acordo com o paradigma positivista, a realidade é apreendida por meio da observação empírica. As descobertas se dão pela via da indução, que é o processo de chegar a regras e leis gerais pela observação das regularidades. Pode-se trabalhar nesse paradigma pelo processo hipotético-dedutivo, que concilia a interpretação empírica com as certezas da lógica dedutiva.

Assim, nesse paradigma, o pesquisador relaciona dois ou mais fenômenos buscando relações causais entre eles. Na pesquisa social, o paradigma quantitativo provém da perspectiva positivista.

No início do século XX, pesquisadores questionaram a postura positivista de que as ciências sociais deveriam empregar os mesmos métodos das ciências exatas, uma vez que, ao observar e analisar os acontecimentos ao redor, é impossível desconsiderar os contextos social e histórico envolvidos. Diante desse contexto, surge o paradigma qualitativo, que é derivado do interpretativista. Consoante Bortoni-Ricardo (2008, p. 34),

na pesquisa quantitativa, trabalha-se com variáveis procurando estabelecer uma relação entre elas. [...] Na perspectiva qualitativa, não se procura observar a influência de uma variável em outra. O pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja: como o interpretam.

Enquanto o paradigma positivista defende que o pesquisador tenha uma postura objetiva diante do objeto de estudo dele, o paradigma qualitativo, ao contrário, reconhece a impossibilidade de se analisar fatos sociais e culturas de modo plenamente objetivo.

Assim, o paradigma interpretativista considera que o pesquisador “é parte do mundo social que pesquisa. Ele age nesse mundo social e é capaz também de refletir sobre si mesmo e sobre as ações como objeto de pesquisa nesse mundo” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 59). Essa concepção é designada de reflexividade. Segundo Flick (2009, p. 25), “a subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa.”

A condição do pesquisador que conduziu este trabalho vai ao encontro das reflexões citadas no parágrafo anterior, uma vez que a comunidade escolhida para estudo foi Planaltina DF e nela o pesquisador nasceu e reside desde a data de seu nascimento. Assim, com um olhar crítico e também marcado por crenças e valores pessoais, o pesquisador se voltou para tal comunidade, buscando descobrir quais são os significados que os jovens planaltinenses atribuem às ações, aos comportamentos e à condição de vida deles, bem como as implicações linguísticas relacionadas.

Assim, outro aspecto essencial da pesquisa qualitativa é o reconhecimento da importância de se demonstrar as diversas perspectivas dos indivíduos envolvidos acerca do objeto, considerando os significados sociais e subjetivos presentes. Desse modo, “pesquisadores qualitativos estudam o conhecimento e as práticas dos participantes” (FLICK, 2009, p. 24).

Para a realização da pesquisa qualitativa, Minayo (2016, p. 25 - 26) propõe que tal pesquisa seja um ciclo de trabalho dividido nas seguintes três etapas:

- (a) *Fase exploratória*: construção do projeto de pesquisa e preparação dos recursos necessários para a entrada em campo.
- (b) *Fase de campo*: momento de se conhecer a realidade pesquisada e adotar as técnicas previamente escolhidas a fim de se gerar os dados.
- (c) *Tratamento e análise do material*: etapa na qual se ordenam, classificam e analisam os dados, conforme os pressupostos teóricos da pesquisa e as diversas leituras feitas.

Nessa perspectiva, é necessário considerar que há três posturas teóricas subjacentes à pesquisa qualitativa, conforme Flick (2009, p. 68),

a tradição do interacionismo simbólico trata do estudo dos significados subjetivos e da construção individual de significado. A etnometodologia interessa-se pelas rotinas da vida cotidiana e na produção dessas rotinas. As posturas estruturalistas ou psicanalísticas partem de processos de inconsciência psicológica ou social.

Nesta pesquisa, adota-se a abordagem do Interacionismo Simbólico. De acordo com Blumer (1962, p. 2 apud FLICK, 2009, p. 62), três premissas básicas precisam ser consideradas:

a primeira premissa é de que os seres humanos agem em relação às coisas com base nos significados que as coisas têm para eles [...] A segunda premissa é a de que o significado destas coisas origina-se na, ou resulta da, interação social que uma pessoa tem com as demais. A terceira premissa é a de que esses significados são controlados em um processo interpretativo e modificados através desse processo, que é utilizado pela pessoa para lidar com as coisas com as quais se depara.

Dessa maneira, a pesquisa nessa abordagem considera extremamente relevantes os significados subjetivos para a análise das esferas sociais.

Entre as diversas escolas da pesquisa qualitativa, destaca-se a etnografia, que vem se fortalecendo desde a década de 1980. Assim, no âmbito do paradigma qualitativo, encontra-se a pesquisa de natureza etnográfica.

2.7 Etnografia

Nesta dissertação, é adotada a pesquisa qualitativa, uma vez tal abordagem oferece mais subsídios para se atingirem os objetivos traçados e permite maior consistência na interpretação dos dados gerados.

Assim, o método etnográfico é o empregado. A etnografia possui natureza qualitativa e busca observar, descrever, interpretar e analisar contextos que envolvem um povo, culturas, identidades e língua.

No início do século XX, antropólogos passaram a empregar o método etnográfico. Entre eles, destacou-se Bronislaw Malinowski, antropólogo britânico, que realizou uma pesquisa de campo, ao ficar imerso totalmente durante quatro anos nas Ilhas de Trobriand, no Pacífico Oeste. Essa investigação, que gerou uma exemplar narrativa etnográfica da comunidade, foi compartilhada por meio da publicação *Argonautas do Pacífico Ocidental*.

Bortoni-Ricardo (2014, p. 86) define que

o adjetivo etnográfico, que Hymes tanto valorizou, provém do termo etnografia, tradição intelectual introduzida na antropologia do final do século XIX, cuja denominação foi composta de dois radicais gregos: *ethnoi*, que significa “os outros”, os bárbaros, os não gregos e “*grafos*”, que significa registro escrito.

Conforme Erickson (1988, p. 2), o termo “etnografia significa literalmente escrever sobre os outros”. Além disso, “os objetivos centrais da descrição etnográfica na pesquisa sociolinguística são documentar e analisar aspectos específicos nas práticas da fala, da maneira que estas práticas estão situadas na sociedade em que elas ocorrem” (ERICKSON idem, ibidem).

Desse modo, a etnografia busca descrever as crenças, os comportamentos e os costumes de um povo, ou seja, a cultura de determinadas sociedades ou comunidades. Dessa maneira, “os etnógrafos se ocupam basicamente das vidas cotidianas rotineiras das pessoas que eles estudam” (ANGROSINO, 2009, p. 31).

Conforme Angrosino (2009), o método etnográfico está associado a diversas orientações teóricas, entre as quais, o Interacionismo Simbólico, que considera a sociedade formada por indivíduos em constante interação uns com os outros, gerando diversas transformações. Essa abordagem também julga indispensável a subjetividade dos envolvidos na pesquisa em busca da compreensão dos significados de suas próprias ações. Consoante Angrosino (2009, p. 21),

o pesquisador precisa fazer uma imersão no mundo dos seus sujeitos; ele não pode ser um observador neutro das atividades deles, mas precisa subjetivamente tornar-se um deles. A chave para a etnografia interacionista é descobrir o sistema de símbolos que dá significado ao que as pessoas pensam e fazem.

Nessa perspectiva, o etnógrafo assume papéis interativos que estão dispostos ao longo de um *continuum* com quatro pontos principais:

- (a) o participante completo (o pesquisador está completamente imerso na comunidade e não divulga sua agenda de pesquisa);
- (b) o participante-como-observador (o pesquisador está imerso na comunidade mas sabe-se que ele faz pesquisa e tem permissão para fazê-la);
- (c) o observador-como-participante (o pesquisador está um pouco desligado da comunidade, interagindo com elas apenas em ocasiões específicas, talvez para fazer entrevistas ou assistir eventos organizados); e
- (d) o completo observador (de longe o pesquisador coleta dados totalmente objetivos sobre a comunidade sem ficar envolvido em suas atividades nem anunciar sua presença) (ANGROSINO, 2009, p. 21).

Nesse *continuum*, o lado “participante” é o que melhor atende aos objetivos do Interacionismo Simbólico.

Nessa perspectiva, há diversos tipos de escrita etnográfica. A adotada nesta pesquisa é a autoetnografia ou “narrativa do *self*”, que consiste no modo de elaborar um relato sobre um grupo ao qual o pesquisador pertence a partir da ótica dele mesmo. Dessa maneira, conforme Santos (2017, p. 221), a autoetnografia refere-se a um método de pesquisa que

- a) usa a experiência pessoal de um pesquisador para descrever e criticar as crenças culturais, práticas e experiências; b) reconhece e valoriza as relações de um pesquisador com os “outros” (sujeitos da pesquisa) e c) visa a uma profunda e cuidadosa autorreflexão, entendida aqui como reflexividade, para citar e interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro.

Portanto, conforme Angrosino (2009, p. 34), “a etnografia [...] é baseada em trabalho de campo, personalizada, multifatorial, de longo prazo, indutiva, dialógica e holística”. É importante esclarecer que, para o autor, entende-se por *multifatorial* o emprego de duas ou mais técnicas para a geração de dados. A seguir serão apresentados os ambientes nos quais este estudo foi desenvolvido.

2.8 Contextos da pesquisa

Esta pesquisa está focalizada na região administrativa de Planaltina DF. Buscou-se observar e acompanhar, em vários aspectos, a rotina dos jovens selecionados dessa comunidade, bem como os costumes de localidades específicas nas quais parte da juventude planaltinense é predominante. Para tanto, foram consideradas as observações feitas pelo pesquisador ao longo dos vinte e sete anos de vivência em Planaltina DF. Além disso, houve momentos de observação direcionados especificamente aos objetivos desta pesquisa.

Assim, dois locais da cidade foram escolhidos para serem observados. Um deles é o Centro Educacional 1 de Planaltina DF, conhecido por *Centrão*, uma vez que oferta, no período noturno, a Educação de Jovens e Adultos, sendo que boa parte dos alunos dessa modalidade é

jovem, nasceu e sempre morou em Planaltina DF. Como tal instituição está localizada na região central dessa região administrativa, recebe estudantes que são moradores de diferentes bairros da cidade.

Outro local considerado é o *Campus* Planaltina da Universidade de Brasília, pois também possui muitos estudantes jovens que nasceram e sempre moraram na cidade. Assim, esse espaço reúne uma parcela da juventude planaltinense.

Assim, nas seções seguintes, é abordada, em linhas gerais, a organização da Educação de Jovens e Adultos e a Educação Superior no país, bem como são expostos mais detalhes acerca dos contextos de pesquisa mencionados anteriormente. Além disso, são feitas considerações sobre a juventude brasileira, a partir de alguns estudos sociológicos já realizados. Também são apresentadas informações históricas e sociais de Planaltina DF. Após isso, delineiam-se os participantes da pesquisa.

2.8.1 Educação de jovens e adultos

Conforme o artigo 205 da Constituição Federal, a educação é direito de todos e dever do estado. A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei 9.394/1996, ao estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional, no artigo 37, determina que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida”.

Assim, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui uma modalidade da educação básica que busca atender indivíduos jovens, adultos e idosos que, por diversas razões, não começaram ou tiveram que interromper sua trajetória escolar. Pode-se afirmar que a tais pessoas foi negado o direito à educação em algum momento da vida delas.

Nesse sentido, o documento intitulado *Diretrizes operacionais da educação de jovens e adultos 2014/2017* (2014, p. 13), elaborado pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), ao traçar o perfil dos estudantes da EJA, afirma que

são mulheres e homens que sofrem severamente as consequências de uma lógica estrutural capitalista, notadamente injusta e perversa. São moradores da cidade e do campo, trazem a marca da exclusão social e buscam assegurar a sobrevivência do seu grupo familiar.

Diante dessa demanda, a SEEDF oferta a Educação de Jovens e Adultos em curso presencial em mais de cem unidades escolares na rede pública, distribuídas em diferentes regiões administrativas do DF.

De acordo com o *Currículo em movimento da educação básica educação de jovens e adultos* da SEEDF, a Educação de Jovens e Adultos é organizada em regime semestral, por segmentos e etapas que coincidem com as séries da educação básica. Assim, há primeiro, segundo e terceiro segmentos, que correspondem, respectivamente, aos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), aos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) e ao ensino médio. Cada segmento é dividido em etapas, sendo que, no primeiro e no segundo, são quatro etapas e, no terceiro, são somente três etapas. Nessa proposta, cada etapa semestral da EJA equivale a uma série cursada na educação básica regular.

Nessa pesquisa, o Centro Educacional 1 de Planaltina DF foi um dos lugares públicos de Planaltina observado. Essa escola também é conhecida na cidade como *Centrão*. É uma unidade de ensino pública que foi inaugurada em 1976 e oferta o Ensino Médio regular, nos turnos matutino e vespertino, bem como o terceiro segmento da Educação de Jovens e Adultos, no turno noturno, para estudantes a partir de dezoito anos.

Optou-se pelo *Centrão* porque, além de ofertar EJA, uma parcela significativa dos alunos dessa modalidade é jovem, nasceu e sempre morou em Planaltina DF. Essa escola recebe estudantes que são moradores de diferentes bairros da cidade. Isso provavelmente ocorre porque tal escola está localizada na região central dessa região administrativa.

2.8.2 Educação superior

Conforme a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no artigo 43, a educação superior tem diversas finalidades, entre as quais destaca-se o texto do inciso II, que estabelece como um dos propósitos dessa modalidade “formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua”. Outra finalidade apresentada no inciso III merece destaque: “incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive”.

O artigo 44 da LDB elenca os cursos e programas da educação superior: cursos sequenciais por área de saber, cursos de graduação, de pós-graduação e de extensão. Essa modalidade pode ser oferecida tanto por instituições públicas quanto por particulares, desde de que atendam normas específicas estabelecidas pelo Ministério da Educação.

Nesse contexto está inserida a Universidade de Brasília (UnB), que foi idealizada por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira e criada em 1962. Inicialmente era apenas um *campus* na Asa Norte, mas houve a expansão da instituição e outras três unidades fora do Plano Piloto foram inauguradas, a saber: Planaltina DF, Gama e Ceilândia. Essa ampliação dos campi ocorreu devido ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que pretendeu ampliar o acesso e a permanência no ensino superior. Um dos objetivos desse programa é dobrar o número de alunos nos cursos de graduação desde 2008.

A Faculdade UnB-Planaltina (FUP) foi inaugurada em 16 de maio de 2006 e oferece cursos presenciais de graduação em Ciências Naturais (licenciatura), Gestão do Agronegócio (bacharelado), Gestão Ambiental (bacharelado) e Educação do Campo (licenciatura). Na pós-graduação, são ofertados diversos cursos de especialização, mestrado e doutorado nas áreas de meio ambiente e agronegócio. Segundo informações da Secretaria de Administração Acadêmica – SAA, atualmente, a FUP possui, no total, 1264 alunos matriculados nos cursos de graduação.

Nessa pesquisa, o *campus* Planaltina da UnB foi outro lugar público observado, pois possui muitos estudantes jovens que nasceram e sempre moraram na cidade. Assim, esse espaço reúne uma parcela da juventude planaltinense.

2.8.3 Juventude brasileira

Como este trabalho está direcionado para os jovens moradores de periferia, especificamente Planaltina DF, é interessante fazer um breve panorama dos estudos já realizados que focalizaram as condições sociais da juventude brasileira, pois elas compõem o contexto desta pesquisa.

Conforme Tavares (2009), nas décadas de 1950 e de 1960, os estudos sociológicos sobre a juventude brasileira estavam voltados para os jovens pertencentes à classe média universitária. Diante disso, surge “um sentimento de ‘missão política’ do jovem universitário, voltado para as transformações das estruturas sociais como já ocorria nas manifestações estudantis em outros países da Europa e América” (TAVARES, 2009, p. 43). O problema dessa postura está na invisibilização dos jovens das outras classes sociais, considerados como desinteressados pelas questões políticas e sociais e incapazes de se mobilizarem a fim de reivindicarem algum direito que não lhes é garantido.

Na década de 1990, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO – supera essa omissão, ao fomentar pesquisas mais abrangentes sobre a

juventude brasileira, as quais buscaram retratar a realidade vivida por jovens de diferentes classes sociais no país, com a finalidade de se criar e implementar políticas públicas voltadas para esse grupo. Nesse contexto, de acordo com Tavares (2009),

a ideia era redefinir o jovem e a juventude num campo discursivo, de modo a produzi-lo enquanto um ‘protagonista’, ou seja, um ator social capaz de apresentar respostas aos problemas de violência sofridos e cometidos pelos jovens na contemporaneidade. O protagonismo é construído então como uma pedagogia democrática e pacificadora”.

A publicação *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*, realizada em 1998 e coordenada por Júlio Jacobo Waiselfisz, buscou apresentar os valores, práticas e comportamentos sociais dos jovens de Brasília naquela época. Mais de quatrocentos indivíduos entre catorze e vinte anos responderam questionários com perguntas que abordavam diversos aspectos, entre os quais: a relação desse grupo com a cidade de Brasília, bem como com a escola, com a família e com práticas de cidadania. Além disso, essa pesquisa também entrevistou pais e professores para que se tivesse conhecimento da percepção deles a respeito dos jovens. Porém tal estudo focalizou apenas os jovens de classe média, moradores do Plano Piloto de Brasília. Assim, a realidade dos jovens pertencentes à periferia do Distrito Federal não foi analisada, sendo, portanto, invisibilizada.

Outra pesquisa também apoiada pela Unesco acerca da juventude foi o estudo intitulado *Juventude, juventudes: o que une e o que separa*, publicado em 2006 e coordenado por Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro, ambas sociólogas. Essa publicação é mais abrangente, pois está voltada para os hábitos, os comportamento e os valores dos jovens de todo o Brasil. Nesse estudo, a juventude é concebida não como um grupo homogêneo, mas heterogêneo, uma vez que há várias juventudes “definidas e caracterizadas segundo diferentes situações, vivências e identidades sociais” (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006, p. 9). Para se mapear os diversos perfis e realidades dos jovens no país, foram aplicados questionários em todas as unidades da federação. O estudo é extenso e está organizado em temas, como: aspectos sociodemográficos dos jovens brasileiros, educação, trabalho, participação política, sexualidade, lazer e cultura, drogas e a percepção da juventude pelos próprios jovens. Um dos objetivos centrais dessa pesquisa foi contribuir de modo significativo para a formulação e a implementação de políticas públicas efetivas direcionadas aos jovens brasileiros.

Outro estudo relevante sobre a juventude brasileira é o *Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil, 2014*, produzido com o apoio da Secretaria Nacional de Juventude da Secretaria-Geral da Presidência da República e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e coordenado pelo sociólogo Júlio Jacobo Waiselfisz. Esse estudo compilou os dados de

violência contra os jovens entre os anos de 1980 e 2012. Tal pesquisa diagnosticou que a principal causa de morte de jovens de quinze a vinte e nove anos no Brasil são os homicídios. Os mais atingidos são, principalmente, jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos.

Portanto, a partir de meados do século XX até a atualidade, diversas pesquisas acadêmicas se voltaram para a realidade social dos jovens brasileiros, uma vez que esse grupo possui diversidade e idiossincrasias que o constituem de modo bastante singular.

2.8.4 Planaltina: perspectivas histórica e social

Nesta seção, serão apresentadas mais informações acerca de Planaltina DF. A cidade surge como um povoado localizado no Planalto Central, em meio ao Cerrado, em meados do século XIX. A tradição oral conta que inicialmente esse lugarejo recebeu o nome de Mestre D'Armas, por causa de um famoso ferreiro que morava nessa região. Em 19 de agosto de 1859, por meio de lei, o Distrito de Mestre D'Armas foi considerado como pertencente ao município de Formosa (Goiás). Considera-se que a fundação da cidade ocorreu nessa data.

Em 1982, o Presidente da República Flávio César Farias cria a *Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil*, também conhecida como *Missão Cruls*, que ficou responsável pela demarcação da área onde seria construída a futura capital do país. Documentos históricos apontam que o grupo chegou a Formosa (Goiás) e se dividiu em quatro grupos para a delimitação de cada um dos lados do quadrilátero destinado à construção da nova capital.

Somente após pouco mais de meio século da fundação, a cidade é denominada de Planaltina, conforme lei publicada em julho de 1917. Não há explicações fundamentadas para escolha do nome Planaltina, mas um significado possível seria o coração do Planalto Central. Outro fato marcante na cidade foi o assentamento da Pedra Fundamental, em 1922, por determinação do Presidente da República Epitácio Pessoa para demarcar o local no qual se pretendia construir a futura capital do Brasil.

No dia 21 de abril de 1960, Brasília é inaugurada como a nova capital do Brasil. A partir disso, a cidade de Planaltina teve seu território desmembrado em duas partes, pois a área delimitada pelo quadrilátero da *Missão Cruls* apenas incorporava uma parte da cidade. Assim, surgem Planaltina DF e Planaltina de Goiás. A primeira é uma região administrativa do Distrito Federal, já a segunda é um município que pertence ao estado de Goiás. A partir de 1964, por meio da lei nº 4.545, de 10 de dezembro, Planaltina DF foi considerada como RA (Região

Administrativa) VI. Essa cidade está organizada territorialmente em bairros, conforme pode-se observar no mapa abaixo.

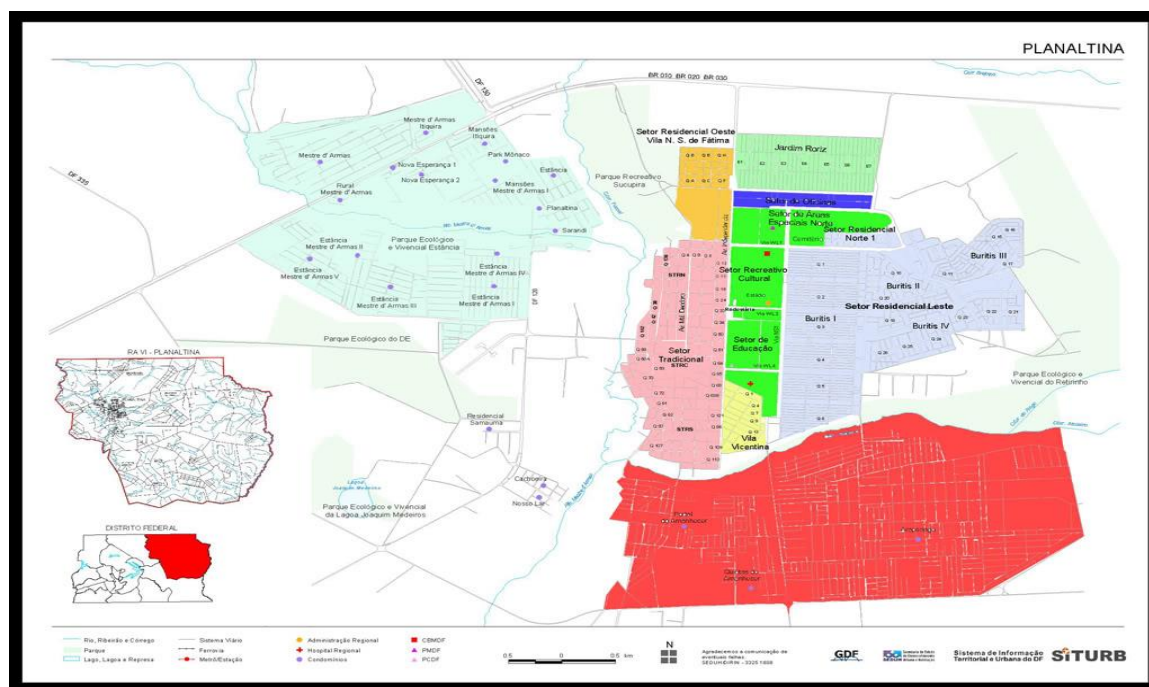


Imagem 2: Bairros de Planaltina DF.

De acordo com os dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) 2015, Planaltina DF possui uma população urbana de 189.412 habitantes. Desse total, 48,90% correspondem ao sexo masculino e 51,10% ao feminino. Quanto aos grupos de idade, a cidade abriga 22.117 (11,68% da população total) jovens da faixa etária entre 19 e 24 anos. Em relação à cor da pele, 69,51 dos moradores dessa RA se autodeclararam pardos, 5,75% negros e 24,67% brancos.

A PDAD 2015 dessa cidade também revela que 53,51% dos residentes nasceram no Distrito Federal, enquanto os demais, 46,49%, são formados por imigrantes naturais da região nordeste, principalmente.

Quanto ao nível de escolaridade, a PDAD 2015 indica que boa parte da população, 38,73%, possui apenas o ensino fundamental incompleto, seguido pelo ensino médio completo com 20,08%.

No tocante à ocupação profissional da população de Planaltina DF, 47,47% possuem trabalho remunerado. E o setor que mais emprega esse grupo é o comércio, representando 34,27%. E do total de trabalhadores, 40,35% trabalham no Plano Piloto e 37,81% na própria região administrativa.

Portanto, Planaltina DF, que está localizada a aproximadamente 40 Km do Plano Piloto, constitui-se como uma cidade centenária, com 159 anos, marcada por fatos políticos,

históricos e sociais que, sem dúvida, contribuíram para a consolidação da identidade, inclusive linguística, dessa localidade.

2.8.5 Participantes da pesquisa

Pretendeu-se selecionar doze colaboradores com a faixa etária entre 18 e 24 que nasceram em Planaltina DF e nela residiram desde a data de nascimento até a atualidade (no caso, até a data de realização das entrevistas desta pesquisa). Busca-se investigar a relação existente entre a variedade linguística desses jovens e a situação de exclusão social vivida por eles.

A escolha por essa faixa etária se justifica, pois, de acordo com o artigo 4º, inciso I, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a educação básica é obrigatória e gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade. Dessa maneira, em uma situação ideal, se determinado indivíduo tem acesso à educação básica desde os quatro anos de idade, na pré-escola, e consegue permanecer frequentando a escola, além de ser aprovado em todas as séries ou etapas, conclui o ensino médio por volta dos 18 anos, estando apto a ingressar em um curso de graduação. Se isso ocorrer no ano seguinte à conclusão do Ensino Médio, esse indivíduo provavelmente terá concluído até os 24 anos um curso de ensino superior. Por essas razões, o recorte adotado nessa pesquisa corresponde à faixa etária entre 18 e 24 anos, considerando que uma parcela dos jovens planaltinenses foi excluída da formação acadêmica antes da idade prevista para a sua saída.

Apesar de ser recomendado que o estudante conclua a educação básica aos 18 anos, no máximo 19 anos, essa não é a realidade de boa parte da juventude planaltinense. Consoante a Pesquisa Distrital por amostra de Domicílios – PDAD 2015, parte significativa da população de Planaltina DF (39,4%) possui apenas o ensino fundamental incompleto, 20,08% concluiu o ensino médio e somente 6,41% com nível superior completo.

Além disso, geralmente, tais jovens não possuem a oportunidade de ingressar no ensino superior pela condição socioeconômica vulnerável e pela ausência de políticas públicas efetivas que os atendam. Sem qualificação profissional, esses indivíduos se inserem no mercado de trabalho em vagas de emprego que, além de consumir boa parte da carga horária semanal, impedindo-os de continuar a estudar, pagam salários tão baixos que não proporcionam sequer condições de vida digna. Assim, a vida escolar dessa faixa etária, bem como as condições sociais e econômicas podem revelar a condição de desigualdade e de vulnerabilidade vivida pelos jovens de Planaltina DF.

A fim de se constituir uma amostra com representatividade, o grupo de colaboradores é composto por indivíduos empregados ou desempregados entre 18 e 24 anos:

- (i) 2 mulheres e 2 homens que ainda estavam cursando a educação básica. Esse grupo foi encontrado no Centro Educacional 1 de Planaltina DF, escola pública que oferece Educação de Jovens e Adultos;
- (ii) 2 mulheres e 2 homens que concluíram a educação básica e estão cursando o ensino superior. Esse grupo foi encontrado na Universidade de Brasília - *Campus Planaltina*;
- (iii) 2 mulheres e 2 homens que possuem ensino superior completo. Foram encontrados a partir da indicação feita pelos participantes dos dois grupos anteriores.

A seguir serão apresentados os instrumentos usados para gerar os dados desta pesquisa.

2.9 Técnicas de pesquisa

Segundo André (2012), para geração de dados, os etnógrafos podem empregar as seguintes técnicas: observação participante, entrevista intensiva e análise de documentos. Nessa perspectiva, sempre privilegiando a interação entre pesquisador e informante, nesta pesquisa, a geração de dados ocorrerá por meio dos instrumentos intitulados observação participante e entrevista.

2.9.1 Observação participante

Em uma pesquisa acadêmica, observar significa apreender os hábitos e as ações de indivíduos no cenário de campo. Para tanto, o observador deve utilizar os cinco sentidos. Ele também precisa ter consciência dos preconceitos que podem interferir na observação e buscar colocá-los de lado. Assim, será possível perceber, absorver e registrar detalhadamente o campo de pesquisa.

Conforme Erickson (1988, p. 9),

a etnografia é especialmente interessada nos aspectos de significado que não podem ser obtidos diretamente questionando informantes. Isto envolve o uso direto da observação para gerar inferências em relação às ações habituais, julgamentos e avaliações que estariam operando fora do desinteresse consciente do falante ou do ouvinte.

Na observação participante, o etnógrafo entra em contato, interage com os participantes e também busca se envolver diretamente nas atividades da comunidade. Para registrar os dados de uma observação etnográfica, o pesquisador necessita fazer anotações de campo bem organizadas que contenham o máximo de informações, como descrição e explicação dos cenários, participantes e interação entre esses também.

Porém, Angrosino (2009, p. 53) salienta o pesquisador que é importante que se “tenha em mente que a observação participante não é propriamente uma técnica de coletar dados, mas sim o papel adotado pelo etnógrafo para facilitar sua coleta de dados”. Assim, segundo o autor, a observação participante é um estilo pessoal a ser adotado em campo para que o pesquisador seja aceito na comunidade a ser estudada.

Para que o etnógrafo realize a observação participante, é necessário que ele tente utilizar a variedade linguística da comunidade estudada, a fim de ser melhor aceito por ela. Ele também deve ter uma boa memória para registrar o observado, pois nem sempre é possível fazer isso no local de pesquisa. Assim, é importante que o pesquisador domine bem a modalidade escrita para que consiga, posteriormente, narrar o observado. Além disso, o etnógrafo não pode ter medo de perguntar sobre fatos que parecem óbvios.

Diante disso, nesta dissertação, no capítulo *Análise de dados* (p. 46), será apresentada a autoetnografia, por meio dos registros escritos e das notas do diário de campo gerados a partir da observação etnográfica da comunidade de Planaltina DF, pois o autor é morador dessa região administrativa. Assim, por meio da observação participante, ele ressignificou suas percepções dos hábitos e dos valores da população, para apresentar, como pesquisador, a realidade social, cultural e econômica dos moradores da cidade, especificamente a dos jovens.

2.9.2 Entrevista

A entrevista é uma interação, um diálogo entre pesquisador e colaborador(es) que é direcionada para que informações importantes sejam colhidas. A entrevista etnográfica tem como objetivo “sondar significados, explorar nuances, capturar as áreas obscuras que podem escapar às questões de múltipla escolha que meramente se aproximam da superfície de um problema” (ANGROSINO, 2009, p. 62).

Ao conduzir uma entrevista, o pesquisador pode iniciar com uma conversa informal para quebrar o silêncio entre ambos e também para deixar o entrevistado mais confortável naquela situação. Além disso, é também relevante olhar o colaborador nos olhos e evitar reações de reprovação ao que é compartilhado. Assim, nas entrevistas realizadas nesta pesquisa, buscou-se a construção de um ambiente informal, pois nele o colaborador não se preocupa tanto com as estruturas linguísticas utilizadas, mas apenas com o conteúdo dos enunciados, revelando a variedade vernacular. Para isso, foram escolhidos temas cotidianos nas entrevistas para que os entrevistados ficassem mais à vontade e assim o pesquisador realizasse a observação e a análise do comportamento linguístico dos colaboradores.

Minayo (2016, p. 59) classifica as entrevistas em cinco categorias:

- (a) *sondagem de opinião*: entrevista realizada com questionário previamente determinado com perguntas fechadas;
- (b) *semiestruturada*: emprego de perguntas fechadas e abertas;
- (c) *aberta ou em profundidade*: o entrevistado pode falar livremente sobre um tema;
- (d) *focalizada*: direcionada para um problema específico;
- (e) *projetiva*: uso de tecnologias visuais, como vídeos e fotos.

A fim de se gerar os dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada, que combina perguntas fechadas e abertas, permitindo uma interação mais amistosa entre o pesquisador e o colaborador. As perguntas buscaram revelar as visões de mundo, preferências culturais, posicionamento político, atuação profissional dos entrevistados. Além disso, as respostas a tais questões serviram, principalmente, como subsídio para buscar reconhecer o perfil sociolinguístico dos jovens planaltinenses.

É importante ressaltar que um roteiro de entrevista foi elaborado com algumas perguntas norteadoras. Assim, em virtude de o foco desta pesquisa ser a variação linguística entre *nós* e *a gente*, foram formuladas algumas perguntas que se remetiam tanto ao entrevistado quanto a pessoas próximas dele (amigos e/ou familiares). Por exemplo: “*Você e seus amigos se sentem seguros na cidade...*”. É bem provável que, na resposta a essa questão, o colaborador empregue os pronomes de primeira pessoa do plural. Assim, as perguntas elaboradas a partir de questões sociais e culturais foram o norte para uma conversa amistosa, a fim de se observar, investigar e analisar, com base nos dados gerados, a alternância entre *nós* e *a gente*.

Para que fossem feitas as análises à luz dos pressupostos da Sociolinguística Interacional, os dados gerados nas entrevistas foram registrados por um gravador de voz e transcritos², preservando as marcas de oralidade e os desvios da norma-padrão emitidos pelos entrevistados. Além disso, durante as entrevistas, notas foram tomadas para se registrar os elementos não-verbais presentes nessa interação entre pesquisador e entrevistado.

2.10 Aspectos éticos

É importante ressaltar que o contato do pesquisador com os colaboradores sempre se pauta em princípios éticos. Como este estudo envolveu seres humanos, foi submetido à

² As transcrições das entrevistas foram feitas tendo como referência as transcrições apresentadas nas obras de Bortoni-Ricardo (2004, 2008, 2010, 2011, 2014)

apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (UnB), que o aprovou.

Esta pesquisa não ofereceu riscos aos colaboradores, preservando o bem-estar dos envolvidos, e foram assegurados o sigilo e o anonimato deles. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, a fim de consentir com a participação na pesquisa e de declarar ciência de todas as informações referentes a ela.

Portanto, neste capítulo, foi exposto o percurso metodológico desenvolvido nesta pesquisa. Após isso, faz-se necessário também apresentar as bases teóricas que orientaram a análise dos dados gerados. O próximo capítulo se destina a cumprir tal propósito.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo são apresentados os pressupostos teóricos que orientaram as reflexões dessa pesquisa. Inicialmente, discorreu-se sobre a Sociolinguística, focalizando a vertente Interacional. Por fim, é observado o tratamento que as gramáticas tradicionais e a Linguística dão aos pronomes pessoais de primeira pessoa do plural.

3.1 Sociolinguística

Calvet (2002) reflete acerca do conflito existente entre as definições de Linguística. Uma concepção, defendida pelos estruturalistas, despreza o social, enquanto que outro conceito se relaciona ao estudo da comunidade social em seu aspecto linguístico.

O estruturalismo saussuriano considera a língua em si mesma (estrutura e forma) como objeto de estudo da Linguística, uma vez que, supõe-se, a língua é homogênea, ou seja, é empregada por todos falantes do mesmo modo. Assim, defende que a análise do código tem prioridade sobre a análise do uso. Porém, no século XX, outros pesquisadores se opuseram à tal abordagem, ao considerar que a língua apresenta muita variação e que o contexto social nesse processo é extremamente relevante.

Diante desse contexto, A Sociolinguística surgiu, em 1964, em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia. Essa conferência marca o nascimento da Sociolinguística em oposição à proposta gerativista, de Chomsky, que, assim como o estruturalismo saussuriano, também despreza os aspectos sociais na análise, focando-se na competência em vez do desempenho linguístico.

Alkmim (2012, p. 33) esclarece que

o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Conforme Alkmim (2012), Bright afirma que a diversidade linguística está relacionada ao seguinte conjunto de fatores socialmente definidos: identidade social do emissor ou falante, identidade social do receptor ou ouvinte, contexto social e julgamento social das formas linguísticas.

Assim, a Sociolinguística estuda a língua em seu uso real, a língua falada em situações espontâneas, considerando as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e

culturais envolvidos. A Sociolinguística considera que a interação é típica da realidade social. E, conforme Bortoni-Ricardo (2014, p. 26), “a variação linguística é uma marca identitária que define grupos sociais, étnicos e até políticos”.

Segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 67), a variação linguística “é considerada maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa”. As alternativas são designadas variantes, a ocorrência de cada uma delas está relacionada a fatores internos e externos à língua. De acordo com a sociolinguista, a regra variável é comumente formada por variante prestigiada e por variante popular, sem prestígio.

Nesse sentido, Alkmim (2012) explora a relação entre as variedades de prestígio e as variedades não prestigiadas. Segundo a pesquisadora, “a variedade alçada à condição de padrão não detém propriedades intrínsecas que garantem uma qualidade naturalmente superior às demais variedades. Na verdade, a padronização é sempre historicamente definida” (ALKMIM, 2012, p. 42). Desse modo, os juízos emitidos acerca de uma determinada variedade são baseados em critérios sociais e não linguísticos.

A fim de se evitar essa atitude, para se comparar as variedades de determinada língua, os linguistas lançam mão do relativismo cultural, que é definido como uma postura que não considera uma manifestação de cultura prestigiada superior a outras presentes na sociedade.

Bortoni-Ricardo (2014) analisa a variação presente no Brasil, citando as comunidades de fala de regiões de colonização e refletindo sobre o falar brasileiro. Segundo a sociolinguista, o caso de Brasília é peculiar, pois

mesmo não tendo ainda se constituído um falar brasileiro podem-se encontrar marcas identitárias no repertório linguístico dos residentes em Brasília, que analiso como resultado de três movimentos: do regional para o suprarregional, do rural para o urbano e do oral para o letrado. BORTONI-RICARDO (2014, p. 29)

Portanto Calvet (2002) sugere o vocábulo (socio)linguística, na expectativa de que o que está entre parênteses desaparecerá, já que a linguística e a sociolinguística devem ser consideradas como uma só. Não há como estudar a língua plenamente, desconsiderando os aspectos sociais envolvidos.

3.1.1 Sociolinguística Variacionista

William Labov destaca-se pelo pioneirismo na consolidação da Sociolinguística, com diversas pesquisas, entre as quais a realizada na ilha norte-americana *Martha's Vineyard*, na

qual o autor investigou a centralização de ditongos nas variedades linguísticas dos nativos da ilha e dos veranistas.

Com Labov se estabelece a Sociolinguística Variacionista. Segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 53), “a sociolinguística laboviana é também conhecida como correlacional, por admitir que o contexto social e a fala são duas entidades distintas que podem ser correlacionadas”.

A Sociolinguística Variacionista foca nos fenômenos da língua que apresentam variação instável. Nessa perspectiva, uma variável é definida como um conjunto de variantes, que são maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa. Tais variantes são determinadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Entre as variantes, há aquela que é mais prestigiada que outras.

Labov (2008) elenca as três etapas do processo de estabelecimento da variação linguística: num primeiro momento, apenas ocorre a variação entre maneiras de se dizer a mesma coisa; em seguida, umas das formas predomina sobre as outras que ainda são pouco empregadas; por fim, a forma predominante se estabelece e elimina as outras possibilidades. Assim, as variantes de um determinado fenômeno linguístico podem estar em competição e uma delas poderá prevalecer e a outra desaparecer, ocorrendo a mudança linguística.

A Sociolinguística Variacionista adota principalmente a postura metodológica do paradigma quantitativo, pois, para analisar seus dados de pesquisa, vale-se do arcabouço teórico-metodológico das Ciências Exatas, como a Estatística.

3.1.2 Sociolinguística Interacional

A Sociolinguística Interacional volta-se para a interação face a face. Consoante Bortoni-Ricardo (2014, p. 146),

a principal distinção que Gumperz faz entre a Sociolinguística interacional e a Sociolinguística laboviana é que a primeira apoia-se no pressuposto de que a interação humana é constitutiva da realidade social. Segundo esse pensador, a ordem, a estrutura etc. não são pré-determinadas, mas constituem-se na própria interação, baseadas em um conjunto complexo de fatores materiais, experienciais e psicológicos.

A Sociolinguística Interacional foi concebida por John Gumperz, linguista e antropólogo. Ao relacionar linguagem, cultura e sociedade, a Sociolinguística Interacional se fundamenta na Antropologia, na Sociologia, na Linguística, na Filosofia e na Psicologia. Assim, constitui-se uma área multidisciplinar.

Na palavras de Ribeiro e Garcez (2013, p. 11), esse campo de estudo volta-se para a interação situada no relacionamento entre indivíduos pertencentes a grupos e hábitos culturais próprios. O estudo da relação entre língua e sociedade passa a ser visto a partir do uso da fala em contextos especiais específicos (RIBEIRO e GARCEZ, 2013, p. 11).

Há duas tendências nos estudos em Sociolinguística Interacional. “A primeira tendência volta-se para o fenômeno linguístico como forma de compreender o que acontece nas interações sociais, entre falantes de culturas diferentes” (PEREIRA, 2002, p. 8). “A segunda tendência volta-se para a fala, o discurso, como forma de compreender as unidades linguísticas encontradas, traduzindo o interesse específico em compreender como as unidades linguísticas funcionam nas conversações” (PEREIRA, 2002, p. 8). Desse modo, a primeira perspectiva busca investigar os tipos de relacionamentos construídos por meio da fala; enquanto que a segunda tendência focaliza os aspectos linguísticos determinantes nas interações, tais como as relações entre discurso e gramática.

Assim, a Sociolinguística Interacional fundamenta-se nos estudos de John Gumperz, Erving Goffman e Dell Hymes. As contribuições de cada um serão apresentadas a seguir.

3.1.2.1 Contribuições de Gumperz

John Gumperz é considerado um dos principais fundadores da Sociolinguística Interacional. Para se abordar a diversidade linguística e cultural a partir das relações entre cultura, sociedade e indivíduo, nesse campo de estudo, consideram-se os processos comunicativos presentes nas interações humanas. É por meio deles que se percebem as identidades sociais, que são mutáveis e delimitadas geralmente por gênero, etnia e classe. Assim, a Sociolinguística Interacional focaliza a prática comunicativa, o mundo real no qual as forças interativas e sociais surgem.

Conforme Pereira (2002, p. 10),

na sociolinguística da comunicação de Gumperz, a linguagem é então considerada como um sistema simbólico construído social e culturalmente, que em seu uso reflete os significados de macro nível social (isto é, identidade do grupo, diferenças de status) e cria significados de micro nível social (o que alguém está dizendo e fazendo em um dado momento).

A fim de se compreender melhor os processos interativos, Gumperz (2013) ressalta a importância de se analisar as pistas de contextualização, que são os traços empregados pelo falante que sinalizam ao ouvinte o que de fato está acontecendo em determinada interação. De acordo com Gumperz,

[...] é através de constelações de traços presentes na estrutura da superfície das mensagens que os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam qual é a atividade que está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e *como* cada oração se relaciona ao que se precede ou sucede. Tais traços são denominados *pistas de contextualização*. Na maioria dos casos, elas são usadas e percebidas irrefletidamente, mas raramente observadas em nível consciente e quase nunca comentadas de maneira direta (GUMPERZ, 2013, p. 152).

Assim, as pistas de contextualização podem se manifestar não apenas como *pistas linguísticas* (emprego de diferentes estilos e códigos), mas também como *pistas prosódicas* (o tom de voz, o acento e a entonação), *paralinguísticas* (as pausas, as hesitações) e *não-verbais* (expressões faciais, direcionamento do olhar, gestos, distanciamento entre os interlocutores). Em entrevista à revista *PaLavra*, Gumperz (2002, p. 31) ressalta que “as pistas de contextualização nunca operam isoladamente. Sempre reagimos à co-ocorrência de uma constelação de pistas de contextualização tais como escolha lexical, ritmo, prosódia, pronúncia”.

Contudo nem sempre o interlocutor percebe as pistas emitidas pelo falante. Desse modo, provavelmente, haverá mal-entendidos ou estranhamentos na interação. Isso ocorre porque os significados das pistas de contextualização são implícitos e partilhados pelos membros de determinado grupo e, ao mesmo tempo, podem ser desconhecidos por indivíduos que não pertencem a tal agrupamento, provocando falhas na comunicação entre ambas partes.

3.1.2.2 Contribuições de Goffman

Erving Goffman (2012) aponta a situação social que emerge nas interações face a face como um promissor ambiente de pesquisa. Uma situação social surge quando ocorre o encontro entre dois ou mais sujeitos na presença imediata um do outro e dura até que haja pelo menos dois indivíduos interagindo. Goffman (2012, p.17) define tal termo como

um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante.

Nessa perspectiva, regras culturais e de convivência determinam de que maneira os indivíduos devem agir uns com os outros em um dada situação social.

Goffman (2012, p. 19) destaca a organização social da conversa, ao esclarecer que “a conversa é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas”.

Em qualquer conversa, uma determinada mensagem só pode ser compreendida adequadamente ao se levar em consideração o enquadre na qual está inserida. Bateson (2013) introduziu o conceito psicológico de enquadre ou *frame* nas Ciências Sociais. Segundo o autor, o enquadre determina a organização da experiência na vida, oferecendo instruções de como os participantes devem compreender as mensagens presentes em uma interação. Uma dada sentença pode ser compreendida de modos distintos se enunciada em um enquadre de ironia ou em um de brincadeira. Assim, o enquadre aponta em uma interação o que de fato está acontecendo e a postura e as atitudes esperadas dos participantes.

A noção de enquadre é desenvolvida em uma perspectiva sociológica por Goffman, que lança mão do questionamento “*O está acontecendo aqui?*” para conduzir os estudos sobre *frames*. Conforme Goffman (2012, p. 10) um *frame* ou quadro é “uma coletividade de definições de situações que governam eventos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles”. Dessa maneira,

as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. Esta é a minha definição de quadro. Minha expressão “análise de quadros” é um *slogan* para referir-me ao exame, nesses termos, de organização da experiência (GOFFMAN, 2012, p. 34).

A partir do conceito de enquadre, Goffman (2013) desenvolve a noção de *footing*, que consiste na postura, no alinhamento, na projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso a ser construído. Assim,

uma mudança em *footing* implica uma mudança de alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na forma em que conduzimos a produção ou recepção de uma elocução. Uma mudança em nosso *footing* é outra maneira de falar de uma mudança em nosso enquadre de eventos. (GOFFMAN, 2013, p. 128)

Conforme Ribeiro e Garcez (2013, p. 107), os *footings* são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação. E a habilidade de se trocar o alinhamento ou mantê-lo revela o grau de competência comunicativa dos participantes que estão interagindo.

3.1.2.3 Contribuições de Hymes

No século XX, Dell Hymes, antropólogo e sociolinguista, volta-se para a organização da fala e as funções dos elementos comunicativos e não apenas para questões estruturais. Além disso, postula que a língua não é fixa, mas dinâmica e é o resultado do que os falantes fazem

dela. Na Sociolinguística hymesiana (Hymes, 1974), encontra-se o conceito de competência comunicativa, que, conforme explica Bortoni-Ricardo (2014, p. 88),

admitindo-se a produção linguística como um componente da cultura (...), a competência comunicativa é o que habilita o falante a comunicar-se de modo aceitável com qualquer interlocutor, de seu grupo social ou da sociedade mais ampla, investido de qualquer papel social que lhe for atribuído.

A competência comunicativa é aprimorada de modo natural no decorrer da vida a partir das vivências e da oportunidade de se escolarizar que o indivíduo tiver. Além disso, o aprimoramento da competência comunicativa está relacionado ao contato com as diversas culturas e as diversas linguagens.

A Etnografia da Comunicação, postura teórica e metodológica voltada para o estudo da fala em sociedade, foi outra contribuição significativa de Hymes. Nessa perspectiva, conforme Bortoni-Ricardo (2014), são oito os componentes da pesquisa a serem observados na Etnografia da Comunicação:

1. Ambiente: “todo ato de fala situa-se no tempo e no espaço, isto é, em um determinado lugar e em um momento” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90).
2. Participantes: existem diversos tipos de participante, bem como são vários os papéis sociais que cada um desempenha na interação. Tais fatores determinam a natureza da conversa (casual ou institucional, por exemplo) e o nível de formalidade presente na interação.
3. Propósitos: apontam as finalidades de se interagir em um dada situação comunicativa;
4. Forma e conteúdo da mensagem: tratam-se do que é dito e como é dito.
5. Tom ou modo de pronunciar: é o modo que o interagente utiliza para verbalizar sua fala. É por meio desse componente que se percebe uma dada interação como uma simples brincadeira ou como um conflito.
6. Instrumentos de transmissão: referem-se à forma como acontece a transmissão da mensagem: na interação face a face, pela internet, por telefone, por carta.
7. Normas de interação e de interpretação: determinam como os indivíduos compreendem e interpretam as ações e as falas uns dos outros.
8. Gêneros textuais: é modo como se materializam os textos orais e escritos utilizados nas situações comunicativas.

Portanto tais categorias hymesianas podem ser adotadas na análise de qualquer evento comunicativo e foram incorporadas pela abordagem qualitativa da Sociolinguística e serão consideradas para se proceder à análise dos dados gerados.

Após discorrer acerca dos pressupostos da tradição de pesquisa denominada Sociolinguística Interacional, será apresentada uma revisão da literatura sobre os pronomes de primeira pessoa do plural.

3.2 *Pronomes de primeira pessoa do plural*

Nesta seção, pretende-se percorrer gramáticas tradicionais e teorias linguísticas que versam sobre a dinâmica dos pronomes de primeira pessoa do plural no português em contextos de escrita e de interação. Dessa maneira, inicialmente, o fenômeno linguístico denominado de *gramaticalização* da forma *a gente* é analisado. Em seguida, conforme orienta Bagno (2011, p. 23), para se conhecer bem a doutrina gramatical, recorre-se às gramáticas tradicionais de Cunha & Cintra (2008), Bechara (2004) e Azeredo (2011). Na sequência, as análises linguísticas de Castilho (2010) e Bagno (2011) enriquecem nossa reflexão teórica. Por fim, são apresentadas pesquisas já realizadas acerca da variação linguística entre os pronomes *nós* e *a gente* no português brasileiro.

3.2.1 *Gramaticalização da forma 'a gente'*

Zilles (2007, p. 27) defende que a forma pronominal *a gente* sofreu processo de gramaticalização, que é “a mudança linguística por meio da qual ocorre a atribuição de status gramatical a um item lexical previamente autônomo”. A gramaticalização de um vocábulo frequentemente acarreta alterações em outras estruturas sintáticas diretamente envolvidas no processo, assim, ocorre um feixe de mudanças inter-relacionadas.

O uso do pronome *a gente* acarreta mudança no paradigma da concordância verbal, ocasionando sua redução, uma vez que a forma pronominal inovadora geralmente é acompanhada de verbo conjugado na terceira pessoa do singular. Outra consequência é o fato de, na maioria das ocorrências, haver preenchimento do sujeito quando esse se refere ao pronome *a gente*, já que o sujeito nulo poderia acarretar ambiguidade por causa do verbo na terceira pessoa do singular, tornando-se impossível, a depender da oração, determinar o referencial do sujeito. Dessa maneira, “a mudança que introduz a gente no sistema pronominal não ocorre isoladamente” (ZILLES, 2007, p. 31).

Zilles (2007) apresenta a ocorrência de cada um dos mecanismos envolvidos na gramaticalização da forma pronominal *a gente*: a) **dessemantização**; b) **extensão** (uso em outros contextos); c) **deategorização**; d) **erosão** (perda de substância fonética).

A **dessemantização** caracteriza-se como a perda semântica de um item gramatical. Tal processo ocorre com o pronome *a gente*, no momento em que o sentido do vocábulo *gente*, que originalmente se referia a povo, permanece com o traço semântico de pessoa, sendo a forma *a gente* empregada como pessoa do discurso.

A **extensão** é definida como o uso do item lexical em novos contextos. Nota-se que o pronome *a gente* primeiramente é empregado com sentido genérico, estendendo-se para contextos cuja referência é específica. A fim de exemplificar, Zilles (2007) apresenta as seguintes orações: “[...] o estado a gente tem que conhecer, né? [...]” e “[...] a vó nunca deixou a gente sair assim [...]”. Na primeira oração, o pronome *a gente* refere-se a uma coletividade, enquanto que na última a forma pronominal inovadora se remete a um grupo restrito de pessoas.

A **decatégorização** acarreta a perda de propriedades morfossintáticas. No caso do *a gente*, ocorre a perda do plural gramatical, isto é, o plural *as gentes* não é considerado pronome de primeira pessoa plural, significando, assim, as pessoas. Outra alteração morfossintática é a perda do gênero feminino do vocábulo *gente*. Dessa maneira o gênero do predicativo do sujeito marcado pelo pronome *a gente* concorda com o gênero do referente, a depender do contexto.

O último mecanismo de gramaticalização é a **erosão**, que consiste na redução fonética do item lexical. Zilles aponta que a forma pronominal *a gente* pode ser realizada das quatro seguintes maneiras: *a gente*, *ahente*, *a’ente* e *‘ente*. É interessante observar que essa variação ocorre na maioria dos casos quando o pronome inovador ocupa a posição de sujeito da sentença.

Dessa maneira, Zilles (2007) comprova que todos os mecanismos inerentes à gramaticalização estão envolvidos na inserção da forma pronominal inovadora *a gente* no Português do Brasil (PB).

Spessatto (2010) também aponta a gramaticalização como o fenômeno pelo qual o substantivo *gente* passou a ser empregado como pronome *a gente* referente à primeira pessoa do plural concorrendo com *nós*. Porém permanece na forma gramaticalizada *a gente* o traço de 3ª pessoa do singular do substantivo *gente*, apesar de semanticamente se referir a 1ª pessoa do plural (falante + alguém).

3.2.2 Nova gramática do Português Contemporâneo – Cunha & Cintra

Ao apresentar as formas dos pronomes pessoais, Cunha & Cintra (2008) apenas apresentam *nós* como forma pronominal referente à primeira pessoa do plural. O pronome *a gente* não é inserido no quadro apresentado pelos autores (2008, p. 291):

Quadro 1: pronomes pessoais (Cunha & Cintra, 2008).

		Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos não reflexivos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, convosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

Nota-se que a ausência do pronome *a gente* ocorre tanto na coluna dos pronomes pessoais retos quanto na dos oblíquos, apesar de, conforme Sousa (2014, p. 23), a expressão *a gente* ser “extremamente utilizada pelos falantes de todas as idades e em diferentes contextos, formais e informais, tanto nos textos mais monitorados quanto nos menos monitorados”.

Cunha e Cintra (2008, p. 310) reconhecem que “no colóquio normal, emprega-se *a gente* por *nós*” e determinam que o verbo deve sempre ser flexionado na terceira pessoa do singular quando concordar com sujeito cujo núcleo seja *a gente*. Assim, observa-se que Cunha e Cintra não consideram a forma *a gente* como pronome, apenas como uma fórmula de representação da primeira pessoa do plural.

3.2.3 Moderna gramática portuguesa – Bechara

Evanildo Bechara (2004), ao tratar os pronomes pessoais em sua gramática, não cita em nenhum momento a possibilidade da forma *a gente* funcionar como pronome referente a primeira pessoa do plural, tanto nos pronomes pessoais retos quanto nos oblíquos. Bechara (2004, p. 164) apenas apresenta um esquema simplificado e tradicional dos pronomes pessoais:

1ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),
 2ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e
 3ª pessoa: *ele, ela* (singular), *eles, elas* (plural).
 O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu + eu*.

Tal omissão de Bechara em relação a forma pronominal *a gente* vai ao encontro das reflexões de Lopes (1996) ao apontar que as gramáticas tradicionais ainda não entraram em um consenso quanto a considerar as formas inovadoras *a gente* e *você* como pronomes pessoais. Lopes (1996) ressalta ainda que está ocorrendo uma simplificação no quadro de pronomes

peçoais e que a gramática tradicional não deveria continuar indiferente a tal fenômeno linguístico.

3.2.4 Gramática Houaiss da Língua Portuguesa – Azeredo

Azeredo (2011, p. 25) afirma que o objeto da gramática dele é “a variedade padrão escrita do português em uso no Brasil”. Ao abordar a classe gramatical dos pronomes, mais especificamente os pronomes peçoais, Azeredo (2011) já insere, ao lado de *nós*, a forma *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural, empregado quando se refere ao conjunto de indivíduos em que o *eu* se inclui. Azeredo (2011, p. 176) observa que

os brasileiros empregam em geral a forma *a gente*, especialmente na língua falada semiformal e informal, como equivalente de *nós*, seja com um valor genérico/indeterminado (como o do pronome *se*: *não se sabe / a gente não sabe*), seja para a referência dêitica situacionalmente identificada.

Porém a forma pronominal *a gente* não se restringe apenas aos contextos orais e informais, mas também está muito presente em textos de diversos gêneros textuais escritos por estudantes do ensino fundamental (BRUSTOLIN, 2010), bem como por alunos do ensino superior (SANTOS, COSTA e SILVA, 2011). Isso também ocorre com acadêmicos de nível superior.

3.2.5 Gramática do português brasileiro – Castilho

Castilho (2010, p. 207) salienta que, no português brasileiro popular, o *nós* é substituído por *a gente*, enquanto que, no português brasileiro culto, ocorre uma substituição progressiva de *nós* por *a gente*. O autor afirma que os pronomes peçoais se reorganizaram no português do Brasil, principalmente na fala. Assim, Castilho (2010, p. 477) propõe o seguinte quadro dos pronomes peçoais da variedade brasileira:

Quadro 2: pronomes pessoais (Castilho, 2010).

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	<i>eu</i>	<i>me, mim, comigo</i>	<i>eu, a gente</i>	<i>eu, me, mim,</i> Prep + <i>eu, mim</i>
2ª pessoa sg.	<i>tu, você, o</i> <i>senhor, a</i> <i>senhora</i>	<i>Te, ti, contigo,</i> Prep + <i>o senhor,</i> <i>com a senhora</i>	<i>você/ocê/tu</i>	<i>você/ocê/cê, te,</i> <i>ti, Prep +</i> <i>você/ocê (docê,</i> <i>cocê)</i>
3ª pessoa sg.	<i>ele, ela</i>	<i>o/a, lhe, se, si,</i> <i>consigo</i>	<i>ele/ei, ela</i>	<i>ele, ela, lhe,</i> Prep + <i>ele, ela</i>
1ª pessoa pl.	<i>nós</i>	<i>nos, conosco</i>	<i>a gente</i>	<i>a gente, Prep +</i> <i>a gente</i>
2ª pessoa pl.	<i>vós, os</i> <i>senhores, as</i> <i>senhoras</i>	<i>vos, convosco,</i> Prep + <i>os</i> <i>senhoras, as</i> <i>senhoras</i>	<i>vocês/ocês/cês</i>	<i>vocês/ocês/cês,</i> Prep + <i>vocês/ocês</i>
3ª pessoa pl.	<i>eles, elas</i>	<i>os, as, lhes, se si,</i> <i>consigo</i>	<i>eles/eis, elas</i>	<i>ele/eis, elas,</i> Prep + <i>eles/eis,</i> <i>elas</i>

Nota-se no quadro acima que a forma *a gente* é considerada pronome pessoal de primeira pessoa tanto do singular quanto do plural não apenas na posição de sujeito, mas também na de complemento. Apesar de o autor inserir o *nós* na coluna referente ao português formal e o *a gente* às situações informais, percebe-se que a expressão *a gente* comuta com a forma *nós* nos mesmos contextos. Isso atesta que os brasileiros compreendem os dois pronomes como sinônimos (NEVES, 2008). É importante ressaltar que, para o falante, o *a gente* pode ser sinônimo tanto de *nós* quanto de *eu*.

Outro aspecto morfossintático tratado por Castilho (2010) é a flexão dos verbos associados aos pronomes *nós* e *a gente*. Para tanto, o autor afirma que, no português padrão, a forma *a gente* faz com que o verbo seja flexionado na terceira pessoa do singular. Já no português não-padrão, os pronomes *nós* e *a gente* podem levar os verbos para a primeira pessoa do plural ou terceira pessoa do singular.

3.2.6 Gramática pedagógica do português brasileiro – Bagno

Bagno (2011) não considera os pronomes como uma *classe* de palavras, mas uma *função* que palavras de diversas classes gramaticais podem exercer, no caso, a função anafórica, que se refere à retomada ou substituição de algum elemento já citado antes. Outro argumento apresentado pelo autor é o fato de que muitos vocábulos denominados ‘pronomes’ além de procederem a retomada anafórica também funcionam como determinantes.

A partir das reflexões do linguista francês Émile Benveniste (1902 – 1976), Bagno (2011), em vez de adotar a nomenclatura *pronomes pessoais*, emprega *índices de pessoa*, que são uma categoria de palavras que representa as pessoas do discurso. Em toda interação por meio da linguagem verbal, há aquele que fala ou locutor (primeira pessoa do discurso) e aquele com que se fala ou alocutor (segunda pessoa do discurso) e esses papéis são invertidos o tempo todo entre os falantes envolvidos em um evento comunicativo. Além do locutor e do alocutor, também existe aquele de quem se fala (delocutor), que Bagno (2011) denomina como *não-pessoa*, pois esse elemento pode se referir a qualquer coisa, enquanto os índices de primeira e segunda pessoa se referem a seres humanos, pessoas, que interagem entre si.

Assim, Bagno (2011, p. 743) propõe os índices abaixo que são utilizados para se expressar a primeira pessoa do discurso:

Quadro 3: Índices de pessoa (Bagno, 2011).

INDICADORES DA 1ª PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO									
SUJEITO		OBJ. DIRETO		OBJETO INDIRETO		REFLEXIVO		COMPLEMENTO OBLÍQUO	
sing.	plural	sing.	plur.	singular	plural	sing.	plur.	singular	plural
Eu	Nós	Me	Nos	Me	Nos	Me	Nos	Mim	Nós
Me	A gente	Eu	Nós	A mim	A nós		Se	(comigo)	(Conosco)
Mim				Para mim	Para nós				A gente
				Para eu	À gente				
					Para a gente				

Como os índices da primeira pessoa do plural são o foco desta pesquisa, serão apresentadas as reflexões de Bagno (2011) acerca do emprego de tais índices nas funções sintáticas apresentadas no quadro acima. Tais funções sintáticas também serão consideradas na análise dos dados gerados por meio das entrevistas dos jovens planaltinenses.

De acordo com Bagno (2011), para a expressão do sujeito plural, há no português brasileiro uma concorrência entre *nós* e *a gente*, sendo que o segundo índice predomina. Assim

pesquisas sociolinguísticas nos informam que nas faixas etárias mais jovens a forma **nós** é francamente minoritária. Na escola e nos livros didáticos, tenta se fazer uma distinção entre **nós** e **a gente** com base na variação estilística:

nós ocorreria nos contextos mais monitorados, enquanto **a gente** ocorreria em contextos menos monitorados. Essa tentativa de descrição é, de fato, uma *prescrição*. (BAGNO, 2011, p. 743)

Em relação aos complemento verbais, Bagno (2011) apresenta o objeto direto, o objeto indireto e o complemento oblíquo. Os objetos indiretos se referem aos complementos dotados do traço semântico de *beneficiário* e introduzidos pelas preposições *a* e *para*. Como exemplo, na sentença *Comprei um livro muito interessante para você*, o complemento *para você* é o beneficiário, sendo considerado um objeto indireto. No entanto, os complementos verbais podem ter outros traços semânticos diferentes do traço de *beneficiário*. Nesse caso, temos os complementos oblíquos. Por exemplo, na oração *Preciso de tinta para terminar meu trabalho*, o complemento *de tinta* não possui o traço beneficiário, sendo considerado um complemento oblíquo. Dessa maneira, “todo objeto é complemento, mas nem todo complemento é objeto” (BAGNO, 2011, p. 453).

Bagno (2011) afirma que, no *corpus* do Nurc-Brasil³, é raríssimo o emprego da forma *nos* como objeto direto e indireto. Nesses casos, prevalece *a gente*. Já a forma *nós* é amplamente utilizada na função de objeto direto tanto por falantes cultos quanto por menos letrados. Como objeto indiretos tem-se as formas *a nos*, *para nós*, *à gente* e *para a gente*. Já como complemento oblíquo, encontram-se *conosco* e *com a gente*, sendo que a primeira é menos utilizada, principalmente, na fala com menos monitoramento.

Quanto à conjugação verbal no português brasileiro, Bagno (2011) afirma que a conjugação ‘clássica’ proposta pela tradição gramatical, como em Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2004), não corresponde ao português falado e até escrito pelos brasileiros em pleno século XXI. Diante disso, Bagno (2011, p. 539) apresenta o seguinte quadro com os paradigmas de conjugação dos verbos no português:

³ O projeto NURC (Norma Urbana Culta) reuniu dados linguísticos do português brasileiro falado nas cidades de São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre, nas décadas de 1970 e de 1980. Um dos linguistas que mais se dedicou às análises do *corpus* do NURC foi Ataliba Castilho.

Quadro 4: Paradigmas de conjugação verbal no português brasileiro (Bagno, 2011).

A		B		C		D	
eu	Falo	eu	Falo	eu	Falo	eu	Falo
tu	Fala	Tu/você	Fala	tu/você	Fala	tu	Falas
você		ele/ela		ele/ela		você	Fala
ele/ela		a gente		a gente		ele/ela	Falamos
nós		nós	nós	a gente			
a gente		vocês	Fala[m]	nós	Falamo[s]	nós	Falamos
vocês		eles/elas	Falam	vocês	Fala[m]	vocês	Falam
eles/elas				eles/elas	eles/elas	eles/elas	

Assim, no quadro, são apresentados quatro paradigmas de conjugação verbal. O autor propõe um *continuun dialetal*, em que, na extremidade esquerda do quadro, estão as variedades rurais ou rurbanas de menor prestígio social. Na extremidade direita, encontram-se as variedades urbanas de maior prestígio social, e entre esses dois extremos há uma zona intermediária.

No quadro acima, destaca-se a redução de formas verbais nos paradigmas A, B e C. Em A, há apenas duas formas: *falo* e *fala*. Em B, existem somente três formas, mas com possibilidade de duas: *falo*, *fala* ou *falam*. Em C, constam quatro formas (com possibilidade de três): as mesmas do paradigma B acrescida de *falamo[s]*. Esse fenômeno ocorre, pois os falantes obedecem à regra de economia linguística, que evita a redundância de marcas morfológicas. Nessa perspectiva, não faz o menor sentido dizer *nós falamos*, uma vez que, nesse enunciado, a pessoa verbal está marcada duas vezes: pelo índice de pessoa *nós* e pela desinência *-mos*. Assim, *nós fala* é perfeitamente aceitável conforme o princípio da economia linguística, porque a carga semântica dessa forma verbal está circunscrita à sua raiz.

3.2.7 Pesquisas sociolinguísticas acerca da variação entre *nós* e *a gente*

Existem muitas pesquisas que se dedicaram à investigação dos pronomes *nós* e *a gente* no português brasileiro em diversas regiões desse país, que é continental e bastante heterogêneo do ponto de vista social e cultural. Porém praticamente todos os trabalhos foram realizados na perspectiva da Sociolinguística Variacionista. Tais pesquisas revelam que a forma *a gente* prevalece em relação ao *nós* em quase todos os contextos sociais e linguísticos. Isso revela um comportamento inovador dos falantes brasileiros e aponta uma mudança em curso, na qual talvez a forma *nós* possa desaparecer, sendo substituída por *a gente*.

Esta pesquisa se propõe a investigar a variação entre as formas *nós* e *a gente* na comunidade de Planaltina DF, na perspectiva da Sociolinguística de cunho Interacional. Não há aqui uma preocupação em quantificar a ocorrência de tais formas nos dados gerados, mas fazer uma análise desse fenômeno com um olhar de pesquisador qualitativo. Porém, nesta pesquisa, os estudos variacionistas acerca dessa variação foram extremamente úteis para analisar os dados gerados, pois tais pesquisas fizeram um excelente mapeamento dos fatores linguísticos (contextos morfossintáticos) determinantes para o uso de uma forma pronominal ou outra.

Nos estudos variacionistas, destaca-se a dissertação de Mattos (2013), por ter estudado o fenômeno linguístico em questão no Centro-Oeste, mais precisamente no estado de Goiás. Os informantes dessa pesquisa possuem no mínimo dez anos de escolarização. O levantamento estatístico aponta que a forma *a gente* ocorre em uma frequência de 77% e *nós* em 23%.

Merece destaque também o estudo de Spessatto (2010) na comunidade Costa da Lagoa, em Florianópolis (SC). Os dados gerados apontam que, do total de 293 ocorrências dos pronomes de primeira pessoa, 72% correspondem à forma *a gente*, enquanto apenas 27% à *nós*. Assim, Spessatto (2010) constata que há o predomínio da forma pronominal *a gente* em detrimento do pronome *nós* na fala dos moradores do povoado.

Chama a atenção o fato de que, nos dois estudos citados anteriormente, as porcentagens são quase idênticas. Isso também ocorre em outras pesquisas sociolinguísticas acerca desse fenômeno, demonstrando que realmente a forma *a gente* está sendo cada vez mais utilizada pelos falantes do país nas mais diversas regiões.

Na variedade do português europeu, há poucos estudos sobre a variação entre as formas *nós* e *a gente*. Rubio (2012), ao comparar as variedades brasileira e portuguesa, constata que, nos dados linguísticos levantados em Portugal, o pronome *nós* prevalece (58%) em relação ao *a gente* (42%). Isso também ocorre no estudo de Vianna (2011), ao apontar que, em Oeiras (Portugal), a forma *nós* se manifesta em 91% das ocorrências, ao passo que *a gente* apenas em 9%. Tal fenômeno pode ser explicado pelo comportamento mais conservador dos falantes portugueses, diferentemente da postura mais inovadora dos brasileiros, ao preferir a forma *a gente*. Assim, o falante brasileiro tem um comportamento linguístico subversivo às normas gramaticais da tradição.

Diante do exposto, no próximo capítulo, será apresentada, à luz dos pressupostos teóricos já apresentados, a análise dos dados gerados nesta pesquisa.

4 ANÁLISE DE DADOS

Iniciarei essa autoetnografia⁴ me remetendo a 1991, ano em que nasci no hospital público da cidade de Planaltina DF. Assim, sou brasiliense, mais precisamente, sou planaltinense. Já meus pais são do interior de Minas Gerais e vieram adolescentes para o Distrito Federal em busca de uma vida melhor com mais oportunidades de estudo e de emprego. Nessa época, final da década de 1970, como Brasília havia sido inaugurada em 1960, indivíduos de diversos estados do país enxergavam a possibilidade de se conquistar uma vida mais digna e até mais próspera na nova capital do Brasil. Isso contribuiu para a gênese da identidade cultural de Brasília marcada pela diversidade, já que recebeu novos moradores com origens, valores, hábitos, variedades linguísticas diferentes.

Meus pais se conheceram em Planaltina DF, namoraram por alguns meses e se casaram no ano de 1987. Nessa época, a condição financeira deles era bem complicada. Diante da necessidade de terem uma casa para morar e iniciar uma nova vida juntos, compraram um lote em um bairro chamado Jardim Roriz. Nesse pequeno terreno construíram uma casa simples. Moro nessa casa até hoje. Assim, acompanhei as transformações do meu bairro e também da cidade ao longo desses vinte e sete anos.

Planaltina DF é uma cidade bastante singular. É subdividida em núcleo rural, formado por vários setores nos quais predominam chácaras e fazendas, e em zona urbana. Porém a parte considerada urbana dessa cidade ainda possui características que podem ser identificadas como resquícios de comunidades rurais.

Meu bairro, Jardim Roriz, está localizado na parte considerada urbana. Contudo tenho alguns vizinhos que criam cavalos nas muitas áreas verdes próximas às residências. Para tais moradores o cavalo serve como meio de transporte, assim como uma bicicleta. Dessa forma, não causa estranhamento na comunidade ver, em uma via pública da cidade, alguém andando a cavalo e vestido a caráter, com calças apertadas, botas e chapéu. Acredito que isso não aconteceria em uma cidade tipicamente urbana, como Águas Claras, outra região administrativa do Distrito Federal, pois, em regiões urbanizadas, os hábitos da população se distanciam bastante dos costumes rurais. Um exemplo disso nas cidades urbanas é a preferência por automóveis como meio de deslocamento em vez do uso de animais de tração, como o cavalo.

⁴ Conforme Angrosino (2009, p. 104), na autoetnografia, “o pesquisador usa a própria experiência pessoal como base de análise”. Assim, a autoetnografia consiste no modo de elaborar um relato sobre um grupo ao qual o pesquisador pertence a partir da ótica dele mesmo.

Além disso, em Planaltina DF, não encontramos indústrias, arranha-céus e *shopping centers*, marcas da urbanização e do desenvolvimento econômico. Considero o comércio da cidade bem limitado, com poucas opções de lojas de vários segmentos, tais como vestuário, eletrodomésticos. Muitas vezes, para comprar coisas básicas, preciso me deslocar para outras regiões administrativas do DF, como o Plano Piloto ou Sobradinho. Muitos moradores também notam isso no comércio de Planaltina DF e sentem a necessidade, assim como eu, de se dirigirem a outras cidades em busca de determinados produtos.

Provavelmente, a parte considerada urbana de Planaltina DF ainda possui essas características de zona rural, pois boa parte dos indivíduos que mudaram para essa comunidade vieram de zonas rurais de várias partes do Brasil e aqui mantiveram seus hábitos. Além disso, Planaltina DF é uma das cidades do Distrito Federal mais distantes (aproximadamente 40 km) do Plano Piloto, parte central e bastante urbana e desenvolvida economicamente no DF. Essa pesquisa revela, por meio dos dados gerados e analisados, que tal contexto influencia a variedade linguística dos jovens planaltinenses.

4.1 Contextualização dos ambientes de pesquisa

Quando decidi pesquisar sobre a variedade linguística dos jovens de Planaltina DF, pensei na cidade como um todo e fiquei me perguntando em quais locais da cidade tais jovens estão reunidos em uma quantidade significativa. Logo lembrei-me do *Centrão*, escola onde cursei parte do Ensino Médio e também onde trabalhei como docente em 2013. Outro lugar no qual há muitos jovens é a FUP/UnB. Assim, a fim de observar a rotina e conversar com as pessoas desses dois locais, comecei a frequentá-los.

No *Centrão*, fui muito bem recebido pela diretora, que autorizou minha entrada no espaço e se colocou à disposição. Já na FUP/UnB, não precisei de autorização para observar, pois, como também sou aluno da UnB, meu acesso ao *campus* é livre.

O *Centrão* está localizado no Setor de Educação, no centro da cidade, e próximo à rodoviária. Assim, essa escola recebe alunos que moram em diversos bairros de Planaltina DF. Frequentei esse colégio durante quatro semanas, do dia 30 de abril de 2018 a 25 de maio de 2018.

Eu observei tal espaço de segunda a sexta-feira, sempre no noturno, pois nesse horário há turmas da EJA. Geralmente, eu ficava sentado em um banco próximo ao portão de entrada dos alunos ou circulava pelos corredores da escola. Sempre buscava interagir com os alunos e com os funcionários. Dessa forma, observava, principalmente, o comportamento linguístico

desse público. Ao observar as interações, notei que a forma *a gente* foi a mais utilizada por esse grupo. A partir disso, senti a necessidade de constatar, por meio de uma entrevista, o que tinha percebido nas observações realizadas.

Percebi que alguns alunos chegavam atrasados, depois do horário da tolerância, às 19h20, justificando ao coordenador a demora pela necessidade de terem que ficar até mais tarde no trabalho, ou pelo transporte público que atrasou ou não passou no ponto de ônibus. Também ouvi explicações de que o engarrafamento na via de retorno para Planaltina DF, na BR 020, estava muito intenso. Esses relatos, que ouvi várias vezes, revelam parte das dificuldades com que esses jovens se deparam para continuar frequentando a escola.

A FUP/UnB está localizada na Vila Nossa Senhora de Fátima. Frequentei o *campus* também durante quatro semanas, de segunda a sexta-feira, do dia 30 de abril de 2018 a 25 de maio de 2018. Eu ficava em vários pontos diferentes da FUP/UnB, usualmente, do início da manhã até aproximadamente 14h, sempre interagindo com os alunos e com os funcionários. Assim, observava, principalmente, o comportamento linguístico daqueles. Ao realizar as observações das interações, identifiquei que a forma *a gente* também foi a mais utilizada por esse grupo. A partir disso, senti a necessidade de constatar, por meio de uma entrevista, o que tinha percebido nas observações feitas.

Os hábitos dos estudantes da FUP/UnB despertaram minha atenção, pois eles realmente usufruem dos diversos espaços do *campus*, além das salas de aula e da biblioteca, não só para estudar, mas também para se envolverem com movimentos artísticos, culturais e sociais. Percebi que isso não acontece no *Centrão*, onde os alunos se limitam a assistir às aulas e retornarem para casa depois de um dia, comumente, bem cansativo por causa da jornada dupla: trabalho e escola.

Os alunos da FUP/UnB têm aulas em período integral. Assim, boa parte fica o dia inteiro no *campus*. Isso lhes permite terem tempo não só para assistir às aulas da graduação, mas também para exercerem outras atividades dentro do próprio *campus*, como estágio, grupos de pesquisa, esportes, aulas de dança e idiomas.

Também notei que enquanto, no *Centrão*, segundo a diretora da escola, praticamente todos os estudantes são moradores de Planaltina DF, na FUP/UnB, a partir das conversas que tive com diversos alunos e funcionários, a realidade é outra: há discentes que moram em Planaltina DF, mas também há aqueles que residem em outras regiões administrativas do DF ou até em outros estados do país.

Assim, a partir da observação participante, no *Centrão*, no interior da própria escola, colhi as entrevistas com quatro jovens planaltinenses que são estudantes da Educação de Jovens

e Adultos. Já na FUP/UnB, entrevistei quatro discentes que ainda estão cursando o ensino superior. Somado aos três colaboradores que já concluíram a educação superior, realizei onze entrevistas, no total, e a duração média de cada uma foi aproximadamente quinze minutos. Os áudios de todas as entrevistas foram transcritos na íntegra.

Para encontrar os jovens planaltinenses que já concluíram a faculdade, recorri a indicações de amigos e familiares que conheciam pessoas com esse perfil, uma vez que eu não conhecia ninguém. Desse modo, por meio do *WhatsApp*, entrei em contato com esses indivíduos, expliquei minha pesquisa e perguntei se existia a possibilidade de me concederem uma entrevista sobre aspectos vivenciais na cidade. Não encontrei resistência desses jovens em contribuir com minha pesquisa. O interessante é que eles me receberam na casa de cada um deles, sem mesmo me conhecerem, para serem entrevistados por mim. Esse processo aconteceu no mês de maio de 2018.

Inicialmente, pretendia entrevistar quatro jovens planaltinenses que já concluíram o ensino superior. Contudo, na minha busca, durante semanas, por colaboradores com esse perfil, consegui encontrar apenas três indivíduos. Isso reflete a condição vulnerável de boa parte da juventude planaltinense, uma vez que, para um jovem com vinte e quatro anos já estar graduado, ele deveria ter ingressado na escola na idade adequada, hoje aos cinco anos. Além disso, ele teria que ser aprovado em todas as séries da educação básica e não ter interrompido os estudos para trabalhar e ajudar no sustento da família, por exemplo. Assim, ele teria ingressado no ensino superior aos dezoito ou dezenove anos, e, a depender do curso, vai levar por volta de quatro anos para se formar.

Porém, observo que, em Planaltina DF, são poucos os jovens que percorrem essa trajetória. Ao longo desses anos que moro nessa cidade, conheci alguns jovens que realmente abandonaram a escola por desinteresse nos estudos, mas boa parte parou de estudar porque precisava trabalhar para sobreviver; outras engravidaram precocemente e não conseguiam retomar os estudos, pois tinham que cuidar do(s) filho(s), já que não tinham condições financeiras de contratar uma babá ou pagar a mensalidade de uma creche. Nesse contexto, percebo a ausência do poder público para amparar esses jovens, uma vez que há poucas creches públicas na cidade. Observo que a demanda de diversas mães da comunidade não é atendida. O poder público também falha ao não dar assistência realmente efetiva aos estudantes vulneráveis economicamente para que eles não tenham que interromper os estudos.

Sem dúvida, essas condições de vulnerabilidade social influenciam o comportamento linguístico dos jovens planaltinenses, ao limitar as condições para o aprimoramento da competência comunicativa, pois eles são impedidos de continuar frequentando a escola e,

geralmente, possuem poucas oportunidades de terem acesso a culturas e a linguagens que dão condições a eles de circularem entre as diversas esferas sociais.

4.2 Perfil sociolinguístico dos envolvidos na pesquisa

A fim de traçar o perfil sociolinguístico dos colaboradores desta pesquisa, considero o *contínuo de urbanização*⁵ proposto por Bortoni-Ricardo (2004) para se compreender a variação no português brasileiro. Assim, situo os jovens planaltinenses no ponto intermediário entre a zona rurbana e a extremidade referente às variedades urbanas padronizadas, uma vez que, nos dados linguísticos gerados pelas entrevistas, os colaboradores não utilizaram palavras e expressões típicas dos falares rurais, mas empregaram vocábulos e estruturas linguísticas que se manifestam em todos os pontos do contínuo de urbanização. Percebi também que a variedade linguística dos indivíduos entrevistados não se situa no polo referente às variedades urbanas padronizadas, apenas se aproxima desse ponto. Isso será exemplificado nas próximas páginas à medida que eu apresentar ao leitor os excertos das entrevistas colhidas.

Além disso, considero necessário apresentar outras informações sociais dos envolvidos nesta pesquisa. Começarei por mim. Tenho vinte e sete anos. Considero-me negro. O fato de eu me autodeclarar negro já provocou espanto em algumas pessoas, porque elas acham que eu sou no máximo pardo, mas, ao me enxergar no espelho, reconheço em mim muitas características físicas de negros, além da cor da pele. Sempre morei no bairro intitulado Jardim Roriz e na mesma casa, com meus pais e um irmão. A renda domiciliar mensal da minha família está na faixa entre 5 a 10 salários mínimos. Em relação a escolaridade dos meus pais, minha mãe concluiu o ensino médio e meu pai teve a oportunidade de estudar até o quinto ano do ensino fundamental.

Assim como fiz comigo, apresentarei os perfis sociais dos meus colaboradores nesta pesquisa. É importante ressaltar que os nomes citados por mim são fictícios.

Clara tem vinte e três anos e é graduada em Pedagogia. Autodeclara-se parda. Ela nasceu em Planaltina DF e também sempre morou no Jardim Roriz. Porém, não nos conhecíamos até a entrevista que fiz com ela para essa pesquisa. Ela mora com os pais e o

⁵ Conforme Bortoni-Ricardo (2004), o *contínuo de urbanização* é uma linha na qual em uma das extremidades se localiza as variedades rurais isoladas e na ponta oposta estão as variedades urbanas padronizadas. Já na zona intermediária encontra-se a área rurbana.

irmão. A renda domiciliar mensal da família dela está na faixa mais de 5 a 10 salários mínimos. Em relação a escolaridade dos pais dela, ambos concluíram o ensino médio.

Maria também possui vinte e três anos e é graduada em Pedagogia. Ela e a Clara estudaram juntas na faculdade. Maria autodeclara-se negra. Ela nasceu em Planaltina DF e há cinco anos mora no Setor residencial Oeste, conhecido também como Setor Militar, bairro recente na cidade. Antes ela morava no Jardim Roriz. Ela mora com os pais e dois irmãos. A renda domiciliar mensal da família dela está na faixa mais de 5 a 10 salários mínimos. A mãe dela possui especialização em Ciência e Tecnologia e o pai conclui o ensino médio.

João tem vinte e quatro anos e concluiu um curso tecnólogo em Informática. Ele autodeclara-se branco. Ele nasceu em Planaltina DF e sempre morou na Vila Buritis. João mora com os pais e a irmã mais nova do que ele. A renda domiciliar mensal da família dele está na faixa mais de 20 salários mínimos. O pai dele conseguiu estudar até o quinto ano do ensino fundamental, já a mãe conclui o ensino médio.

Carlos possui dezoito anos e é estudante da segunda etapa do terceiro segmento da Educação de Jovens e Adultos. Autodeclara-se negro. Ele nasceu em Planaltina DF e sempre morou no Arapoangas. Ele mora com a mãe e dois irmãos. A renda domiciliar mensal da família dele está na faixa mais de 5 a 10 salários mínimos. A mãe concluiu o ensino médio e o pai o ensino fundamental.

Ana tem vinte e um anos e cursa a terceira etapa do terceiro segmento da Educação de Jovens e Adultos. Autodeclara-se parda. Ela nasceu em Planaltina DF e sempre morou no Arapoangas. Ela mora com o pai e o irmão. A renda domiciliar mensal está na faixa mais de 2 a 5 salários mínimos. A mãe estudou até o nono ano do ensino fundamental e o pai até o quinto ano.

Pedro possui dezoito anos e é aluno da segunda etapa do terceiro segmento da Educação de Jovens e Adultos. Autodeclara-se pardo. Ele nasceu em Planaltina DF e sempre morou no Arapoangas. Ele mora com a mãe. A renda domiciliar mensal está na faixa mais de 2 a 5 salários mínimos. A mãe é formada em Pedagogia e Pedro não soube informar a escolaridade do pai, pelo fato de não terem praticamente nenhum contato.

Flor tem dezenove anos e cursa a segunda etapa do terceiro segmento da Educação de Jovens e Adultos. Ela estuda na mesma turma que o Carlos. Flor autodeclara-se parda. Ela nasceu em Planaltina DF e sempre morou na Estância. Ela mora com os pais, um irmão e uma irmã. A renda domiciliar mensal está na faixa mais de 1 a 2 salários mínimos. Os pais possuem o ensino fundamental incompleto.

Márcio possui vinte e três anos e é aluno do curso de graduação em Gestão de Agronegócios da FUP/UnB. Autodeclara-se pardo. Ele nasceu em Planaltina DF e sempre morou no Jardim Roriz. Ele mora com os pais, um irmão, uma irmã e um sobrinho. A renda domiciliar mensal está na faixa mais de 2 a 5 salários mínimos. Os pais estudaram até o quinto ano do ensino fundamental.

Sofia tem vinte e um anos e também cursa a graduação em Gestão de Agronegócios na FUP/UnB. Autodeclara-se branca. Ele nasceu em Planaltina DF, já morou no Arapoangas, mas hoje reside na Vila Buritis. Sofia mora com o companheiro. A renda domiciliar mensal está na faixa mais de 1 a 2 salários mínimos. Os pais possuem o ensino fundamental incompleto.

Luís possui vinte e um anos e também é aluno do curso de graduação em Gestão de Agronegócios da FUP/UnB. Autodeclara-se pardo. Ele nasceu em Planaltina DF e sempre morou na Vila Buritis. Ele mora com os pais e um irmão. A renda domiciliar mensal está na faixa mais de 1 a 2 salários mínimos. Os pais concluíram o ensino médio.

Alice tem dezenove anos e cursa a licenciatura em Ciências Naturais na FUP/UnB. Autodeclara-se parda. Ele nasceu em Planaltina DF e sempre morou no Jardim Roriz. Alice mora com os pais e um irmão. A renda domiciliar mensal está na faixa mais de 2 a 5 salários mínimos. A mãe possui especialização em Psicopedagogia e o pai concluiu o ensino médio.

Diante disso, a fim de analisar as entrevistas colhidas e dar continuidade a autoetnografia, considere os seguintes temas, elaborados a partir do roteiro de entrevista semiestruturada:

- ✓ Escolarização e trabalho;
- ✓ Acesso à cultura e ao lazer;
- ✓ Violência em Planaltina DF;
- ✓ Preconceito sofrido por ser morador de Planaltina DF;
- ✓ Pergunta feita antes de encerrar a entrevista.

4.3 Escolarização e trabalho

Estudei em escolas públicas de Planaltina DF na educação infantil, no ensino fundamental e em parte do ensino médio. Logo após concluir o ensino médio, ingressei no curso de Letras Português na Universidade de Brasília. Hoje, aos vinte e sete anos, possuo uma especialização *lato sensu* e curso o mestrado em Linguística na UnB.

Apresentei minha trajetória acadêmica a fim de propor uma reflexão. Observo que quase todos os meus amigos e os meus colegas também moradores de Planaltina DF, com a

mesma idade que a minha ou mais jovens, não percorreram esse caminho traçado por mim. Boa parte deles conseguiu concluir apenas o ensino fundamental. Isso me deixa intrigado. Reconheço que essa é uma questão social bastante complexa que envolve muitos fatores, entre eles questões familiares, financeiras, sociais.

Mas acredito que, se hoje eu estou cursando um mestrado, isso deve ao fato de que meus pais sempre puderam me oferecer pelo menos o mínimo emocional e materialmente para que eu continuasse a estudar. Isso, sem dúvida, reflete no sucesso da vida escolar do indivíduo.

Noto que tais amigos e colegas infelizmente não tiveram a mesma “sorte” do que eu. Lembro de vários colegas e amigos da época em que eu cursava a educação básica que me relatavam que não tinham tomado café da manhã antes de ir para escola, pois não tinham o que comer em casa. Assim, uma parte necessitou interromper os estudos para trabalhar e tentar garantir a própria sobrevivência.

Também me recordo de alguns amigos e colegas também da época em que eu cursava a educação básica terem dificuldade para aprender determinadas disciplinas. Eu também tinha dificuldades, porém meus pais conseguiam tirar muitas das minhas dúvidas, apesar da baixa escolaridade deles, e acompanhar meu rendimento escolar. Parte significativa dos meus colegas e amigos não tinham esse suporte da família.

Assim, dos colaboradores que entrevistei, percebi que Maria possui uma realidade familiar bem parecida com a minha. E Maria também obteve sucesso escolar, pois aos vinte e um anos já havia concluído o curso de Pedagogia. No trecho da entrevista apresentado a seguir, Maria explica por que valoriza os estudos e relata as dificuldades que ela e seus amigos encontraram na vida de estudantes. Em todos os excertos apresentados a seguir, **P** se refere a mim, o pesquisador, e **E** ao entrevistado.

Excerto 1: entrevista com Maria.

- (1) **P:** — E assim, Maria, qual a importância dos estudos na sua vida?
- (2) **E:** — *Ah, pra mim é essencial conhecimento, quem tem conhecimento tem tudo na vida. E assim, eu sempre tive o desejo de crescer na vida. Eu acho que não tem outra forma do ser humano crescer, se não for através do estudo. Acho que é... só isso.*
- (3) **P:** — E vocês aqui da sua casa, vocês pensam o que sobre a importância dos estudos?
- (4) **E:** — *Também, achamos que é essencial. Todo mundo aqui... só meu pai que agora vai entrar na graduação também, todo mundo já tem nível superior também.*
- (5) **P:** — *Hum.* Qual a idade dos seus irmãos?
- (6) **E:** — *Mais velho tem vinte seis, mais novo tem dezenove.*

(7) **P:** — É... na época de faculdade, é... quais eram as dificuldades que você e seus amigos tinham em comum pra fazer aquele curso?

(8) **E:** — (Move o olhar para cima, pausa) *Ônibus, transporte público pra chegar até a faculdade. Nós estudávamos na Asa Sul, quando nós começamos ainda era aquelas empresas antigas de ônibus que tinha em Planaltina...*

(9) **P:** — *Uhum.*

(10) **E:** — *Então muitas vezes o ônibus quebrava, chegávamos atrasados, tínhamos que sair daqui cinco e meia da manhã pra chegar oito horas na faculdade e também, assim das pessoas que estudaram comigo no ensino médio muitas desistiram de estudar porque não tinha como pagar. Porque o valor das mensalidades era alto. Ainda não tinha tantos programas como tem agora, PROUNI... PROUNI tinha na verdade, mas o PROUNI era só pra faculdade federal e longe daqui. Vestibular muito concorrido. Então quem não passava tinha que pagar.*

Com relação ao emprego dos pronomes de primeira pessoa do plural, percebi que, nesse excerto, Maria empregou apenas estruturas linguísticas com a forma *nós*. Provavelmente, Maria monitorou⁶ a fala dela pelo menos no início da entrevista, pois, antes de ser entrevistada, ela me fez diversas perguntas acerca da minha pesquisa e da minha profissão. Assim, para não ser mal educado, informei que eu estava fazendo um mestrado em Linguística e que eu sou professor de Língua Portuguesa. Contudo, não comentei com a colaboradora que investigava o emprego dos pronomes *nós* e *a gente* pelos jovens planaltinenses. Omiti essa informação, pois buscava uma interação o mais espontânea possível, sem direcionar o uso das estruturas linguísticas.

Em (4) e (10), Maria flexiona os verbos *achar*, *chegar* e *ter* na primeira pessoa do plural com a desinência *-mos*, conforme o português padrão, e deixa os sujeitos referentes a *nós* implícitos. Segundo Bagno (2011), isso ocorre porque os falantes seguem a regra de economia linguística, que evita a redundância de marcas morfológicas. Assim, seria redundante dizer, por exemplo, *nós chegávamos*, já que a pessoa do discurso está marcada duas vezes: pelo pronome *nós* e pela desinência *-mos*.

Em (8), Maria também usa os verbos *estudar* e *começar* conjugados na primeira pessoa do plural com a desinência *-mos*, consoante o português padrão, porém acompanhados de sujeito explícito *nós*. Chamou minha atenção a pronúncia do pronome *nós*, que está de acordo

⁶ Conforme Bagno (2017, p. 277), “diz-se que uma fala é mais monitorada quando o indivíduo que a produz presta muita atenção ao modo como está falando, submetendo-o a um alto grau de policiamento no uso de pronúncias, palavras, construções gramaticais, etc. Esse monitoramento da fala também é conhecido como grau de formalidade de uma produção verbal (oral ou escrita)”.

com a norma-padrão, sem o acréscimo do fone [I] na forma *nós*, sendo dita como *nois*, principalmente, nas variedades populares. O fato de o conteúdo das perguntas desse excerto está relacionado ao contexto escolar também influenciou o monitoramento da fala por Maria.

Quanto à interação entre pesquisador e entrevistado, nesse excerto, observei que eu emprego em (5) e (10) expressões como *Hum* e *Uhum*, respectivamente. Tais palavras funcionam como pistas de contextualização linguísticas, uma vez que sinalizam ao meu interlocutor, no caso a entrevistada, meu nível de atenção e de interesse pelo que é dito por ela.

Entre os componentes ou as categorias hymesianas a serem observadas na Etnografia da Comunicação (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), destaca-se, nesse excerto, a *forma e o conteúdo da mensagem*, uma vez que a entrevistada se preocupou tanto com o assunto quanto com as estruturas linguísticas utilizadas, revelando um estilo mais monitorado. É importante ressaltar que nesse excerto não houve mudança de *footing*⁷ (GOFFMAN, 2013, p. 128). Isso ocorre em boa parte dos excertos apresentados

Assim, a estratégia de entrevista, mesmo ela sendo semiestruturada, pode ser considerada de certa forma limitada em relação à interação, visto que, em alguns momentos da entrevista, o diálogo se limita basicamente a um bate-volta sobre um dado assunto, em que o entrevistador pergunta e o colaborador responde de imediato, sem manifestar reações não verbais, e silencia na espera do próximo questionamento.

No tocante ao conteúdo transmitido nas falas de Maria nesse excerto, percebi em (10) que Maria, assim como eu, também lamenta as dificuldades de muitos amigos e colegas em continuar a estudar, quando Maria afirma que muitos deles tiveram que abandonar a faculdade, pois não tinham condições financeiras de pagar as mensalidades.

Em (2), Maria afirma que os estudos proporcionam o crescimento do ser humano. Interpreto que, ao dizer isso, Maria se refere-se a possibilidade de um futuro melhor e de ascensão socioeconômica por meio dos estudos. Percebo que as camadas populares acreditam muito nisso.

Outra colaboradora que possui uma realidade familiar bem parecida com a de Maria e também com a minha é a Clara, que se formou em Pedagogia aos vinte e um anos. A seguir apresento um trecho da entrevista em que Clara explica as razões de considerar os estudos

⁷ Conforme Bagno (2017, p. 135), “uma mudança de *footing* sugere uma mudança nas relações com os outros, ou uma mudança no modo como os eventos são enquadrados (isto é, postos em *frames*)”. Assim, a mudança de *footing* não ocorre em boa parte dos excertos analisados nesta dissertação, pois aqui são apresentados trechos geralmente curtos e delimitados a um assunto específico, não ocorrendo, nesse recorte de interação, mudança de alinhamento ou *footing* dos participantes envolvidos no evento comunicativo analisado.

importantes na vida dela, bem como conta as dificuldades que ela e seus amigos encontraram na vida acadêmica.

Excerto 2: entrevista com Clara.

(1) **P:** — E qual a importância dos estudos na sua vida?

(2) **E:** — *Eu acho que é super importante né... porque é... pra ter... pra ter algum um futuro bom, pra ter um emprego bom o estudo é super necessário pra você estar atualizado, para você conseguir qualquer coisa na vida né...* (Cachorro se aproxima e começa a latir)

(Pausa)

(3) **E:** *Você vai gravar de novo ou não?*

(4) **P:** — Não, não vou não. Pode falar. É espontâneo.

(5) **E:** — *É espontâneo? Ah tá. Porque o cachorro apareceu agora... fiquei meio deslocada. Mas... o estudo é super importante porque tudo que a gente vê no ensino médio na escola né caí nos futuros concursos. Pra você estar bom em alguma empresa você sempre tem que tá atualizado para beneficiar essa empresa, pra beneficiar a escola. Igual no meu caso né? Como professora, eu acho que nois temos que estar estudando toda nossa vida. Então é muito importante nesses casos.*

(...)

(6) **P:** — *Você... assim... conversando... lembrando assim da... da rotina... da sua rotina e do seus colegas de turma, de faculdade, quais eram as dificuldades que vocês tinham? Que vocês tinham assim... em tá fazendo aquele curso... enfim qualquer dificuldade que você percebia que era comum entre vocês*

(7) **E:** — *Eu acho que a maior dificuldade das pessoas que estão cursando a faculdade é quando a gente inicia o estágio né?! Pra conciliar o tempo. Porque no meu caso particular, quando eu comecei o estágio, foi no segundo semestre. Eu queria me doar mais pro estágio que pra faculdade. Então assim... essa questão do tempo que pesa, né? Então é bastante complicado. E também pra quem mora em Planaltina por causa da distância. Eu cursava na UNIP... então depender do transporte público, do trânsito, então pesava demais a questão do tempo mesmo.*

No que se refere ao emprego dos pronomes de primeira pessoa, em (5) e (7), Clara usou a forma *a gente* como sujeito, respectivamente, dos verbos *ver* e *iniciar*, ambos flexionados na terceira pessoa do singular, conforme prescreve o português padrão. Em (5) e (7), a forma *a gente* pode se referir ao conjunto, à coletividade, mas como Clara se põe a falar

dela, a expressão *a gente* também pode se referir à primeira pessoa do singular, conforme o quadro de pronomes pessoais de Castilho (2010, p. 477).

Nesse sentido, pesquisas sociolinguísticas, como em Mattos (2013), apontam que raramente a forma *a gente* fica implícita na função sintática de sujeito, pois, como o verbo, geralmente, fica conjugado na terceira pessoa do singular, pode haver ambiguidade ao se identificar o referente do sujeito nas informações já apresentadas anteriormente pelos interlocutores.

Despertou minha atenção o fato de Clara, em (5), ter empregado no mesmo turno de fala as duas formas pronominais: “*a gente vê...*” e “*nois temos*”. Inicialmente, logo identifiquei a pronúncia *nois* em vez de *nós*, tal como é dita nas variedades populares.

Quanto ao emprego das duas formas em um mesmo turno de fala, Spessatto (2010) explica o *paralelismo formal e semântico* na alternância das duas formas: em uma sequência de orações cujo sujeito em todas elas se refere a primeira pessoa do plural – *nós* ou *a gente* – a primeira ocorrência do sujeito influencia as demais. Assim, por exemplo, ao optar pelo pronome *nós*, na oração inicial, as orações subsequentes tendem a apresentar sujeito expreso por meio da forma *nós* ou sujeito nulo com o verbo acrescido do morfema *-mos* ou do morfema $-\emptyset$.

Assim, em (5), Clara usa a forma *a gente* no início da fala e na última oração já utiliza a forma *nois*. Entre essas duas ocorrências, a entrevistada introduz uma oração na qual emprega um sujeito representado pelo pronome *você*, também referente a primeira pessoa. Na última oração, Clara emprega a forma *nois*. Desse modo, fica evidente, na perspectiva discursiva, que, em (5), quando a entrevistada usa o pronome *você*, na verdade, ela está se referindo à primeira pessoa, que também é expressa por *a gente*, conforme o quadro de pronomes pessoais de Castilho (2010, p. 477). Portanto o turno (5) se enquadra no caso de paralelismo semântico, explicado no parágrafo anterior, uma vez que, nesse contexto, os pronomes utilizados (*a gente*, *você* e *nois*) se referem a mesma pessoa do discurso.

Com relação à interação apresentada nesse excerto, aconteceu algo bem peculiar durante essa entrevista. Como a gente estava na casa da Clara, o cachorro dela se aproximou da gente e começou a latir, aparentemente sem motivo, enquanto ela estava respondendo, em (2), a uma pergunta feita por mim em (1). Nesse momento, Clara se desconcentrou. Assim, esse fato ocasionou uma mudança de *footing* na interação (GOFFMAN, 2013, p. 128), uma vez que, inicialmente, a gente conversava em um enquadre sobre a importância dos estudos na vida dela e a gente teve que interromper esse diálogo para, em outro enquadre, tentar acalmar o animal de estimação. Depois disso, a gente retomou a entrevista tranquilamente, mudando nossa

postura (*footing*) para se adequar ao gênero entrevista. Em (5), Clara sentiu a necessidade de responder novamente à pergunta e de reformular sua resposta.

Entre os componentes da pesquisa, no âmbito da Etnografia da Comunicação, propostos por Hymes (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), nesse excerto, destaca-se o *ambiente*. A entrevista com Clara foi realizada na casa dela. Assim, é previsível a interferência de familiares ou de outros ruídos durante a interação. Diante disso cabe ao pesquisador reagir com naturalidade e manter o foco na entrevista, como procurei fazê-lo.

Quanto ao conteúdo desse excerto, considerei relevante, em (5), o posicionamento da Clara sobre a necessidade de que um professor tem de sempre estudar. Isso ocorre porque o docente precisa se atualizar constantemente a fim de enriquecer as aulas dele. Assim, em relação à linguagem, Clara busca empregar as estruturas linguísticas prescritas pela tradição gramatical, já que a profissão dela exige um elevado monitoramento linguístico.

Observo empiricamente que são pouquíssimos jovens planaltinenses que tiveram a oportunidade de cursar o ensino superior e se formar até os vinte e quatro anos, como a Maria, a Clara, o João e eu tivemos. Na realidade, a partir de observações empíricas realizadas ao longo dos anos que moro nessa cidade, posso afirmar que somos a exceção, pois fazemos parte de uma minoria que teve o suporte básico da família para nos dedicarmos à formação acadêmica, com alimentação, moradia e não precisamos trabalhar para sobreviver, durante a nossa vida escolar⁸. Essa realidade se confirma com os dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) 2015, ao apontar que, da população total de Planaltina DF, apenas 5,78% possui nível superior completo.

Dessa maneira, ao longo desses vinte e sete anos que moro em Planaltina DF, e, também durante a observação participante no *Centrão*, conheci muitos jovens com mais de dezoito anos que haviam abandonado a escola em algum momento da vida e ainda não tinham concluído sequer o ensino médio. Entre eles, entrevistei Ana. A seguir apresento um trecho dessa entrevista, na qual Ana explica por que teve que interromper os estudos.

Excerto 3: entrevista com Ana.

(1) **P:** — É... você teve que parar de estudar em algum momento da sua vida?

(2) **E:** — *Tive.*

(3) **P:** — Por quê?

⁸ Como as questões sociais são apenas pano de fundo, as análises relacionadas a elas geralmente são de caráter pessoal ou interpretação subjetiva, uma vez que elas não são o alvo principal desta pesquisa. Porém, devido ao caráter autoetnográfico deste trabalho, permiti-me realizar.

(4) **E:** — *Porque meu pai e a minha mãe se separaram. Aí eu e minha mãe, nois mudamos lá pro Paranoá uma época, só que a gente morou lá um mês... aproximadamente um mês e voltamos para cá. Aí nisso eu tive que ajudar minha mãe, na loja, que ela tem uma agropecuária. Aí ela ficou sem condições de contratar funcionários pra trabalhar. Aí eu fui ajudar ela e parei de estudar.*

(5) **P:** — Quanto tempo?

(6) **E:** — *Dois anos.*

(7) **P:** — Dois anos sem estudar? Você tinha quantos anos? Qual idade na época?

(8) **E:** — *Eu tinha dezesseis, eu tava no segundo ano. Aí parei. Aí voltei esse ano passado.*

(9) **P:** — Ano passado? Já com qual idade?

(10) **E:** — *Com vinte.*

(11) **P:** — Com vinte.

(12) **E:** — *Entre no meio do ano. Aí fiz o segundo, e fiz vinte um agora em fevereiro e terminar agora no meio do ano.*

(13) **P:** — E como é que você se sentia quando você não tava estudando?

(14) **E:** — *Tipo assim, não vou mentir, no começo era bom. Por que cê tá... por ser jovem você não pensa nas coisas, né? Cê não percebe que no futuro vai se arrepender. Mas aí depois eu me arrependi. Nossa me arrependi muito. Já era pra mim ter... já era pra mim tá fazendo faculdade. Minha irmã já tá fazendo faculdade, tá quase terminando a faculdade de Direito e eu tô aqui nessa escola ainda. Me arrependi muito. Mas aí quando eu tive a oportunidade de voltar, primeira coisa que eu fiz foi voltar.*

No tocante ao emprego dos pronomes de primeira pessoa do plural, observei que em (4) há uma sequência de orações cujo sujeito em todas elas se refere a primeira pessoa do plural: “Aí eu e minha mãe, **nois** mudamos lá pro Paranoá uma época, só que **a gente** morou lá um mês... aproximadamente um mês e **Ø** voltamos para cá”. Todavia, não ocorre o paralelismo formal na alternância das formas *nós* e *a gente*. De fato, esse trecho apresenta uma sequência de orações cujo sujeito em todas elas se refere a primeira pessoa do plural, mas o fato de a primeira ocorrência do sujeito se referir a *nós* não influenciou todos os demais sujeitos da sentença também serem preenchidos por *nós*, ocorrendo apenas o paralelismo semântico, já que as formas *nós* e *a gente*, ambas se referindo a primeira pessoa do plural, alternam-se nesse turno de fala. Considero esse fenômeno revelador de que o falante reconhece as formas *nós* e *a gente* como equivalentes, compreendendo que é possível substituir uma pela outra na construção da sentença falada a fim de se evitar a repetição enfadonha de vocábulos.

Em (4), também despertou minha atenção a seguinte estrutura linguística com a forma pronominal *nós*: “Aí [eu e minha mãe], [nois] mudamos (...)”. Nessa oração, manifesta-se o sujeito duplo, que, em linhas gerais, consiste na movimentação de constituintes para a esquerda da sentença, em forma de tópico, podendo ser retomados no interior do enunciado por alguma classe sintática ou zero (MORAES DE CATILHO, 2001, p. 61). Nessa sentença, o sintagma “eu e minha mãe” corresponde ao tópico e o “nois” é o sujeito correferenciado. Provavelmente, esse tipo de estrutura ocorre mais em falas espontâneas, com baixo monitoramento linguístico, já que a gramática tradicional condena tal construção.

Com relação ao processo interativo presente nesse excerto, percebi que eu, como pesquisador, em (7), (9) e (11), sempre repito um trecho da resposta dada anteriormente pela entrevistada. Adotei esse recurso, que pode ser considerado uma pista de contextualização linguística, para tentar demonstrar compreensão e interesse pelo que a colaboradora respondia, a fim de tornar a interação mais dinâmica.

Das categorias de análise de um evento comunicativo, na perspectiva da Etnografia da Comunicação, apontadas por Hymes (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), merecem atenção, nesse excerto, as *normas de interação e de interpretação*, já que o diálogo flui tranquilamente, revelando que ambas partes estavam ajustadas e compreendiam perfeitamente as falas enunciadas nessa interação face a face. É importante ressaltar que, nesse excerto, não houve mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128).

Nesse sentido, Ana e os amigos dela que também são estudantes da EJA no *Centrão* encontram muitas dificuldades para continuar frequentando a escola, por várias razões. No trecho abaixo, Ana expõe os obstáculos que ela e os colegas precisam enfrentar para permanecer estudando.

Excerto 4: entrevista com Ana.

(1) **P:** — É... aqui na escola, você e seus amigos, quais são as dificuldades que vocês têm em comum assim pra tá aqui estudando?

(2) **E:** — *Dificuldade pra tá aqui? Que eu trabalho. Eu trabalho em dois empregos. Eu tenho uma lojinha, com meu irmão e eu trabalho em uma van escolar. Aí às vezes eu tô cansada, eu e minhas amigas, a gente tá assim cansada, ou sem dinheiro de passagem ou sem dinheiro pra lanche. Ou alguma coisa desse tipo assim. Mas eu sempre procuro vim. Sempre procuro. Porque eu não gosto de faltar. Perco matéria, perco explicação. Não gosto.*

(3) **P:** — E você tá trabalhando então?

(4) **E:** — *Sim. Graças a Deus.*

(5) **P:** — Trabalhando com quê?

(6) **E:** — *Eu e meu irmão a gente tem uma oficinazinha, a gente conserta bicicleta e a gente conserta umas bomba d'água... que puxa água de poço de fazenda, essas coisa assim... meu pai também trabalha com isso. E eu trabalho em uma van escolar de manhã, de tarde e antes de eu vim pra escola de noite. E quando eu venho...*

(7) **P:** — (Levanta as sobrancelhas) *Três vezes assim... três turnos, né?*

(8) **E:** — *Três turnos. Muito cansativo.*

(9) **P:** — *E aqui em Planaltina a van?*

(10) **E:** — *Aqui.*

(11) **P:** — *E a oficina também fica aqui?*

(12) **E:** — *Aqui. Na Vila Vicentina. A van, a gente faz Roriz, Buritis III, Vila de Fátima, Setor Tradicional. Várias escolas, muitas escolas mesmo. É tipo assim... é legal, porque tem as crianças e a gente se interte, sabe? Mas é bem cansativo.*

Quanto ao emprego dos pronomes de primeira pessoa do plural, notei que, em (2), Ana utilizou mais uma vez o sujeito duplo: “[eu e minhas amigas], [a gente] tá assim cansada”. Nesse enunciado, a entrevistada usa o pronome *a gente* como sujeito do verbo flexionado na terceira pessoa do singular, na forma *tá*, que é uma variante de *está*, conjugado no presente do indicativo. Nesse contexto, a forma verbal *está* perdeu a primeira sílaba *es-*. Esse processo de alteração fonética no qual ocorre o apagamento de uma sílaba do início de um vocábulo é denominado de aférese, um dos tipos de metaplasmos por supressão (BAGNO, 2011, p. 296). A forma *tá* geralmente é mais empregada em estilos menos monitorados e isso favoreceu o uso do pronome *a gente* em vez de *nós* como sujeito nesse contexto. Reconhece-se que o pronome *nós* é mais recorrente em situações mais formais ou com mais monitoramento.

Também identifiquei que, em (6), ocorreu o paralelismo formal e semântico no trecho “Eu e meu irmão [a gente] tem uma oficinazinha, [a gente] conserta bicicleta e [a gente] conserta umas bomba d'água... que puxa água de poço de fazenda (...)”. Nesse enunciado, a primeira ocorrência de *a gente* como sujeito, certamente, influenciou o emprego do mesmo pronome como sujeito nas orações seguintes, já que todos se referem à primeira pessoa do plural.

Já em (12), Ana empregou a estrutura “a gente interti”, em que a forma *a gente* funciona como sujeito do verbo *interter*, flexionado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, e muito utilizado nas variedades populares do português do Brasil, correspondendo ao verbo *entreteter*, conforme a norma-padrão. Nesse processo de transformação fonética do vocábulo *entretém* para *interti*, ocorre o deslocamento do som de *r* na segunda

sílaba. Assim, tal processo é denominado metátese, um dos tipos de metaplasmo de transposição (BOTELHO & LEITE, 2005, p. 5). Além disso, a terminação do verbo *entretém* se alterou de *-ém* para *-i*, em *interti*. A vogal média [e] da sílaba inicial de *entretém* também sofreu transformação, ao ser reduzida para [i], em *interti*, uma vez que se encontra em sílaba átona. Conforme Bortoni-Ricardo (2004), esse fenômeno é predominante nas manifestações orais do português brasileiro. Assim, provavelmente, o emprego de *interti* influenciou o uso da forma *a gente*, pois esse pronome é mais utilizado em situações informais, mas também está presente em contextos que exigem um elevado monitoramento linguístico. Além disso, nesse contexto, a forma *a gente* se refere semanticamente à primeira pessoa do singular, porque a colaboradora fala dela e não de uma coletividade, de acordo com o proposto por Castilho (2010, p. 477), em seu quadro de pronomes pessoais.

Acredito que a situação de vulnerabilidade social de Ana, que interrompeu os estudos por dois anos e que revela nas falas da entrevista um baixo domínio da variedade padrão do português, possivelmente determina as escolhas linguísticas dessa entrevistada, analisadas anteriormente.

Com relação ao processo interativo presente nesse excerto, despertou minha atenção, em (7), eu ter empregado uma pista de contextualização não-verbal, ao levantar as sobrancelhas, demonstrando certa surpresa, quando Ana me disse que trabalhava em três turnos como monitora de uma van escolar. Como achei isso pesado, senti a necessidade de perguntar para ter a confirmação, que foi apresentada em (8). Como já dito anteriormente, essa reação que eu tive (levantar as sobrancelhas) funcionou como uma pista de contextualização não-verbal, sinalizadora de que, na minha visão de mundo, é desumano um trabalho ocupar os três turnos do dia de um indivíduo. Acredito que a entrevistada não compreendeu minha reação desse modo. Talvez ela não tenha entendido o motivo do meu espanto. Desse modo, nem sempre o interlocutor percebe as pistas emitidas pelo falante, podendo ocorrer falhas na comunicação entre ambas partes, mal-entendidos ou estranhamentos na interação (GUMPERZ, 2013, p. 152).

Nesse excerto, das categorias hymesianas a serem consideradas na Etnografia da Comunicação (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), ressalta-se o componente referente aos *participantes*, uma vez que a colaboradora demonstrou se sentir à vontade, durante a entrevista, para revelar a mim questões particulares da vida dela. Assim, essa interação face a face ocorreu em um contexto de casualidade sem nenhum nível formalidade.

Em (2), Ana cita as dificuldades que ela encontra para continuar estudando. Ela afirma que conciliar o trabalho, no caso dela dois empregos, e a escola a deixa muito cansada. E Ana percebe que as amigas que estudam com ela também enfrentam essa realidade. Como não é o

propósito desta pesquisa, não investiguei o desempenho escolar de Ana, mas é bem provável que essa condição não permite que ela e as amigas se dediquem aos estudos com afinco. Isso revela a situação de vulnerabilidade social de boa parte dos jovens planaltinenses, uma vez que eles precisam enfrentar diversas barreiras para conseguirem concluir pelo menos o ensino médio. Essa realidade social reflete diretamente no comportamento linguístico de tais falantes, pois o fato de esses jovens, como Ana, não terem um pleno domínio das normas da gramática tradicional ao se expressarem em uma interação face a face, como observado, no excerto 4, por exemplo, é consequência, entre diversos fatores, da baixa escolaridade, assim como o subemprego também é.

Assim como Ana, Pedro também abandonou a escola. No excerto abaixo, em (4), ele explica que parou de estudar por desinteresse nos estudos. Mas Pedro voltou a estudar há aproximadamente um ano, pois ele sentiu a necessidade de adquirir os conhecimentos ensinados na escola, em (10) e (12).

Excerto 5: entrevista com Pedro.

- (1) **P:** — Você já teve que parar de estudar em algum momento da sua vida?
- (2) **E:** — *Sim. Eu fiquei acho que dois anos sem estudar.*
- (3) **P:** — Dois anos sem estudar? Quê que aconteceu? Por que que você ficou sem estudar?
- (4) **E:** — *Eu tava numa época que eu tava muito desinteressado na escola, aí eu tava reprovando porque eu não ia, não prestava atenção. Aí eu resolvi parar e depois voltar.*
- (5) **P:** — Então você reprovou e ainda parou ainda?
- (6) **E:** — *Sim. Sim.*
- (7) **P:** — E aí... como é que você se sentiu quando tava sem ir pra escola?
- (8) **E:** — *No começo era tranquilo, ficava mais livre, depois fui sentindo falta. Aí eu voltei.*
- (9) **P:** — Falta de quê?
- (10) **E:** — *Falta de conhecimento, né?... Cê fica meio bobo, sei lá... na escola você tá vendo o conteúdo dia a dia cê tá adquirindo conhecimento.*
- (11) **P:** — Aí depois de quanto tempo que você voltou pra escola?
- (12) **E:** — *Um ano.*

Do mesmo modo que Ana, Pedro reclama do cansaço sentido ao ter que conciliar trabalho e escola. No excerto abaixo, em (4), explica que trabalha na parte da manhã (ele é estagiário em um órgão público), à tarde faz cursos (não especificou quais) e à noite vai para a escola (*Centrão*). Em (6), ao afirmar que os amigos também enfrentam a mesma situação que

a dele, emprega a forma *a gente* como sujeito do verbo *andar*, flexionado na terceira pessoa do singular, tempo verbal que favorece o uso de *a gente* (VIANNA & LOPES, 2015, p. 118).

Em (10), Pedro utiliza as formas pronominais *cê* e *você* se referindo à primeira pessoa, sendo possível substituí-las por *a gente*, conforme o quadro de pronomes pessoais de Castilho (2010, p. 477). Assim, o colaborador adota tais expressões (*cê* e *você*) como uma tentativa de poder falar dele, afastando-se de si próprio, de modo impessoal.

Entre as categorias hymesianas a serem consideradas na análise de um evento comunicativo, na perspectiva da Etnografia da Comunicação (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), nesse excerto, evidenciam-se os *propósitos*, pois o colaborador, ao responder com detalhes às perguntas feitas por mim, demonstra compreender a finalidade dessa interação face a face, que, no caso, para ele, consiste em levantar informações sociais acerca da juventude planaltinense, a partir de uma entrevista individual. Como já expliquei anteriormente, não informei os colaboradores do meu interesse linguístico para não provocar o monitoramento da fala pelo entrevistado. Ainda é importante ressaltar que, nesse excerto, não houve o uso de pistas de contextualização (GUMPERZ, 2013, p. 152) e nem mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128).

Nesse perspectiva, apresento o excerto abaixo apenas para ressaltar as dificuldades de Pedro para continuar frequentando a escola. Assim, essa condição, sem dúvida, reflete no comportamento linguístico desse falante, ao revelar não possuir um pleno domínio da norma culta, em (4), como a ausência, conforme a gramática tradicional, de concordância nominal entre o substantivo *hora* e o numeral *onze*.

Excerto 6: entrevista com Pedro.

- (1) **P:** — E aqui na escola, quais são as dificuldades que você percebe que você e seus amigos têm em comum?
- (2) **E:** — *Em relação a aulas?*
- (3) **P:** — Dificuldade de tá aqui, de ter que... ter que estudar...
- (4) **E:** — *Ah. Eu, por exemplo, trabalho de manhã, às vezes faço curso de tarde, de noite fica meio pesado, às vezes. De acordar de manhã e só voltar pra casa onze hora da noite.*
- (5) **P:** — E os colegas?
- (6) **E:** — *Também. No caso o que eu falo me referindo a uma coisa... que a gente anda mais junto, é a mesma situação.*

Assim, do grupo de entrevistados que são estudantes da EJA, três (Ana, Pedro e Flor) trabalham e apenas um (Carlos) não e também não está à procura de emprego. Carlos me contou

que a mãe dele prefere que ele continue no treino de futebol a trabalhar. Ele disse que sonha em ser jogador de futebol profissional. Além disso, provavelmente, a situação financeira dessa família não é tão vulnerável, já que os filhos não necessitam trabalhar para auxiliar nas despesas do lar.

Já, na FUP/UnB, a realidade é bem diferente da dos alunos do *Centrão*. Os quatro entrevistados (Márcio, Luís, Sofia e Alice) não trabalham. A justificativa deles é que é inviável conciliar qualquer trabalho com a rotina de horários das aulas na universidade. No excerto abaixo, em (8), Sofia explica tal motivo e emprega a forma *a gente* como sujeito do verbo *ter*, flexionado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo.

Excerto 7: entrevista com Sofia.

- (1) **P:** — E na FUP, quais são as dificuldades que você percebe que é em comum entre você e seus colegas? Pra poder fazer esse curso, pra poder tá estudando aqui?
- (2) **E:** — *Eu acho assim, que dentro do curso é a estrutura. São poucas matérias que são ofertadas, as obrigatórias são, mas as optativas... uma não tem muito nexo com a outra. Também a gente tem os horários bastantes difíceis... uma hora tem matéria de manhã, outro dia a noite, outro dia de tarde. É complicado.*
- (3) **P:** — A rotina não é parecida né? Cada dia é de um jeito...
- (4) **E:** — *Sempre diferente. Cada semestre é diferente um do outro.*
- (5) **P:** — É difícil planejar né? Se organizar... E você tá trabalhando, Sofia?
- (6) **E:** — *Não. Não tem como trabalhar.*
- (7) **P:** — Então não tá procurando trabalho, né?
- (8) **E:** — *Não. A gente não tem como conciliar o serviço com o horário das aulas... é complicado.*

Percebo que a Universidade de Brasília de certa forma se preocupa com a dificuldade dos alunos em conciliar trabalho com a graduação, pois há um programa de assistência estudantil, que oferece aos estudantes vulneráveis socioeconomicamente bolsa de auxílio permanência, refeição gratuita no restaurante universitário, entre outros benefícios. Essa iniciativa é fundamental para a permanência na universidade dos jovens planaltinenses que são carentes financeiramente.

Entre os componentes da pesquisa no âmbito da Etnografia da Comunicação propostos por Hymes (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), nesse excerto, destaca-se o componente que se refere ao *tom ou modo de pronunciar*, pois a colaboradora verbaliza a fala dela de modo sereno, demonstrando não se incomodar em responder às perguntas feitas por mim na

entrevista. É importante salientar que, nesse excerto, não houve mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128), bem como a entrevistada não demonstrou pistas de contextualização.

Já no grupo de graduados, os três entrevistados (Clara, Maria e João) trabalham. Clara é professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Maria atua como professora e intérprete de Libras na prefeitura do município de Planaltina de Goiás. E João me informou que possui três ocupações: ele é proprietário de um restaurante e de uma loja online que comercializa produtos de informática e também é investidor da bolsa de valores.

Despertou minha atenção os tipos de trabalho exercidos pelos jovens planaltinenses entrevistados. Enquanto o grupo de graduados exercem profissões regulamentadas, como professor, ou é empreendedor; o grupo de estudantes da EJA possui subemprego, como no caso de Ana, que é monitora de van escolar, ou eles são estagiários, como Pedro e Flor. Esses dados revelam a desigualdade social existente entre os próprios grupos de jovens planaltinenses pesquisados, já que os colaboradores entrevistados possuem uma pequena diferença de idade, mas ocupam postos no mercado de trabalho com condições bem diferentes.

Assim, ao comparar as estruturas linguísticas utilizadas pelos três grupos (alunos da EJA – excertos 3, 4, 5 e 6; discentes da FUP/UnB – excerto 7; e jovens graduados – excertos 1 e 2), percebi que, enquanto os estudantes da EJA possuem uma variedade mais distante da norma culta, os já formados e os estudantes da FUP/UnB demonstram um maior domínio das normas prescritas pela tradição gramatical. Portanto essa constatação confirma a tese de que o nível de escolaridade determina o comportamento linguístico de tais jovens. Em relação ao emprego dos pronomes de primeira pessoa do plural, identifiquei que, nos excertos citados, a forma *a gente* prevaleceu em relação ao *nós*.

4.4 Acesso à cultura e ao lazer

Conforme o artigo 21 do Estatuto da Juventude, “o jovem tem direito à cultura, incluindo a livre criação, o acesso aos bens e serviços culturais e a participação nas decisões de política cultural, à identidade e diversidade cultural e à memória social”. Assim, cabe às esferas governamentais a criação, a implementação e a manutenção de efetivas políticas públicas que assegurem esse direito do jovem à cultura.

Porém, o cenário experienciado pelos jovens planaltinenses é bem diferente do prescrito no Estatuto da Juventude, uma vez que o acesso aos bens e aos serviços culturais na cidade é bastante escasso. Quando meus amigos e/ou meus familiares e eu queremos nos

divertir em Planaltina DF, não temos praticamente nenhuma opção de lazer na cidade. Diante dessa realidade, geralmente, optamos por nos reunir na casa de alguém do grupo para conversar, ouvir música, cozinhar, assistir a filmes e a séries. Essa opção também é a mais segura, pois a cidade tem um alto índice de violência.

Observei que boa parte dos colaboradores também fazem o mesmo que eu, como, por exemplo, Luís, que, no excerto abaixo, relata o que ele e os amigos dele fazem para se divertir em Planaltina DF.

Excerto 8: entrevista com Luís.

- (1) **P:** — (...) E o que que você e seus amigos fazem quando vocês querem se divertir aqui em Planaltina?
- (2) **E:** — (risos) *A gente vai pra casa de alguém pra gente beber e conversar...*
- (3) **P:** — E vocês sentem que faltam mais opções de lazer e eventos culturais na cidade?
- (4) **E:** — *Faz... também o pessoal acaba brigando nos eventos e aí...*

No que se refere ao emprego dos pronomes de primeira pessoa, em (2), Luís usa a forma *a gente* (no caso, contraída com a preposição *para*: “*pra gente*”) como sujeito do verbo *beber*, no infinitivo. Nesse enunciado, há também outra oração com a forma verbal *conversar*, cujo sujeito é implícito, mas é a referência é a mesma (*a gente*) do verbo *beber*. Nesse sentido, Brustolin (2010, p. 3) afirma que, quando o sujeito *a gente* é nulo, pode ocorrer uma confusão quanto ao seu referencial. Por isso, há uma prevalência de sujeito preenchido com a forma *a gente*. Porém, isso não acontece no caso do verbo *conversar*, em (2), pois tal forma verbal encontra-se logo após um verbo com sujeito explícito também referente a forma *a gente*.

Quanto à interação, os risos de Luís, logo após eu perguntar como ele e os amigos se divertem em Planaltina DF, funcionam como pista de contextualização paralinguística e demonstram um certo desconforto em ter que compartilhar comigo (pode-se dizer um desconhecido) fatos da intimidade da vida dele.

Nesse sentido, entre as categorias hymesianas a serem observadas na Etnografia da Comunicação (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), destaca-se, nesse excerto, o *gênero textual*, que, no caso, é a entrevista semiestruturada, já que, nesse gênero oral, geralmente, pela falta de intimidade entre pesquisador e colaborador, determinados assuntos de cunho mais pessoal não são tão expostos. Assim, cabe ao entrevistador perceber o limite do entrevistado em tratar determinados temas. No excerto acima, percebi que Luís não se sentiu confortável em oferecer mais detalhes sobre o que ele e os amigos dele geralmente fazem para se divertirem. Por isso, respeitei a postura dele e dei continuidade à entrevista. Não consegui identificar o motivo para

essa reação desse colaborador, mesmo depois de refletir sobre isso. Ainda é importante ressaltar que, nesse excerto, não houve mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128).

Nesse excerto, em (4), Luís declara que, nos eventos na cidade, as pessoas acabam se envolvendo em brigas. Essa afirmação revela parte da violência a qual estamos expostos em Planaltina DF e dialoga com a postura que meus amigos e eu temos em também nos reunirmos na casa de alguém do grupo por ser considerado mais seguro.

Nesse contexto, meus amigos e eu sempre nos encontramos para conversar sobre diversos assuntos. Nos últimos meses, um tema recorrente é a lamentável situação política do país e de como esse cenário impacta a qualidade de vida da sociedade brasileira, mais especificamente, dos moradores do Distrito Federal. Todavia, observo que, nos grupos de amigos formados por jovens planaltinenses, o tema mais frequente está relacionado à diversão, como festas, etc. No excerto abaixo, em (8) e (10), Carlos conta quais assuntos ele e os amigos dele conversam quando estão reunidos e tranquilos.

Excerto 9: entrevista com Carlos.

- (1) **P:** — *Você e as pessoas que moram com você na sua casa, quando vocês estão tranquilos, de boa, vocês geralmente conversam sobre quais assuntos? Mais ou menos o quê?*
- (2) **E:** — (risos) *O assunto é pesado...*
- (3) **P:** — *Pode compartilhar... (risos)*
- (4) **E:** — *Mais briga mesmo... mais putaria mesmo... (risos)*
- (5) **P:** — *Vocês brigam?*
- (6) **E:** — *Não, briga na rua... coisa que aconteceu na rua... e aí a gente fala um pro outro, tipo se eu briguei aqui na escola aí eu conto lá em casa... tal... só isso mesmo.*
- (7) **P:** — *E você e seus amigos, quando vocês estão de boa, tranquilos, cês conversam sobre quais assuntos?*
- (8) **E:** — *Futebol, menina, festa... só...*
- (9) **P:** — *Esses são os assuntos que vocês conversam? Vocês marcam... falam da festa que vocês foram?*
- (10) **E:** — *Que a gente vai... (risos) inclusive tem uma aí pra nois ir... essa semana aí...*

Com relação ao emprego dos pronomes de primeira pessoa, nesse excerto, em (6) e (10), Carlos usou a forma *a gente* como sujeito dos verbos *falar* e *ir*, respectivamente, flexionados na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Conforme já comentei anteriormente, na análise do excerto 6, estudos revelam que o presente do indicativo é um tempo

verbal que favorece a utilização do pronome *a gente*, pois o verbo conjugado na terceira pessoa do singular desse tempo não apresenta marca morfológica *-mos*.

Nesse excerto, identifiquei que, em (10), Carlos empregou o pronome *nós*, pronunciado como *nois*, como sujeito da forma verbal *ir*. O sintagma “*pra nois ir*” está em desacordo com o português padrão, que prescreve a concordância “correta” como *para nós irmos*. Porém, tal orientação normativa nem sempre coincide com uso real do português brasileiro, como aconteceu com a estrutura utilizada por Carlos em (10). Isso ocorre porque o falante obedece ao princípio da economia linguística, apesar de ele não ter consciência desse processo linguístico. Além disso, o emprego dessa estrutura pode ser reflexo também do nível de escolaridade do indivíduo. Retomando o conceito do princípio da economia linguística, essa explicação considera desnecessário marcar a pessoa gramatical no sujeito, por meio de um pronome pessoal, por exemplo, e também na desinência verbal. Assim, em estilos menos monitorados, é redundante a estrutura *para nós irmos*. Desse modo, parte dos falantes brasileiros em estilos menos monitorados optam, por uma questão de economia linguística, por *pra nois ir* ou *para nós ir*.

No tocante à interação, observei que a reação de Carlos, em (2), com risos (pista de contextualização paralinguística), e com a sentença “*O assunto é pesado*” (pista de contextualização linguística) diante da pergunta que fiz em (1), demonstra que o colaborador julgou que os assuntos realmente conversados com os familiares dele não poderiam ser ditos na entrevista. Provavelmente, na concepção dele, seria constrangedor revelar os reais assuntos para uma pessoa pouco próxima (no caso eu), porque tais temas não seriam pertinentes, não estariam alinhados a esse enquadre comunicativo estabelecido por meio da entrevista.

Assim, em (4), Carlos comenta que os assuntos conversados com os familiares estão relacionados à *briga* e à *putaria*, mas não se sente confortável para oferecer mais detalhes sobre isso. Diante dessa resposta, em (3), eu tento deixar o colaborador mais à vontade, ao também sorrir e ao afirmar que ele pode compartilhar o que quiser.

Entre as categorias hymesianas a serem consideradas na análise de um evento comunicativo, na perspectiva da Etnografia da Comunicação (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), nesse excerto, evidencia-se o componente que se refere aos *instrumentos de transmissão*, pois, nas entrevistas realizadas nesta pesquisa, a interação face a face foi o modo como acontece a transmissão das mensagens. É importante salientar que, nesse excerto, não houve mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128).

Já, no excerto a seguir, Pedro afirma que se reúne com os amigos dele em uma das praças da cidade. Além disso, Pedro também reclama que sente falta de eventos de *hip-hop* em Planaltina DF.

Excerto 10: entrevista com Pedro.

- (1) **P:** — (...) E o que que você e seus amigos fazem pra se divertir, quando vocês querem se divertir aqui em Planaltina, vocês fazem o quê?
- (2) **E:** — *Dá um rolê na praça, lá embaixo, toma um açaí... naquela praça ali também dá pra jogar basquete. Basicamente isso.*
- (3) **P:** — Vocês fazem isso... E você acha que falta mais opções de lazer aqui na cidade?
- (4) **E:** — *Sim. Com certeza.*
- (5) **P:** — O quê?
- (6) **E:** — *Mais praças de basquete, por exemplo, reformar as praça. Que às vezes tem o aro, mas tá quebrado, tá ligado?*
- (7) **P:** — E eventos culturais? Cê acha que falta também?
- (8) **E:** — *Falta também eventos culturais de hip-hop, principalmente...*
- (9) **P:** — De *hip-hop*. Você gosta de *hip-hop*?
- (10) **E:** — *Sim. Muito.*
- (11) **P:** — Não tem, né?
- (12) **E:** — *Não. É muito difícil. Tem, né?... mas vagos... são poucos... é raro.*
- (13) **P:** — Por que que você acha que não tem esses eventos aqui?
- (14) **E:** — *Eu diria que também pelo acesso... mas depende muito também da Prefeitura, dos contratante também... é meio embaçado (franzindo a testa)... a gente sofre muito preconceito ainda por ser uma coisa de descendência negra e etc.*
- (15) **P:** — Preconceito que você fala é por causa de quê?
- (16) **E:** — *Da onde surgiu o hip-hop em si, por às vezes contar a realidade de favelas e etc. Muitas vezes as pessoas não aceita.*

Quanto ao emprego dos verbos na primeira pessoa do plural, nesse excerto, em (14), Pedro emprega o pronome *a gente*, assim como em boa parte das entrevistas dos demais colaboradores, como sujeito de um verbo flexionado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo.

Além disso, observei, em (2), uma situação bastante particular. Em (1), quando perguntei como o entrevistado e os amigos deles se divertiam em Planaltina DF, ele responde, em (2), com três orações cujos verbos estão conjugados na terceira pessoa do singular do

presente do indicativo. Porém, o sujeito de tais verbos estão implícitos e fazem referência a primeira pessoa do discurso, por causa da pergunta realizada em (1).

Pesquisas sociolinguísticas apontam que existe a preponderância do sujeito preenchido com a forma pronominal *a gente*, ao passo que, nas ocorrências de sujeitos nulos, há a predominância do sujeito referir-se semanticamente ao pronome *nós*. Isso ocorre, pois os falantes, ao lançarem mão do pronome *a gente*, como sujeito, geralmente empregam o verbo na 3ª pessoa do singular, sem a marca morfêmica *-mos*, desinência característica da primeira pessoa do plural. Assim, caso o sujeito *a gente* fosse nulo, poderia haver uma confusão quanto ao seu referencial. Isso não acontece nas ocorrências em que o sujeito nulo se refere a *nós*, uma vez que o verbo na maioria dos casos contém a marca morfêmica *-mos* (BRUSTOLIN, 2010, p. 3).

Porém, em (2), além dos sujeitos estarem implícitos, os verbos não contêm a marca morfêmica *-mos*. Ademais, o sujeito refere-se a primeira pessoa do plural, devido à pergunta realizada em (1). Nesse caso, em um primeiro momento, parece haver duas possibilidades: o sujeito não preenchido se refere a forma *nós* e os verbos não apresentam a marca morfêmica *-mos*, emprego usual em estilos coloquiais; ou o sujeito implícito se refere a forma *a gente* e a concordância verbal está conforme o prescrito na gramática tradicional. Contudo, ao considerar todas as ocorrências⁹ de pronomes de primeira pessoa do plural na entrevista de Pedro, acredito que o referente desse sujeito implícito seja a forma *a gente*, pois tal forma foi utilizada com mais frequência pelo entrevistado comparada ao *nós*.

Quanto à interação, em (14), o colaborador franze a testa ao explicar por qual razão não acontecem eventos de *hip-hop* em Planaltina DF. Nesse contexto, o franzir da testa funciona como uma pista de contextualização não-verbal, que indica a indignação do entrevistado. Assim, em (14), Pedro responde que um desses motivos é o preconceito que o *hip-hop* sofre por ter origem na cultura negra. Além disso, em (16), o colaborador afirma que o *hip-hop* não é aceito porque revela a realidade das favelas. Esses comentários demonstram que Pedro possui olhar crítico diante dos problemas sociais. Desse modo, uma situação em que a linguagem está fora dos padrões normativos não impede o indivíduo de expressar o olhar crítico dele, fazendo à sua maneira, com a variedade linguística que domina.

Das categorias de análise de um evento comunicativo, na perspectiva da Etnografia da Comunicação, apontadas por Hymes (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), merecem atenção, nesse excerto, a *forma e o conteúdo da mensagem*, uma vez que o colaborador demonstrou se

⁹ Vide **Quadro 5** (p. 91).

empolgar tanto, ao fazer uma análise crítica acerca do cenário cultural de Planaltina DF, que o afeta diretamente, que não se preocupou com as estruturas linguísticas utilizadas, revelando uma variedade bem informal. Desse modo, quando o falante está em uma situação comunicativa mais descontraída, ele tende a não monitorar a língua, direcionando a atenção mais para o conteúdo das mensagens do que para as construções linguísticas utilizadas. Ainda é importante ressaltar que, nesse excerto, não houve mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128).

Em (6), Pedro reclama que devem existir mais quadras de basquete em Planaltina DF. Assim como ele, meus amigos e eu notamos a escassez de quadras poliesportivas na cidade. Isso é preocupante, pois dificulta a prática de atividade física dos moradores de Planaltina DF, certamente, comprometendo a saúde e a qualidade de vida dos jovens planaltinenses.

Outra queixa recorrente, tanto minha quanto dos colaboradores, é a inexistência de cinema na cidade. No excerto abaixo, Clara comenta a necessidade de um cinema e de um teatro em Planaltina DF.

Excerto 11: entrevista com Clara.

- (1) **P:** — E vocês gostariam... vocês... assim, conversando com eles (os amigos) assim, vocês gostariam de ter mais opções de lazer e eventos culturais aqui?
- (2) **E:** — *Com certeza. Por exemplo, cinema, né? Precisa muito aqui em Planaltina.*
- (3) **P:** — Cinema. Tem mais algum que vocês acham?
- (4) **E:** — *Teatro também.*
- (5) **P:** — Geralmente quando vocês querem cinema e teatro como que vocês fazem?
- (6) **E:** — *Nós vamos ao Plano né... porque é lá que tem os shoppings que contém os cinemas... aí nós temos que deslocar daqui pra ir pra lá.*

No tocante ao emprego dos pronomes de primeira pessoa do plural, identifiquei, em (6), o uso da forma *nós*, com a pronúncia de acordo com o português padrão, como sujeito explícito dos verbos *vamos* e *temos*. Pesquisas sociolinguísticas (MARTINS & VIANNA, 2015) apontam que essa construção adotada por Clara, em (6), não é a usual em situações comunicativas informais, espontâneas. Outra questão que despertou minha atenção, em (6), foi o emprego da preposição *ao*, introduzindo o sintagma *ao Plano*, porque, nessa estrutura, em estilos menos monitorados os falantes geralmente usam a preposição *para*.

Acredito que Clara monitorou as falas dela nesse excerto, pois antes da entrevista ela me questionou sobre a minha profissão e sobre o mestrado em Linguística. Desse modo, antes de ser entrevistada, Clara sabia que eu era professor de Língua Portuguesa e, provavelmente, teve uma maior preocupação em como dizer e não apenas com os conteúdos transmitidos. Por

isso, entre as categorias hymesianas a serem observadas na Etnografia da Comunicação (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), destacam-se, nesse excerto, a *forma e o conteúdo da mensagem*, pois a colaboradora certamente monitorou a fala, preocupando-se também com a forma, ou seja, as construções linguísticas utilizadas. É importante salientar que, nesse excerto, não houve mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128), bem como a entrevistada não fez o uso de pistas de contextualização.

Assim como Clara, todos os colaboradores se queixaram pelo fato de terem que se deslocarem para outra cidade quando querem ir ao cinema. O cine mais próximo de Planaltina DF localiza-se em Sobradinho a aproximadamente 20 km. Isso se torna um problema, pois percebo que boa parte dos jovens planaltinenses não possui carro próprio. Assim, eles dependem do transporte público, que funciona precariamente. Também compartilho da mesma insatisfação e confesso que não compreendo por qual motivo em Planaltina DF não há salas de cinema, já que na cidade existe público em quantidade significativa interessado por tal serviço. Nessa perspectiva, a ausência de cinema na cidade impacta na ampliação do repertório sociocultural dos jovens planaltinenses, uma vez que isso dificulta o acesso a outras culturas e a diferentes tipos de linguagem, bem como o contato com variedades linguísticas diferentes das utilizadas pelo grupo.

Flor também reclama da falta de cinema na cidade, no excerto abaixo, em (2), e usa, em três orações, a forma *a gente* como sujeito de verbos flexionados na terceira pessoa do singular. Nesse trecho ocorre o fenômeno do *paralelismo formal e semântico*, já discutido anteriormente, nos excertos 2, 3 e 4.

Excerto 12: entrevista com Flor.

- (1) **P:** — E vocês... vocês gostariam que tivesse mais opções de lazer aqui na cidade?
- (2) **E:** — *Eu acho que sim, porque a gente queria mais um cinema, né? Porque sempre que a gente quer cinema, a gente tem que ir lá pra Sobradinho ou lá pro Plano. Aí já fica meio contramão. Que além de você gastar com valor do ingresso, tem que gastar com gasolina, que tá caro demais.*
- (3) **P:** — Gasolina ou passagem de ônibus, né? Que se não tiver carro tem que ir de ônibus, né?
- (4) **E:** — *É... cinco reais só de passagem de ônibus. Um absurdo.*
- (5) **P:** — Cinco reais pra ir, né?
- (6) **E:** — *Tem a volta ainda... (risos)*

Flor, em (2), também sente falta de um cinema e reclama das dificuldades encontradas em se deslocar para outra cidade a fim de ter acesso ao cine, devido à distância significativa

entre Planaltina DF e as regiões administrativas próximas que possuem cinema e ao transporte público, considerado precário e caro.

Entre as categorias hymesianas a serem consideradas na análise de um evento comunicativo, na perspectiva da Etnografia da Comunicação (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), nesse excerto, evidencia-se o componente que se refere ao *tom ou modo de pronunciar*, pois a entrevistada fala de modo calmo, demonstrando se sentir à vontade diante das perguntas feitas por mim nessa interação face a face. É importante salientar que, nesse excerto, não houve mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128), bem como a entrevistada não utilizou pistas de contextualização.

Da mesma maneira que todos colaboradores e eu, Maria, no excerto abaixo, lamenta a pouca oferta de opções de lazer e eventos culturais na cidade.

Excerto 13: entrevista com Maria.

- (1) **P:** — E você acha que falta mais opção de lazer e entretenimento aqui, de eventos culturais?
- (2) **E:** — *Com certeza.*
- (3) **P:** — Quais? Por exemplo.
- (4) **E:** — *Shows, teatros. Tá certo, tem o teatro aqui o Lieta de Ló, mas não é muito divulgado, as pessoas não conhecem. É pequeno o espaço.*
- (5) **P:** — Eu nunca fui.
- (6) **E:** — *É bem pequenininho o espaço. Poderia ter mais, né? Mais acesso a museu. Tem museu, mas poderia ter outras exposições, além da exposição permanente.*
- (7) **P:** — *Uhum.*
- (8) **E:** — *Seria bem bacana.*

Nesse excerto, a colaboradora não utilizou pronomes de primeira pessoa do plural, mas decidi apresentá-lo aqui, principalmente, por causa da situação exposta por Maria acerca do acesso à cultura e ao lazer em Planaltina DF. Nesse excerto, não aconteceu mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128), e a entrevistada não utilizou pistas de contextualização.

Despertou minha atenção o modo como Maria, em (4) e (6), avaliou a vida cultural em Planaltina DF. Ela comentou que a cidade necessita de shows e teatro. Maria menciona o mini teatro *Lieta de Ló*¹⁰, mas afirma que há pouca divulgação dessa iniciativa e que o espaço é pequeno.

¹⁰ O *Lieta de Ló* é um mini teatro inaugurado em 2011 pelo professor e ator Preto Rezende em Planaltina DF. O espaço possui capacidade para quarenta pessoas e já recebeu 36 espetáculos. (Fonte: <http://jornalismo.iesb.br/2018/04/19/mini-teatro-lieta-de-lo-em-planaltina-faz-parte-cenario-cultural-de-brasilia/>. Acesso em 27/04/2018.)

Nesse sentido, é fundamental ressaltar que, assim como o cinema, o teatro também pode permitir a ampliação do repertório sociocultural da juventude planaltinense, facilitando o acesso a outros valores culturais e a diferentes tipos de linguagem, bem como o contato com variedades linguísticas diferentes das utilizadas pelos jovens da cidade.

Também chamou minha atenção o comentário feito por Maria em relação ao museu¹¹ da cidade, em (6). A colaboradora afirmou que, além da exposição permanente, é importante a realização de exposições temporárias nesse museu. Essa avaliação revela que provavelmente Maria costuma visitar museus e possui um olhar crítico com relação ao acesso à cultura. Essa fala demonstra que Maria certamente frequenta diversos ambientes e tem contato com diferentes variedades linguísticas. Além disso, tendo como referência o dado da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) 2015 de que boa parte da população de Planaltina DF possui o ensino fundamental incompleto, a elevada escolaridade dessa colaboradora, também contribui para que ela empregue, durante a entrevista, estruturas morfossintáticas conforme prescreve as normas gramaticais da tradição.

Enquanto Maria, no excerto 13, demonstra possuir um repertório cultural amplo, notei que, no excerto a seguir, Ana não soube me dizer com facilidade quais opções de lazer e eventos culturais ela sente falta na cidade. Ao me responder, em (4) Ana apenas citou o *shopping* como uma necessidade cultural de Planaltina DF.

Excerto 14: entrevista com Ana.

(1) **P:** — E você gostaria que tivesse mais opções de lazer aqui na cidade?

(2) **E:** — *Gostaria.*

(3) **P:** — Quais vocês acham que estão faltando?

(4) **E:** — *Ô... aqui não tem um shopping, aqui... eu não lembro aqui agora assim pra te dizer, mas falta muita coisa aqui em Planaltina. Quando cê pensa... quando eu quero me divertir, não tem aquele lugar assim “Nossa, que legal! Vamos pra aquele lugar se divertir.” Aqui é carente de diversão.*

Nesse excerto, em (4), Maria emprega a forma verbal *vamos* com sujeito implícito se referindo a forma *nós*, uma vez que o verbo contém a desinência *-mos*. Em sujeitos nulos, há a

¹¹ O **Museu Histórico e Artístico de Planaltina** foi inaugurado em 22 de abril de 1974 e tombado como Patrimônio Histórico Nacional, em 1987. Em 1973, o Governo do Distrito Federal adquiriu o imóvel com a finalidade de preservar as tradições e características culturais de Planaltina. (Fonte: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/12/12/interna_cidadesdf.160498/passado-rezulente-no-museu-historico-e-artistico-de-planaltina.shtml. Acesso em 27/04/2018.)

prevalência do pronome *nós*, pois a marca de pessoa geralmente também ocorre no verbo com a marca morfológica gramatical *-mos* (MARTINS & VIANNA, 2015).

Das categorias de análise de um evento comunicativo, na perspectiva da Etnografia da Comunicação, apontadas por Hymes (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), merece atenção, nesse excerto, o componente referente aos *participantes*, uma vez que, nesse contexto de interação face a face, a colaboradora assumiu seu papel social de entrevistada e respondeu prontamente às perguntas feitas por mim, sem apresentar resistência ou desconforto.

Com relação à diferença entre Maria e Ana, ao avaliar o acesso à cultura e ao lazer na cidade, acredito que isso ocorre devido à realidade socioeconômica de cada uma delas. Entre vários fatores, enquanto Maria é professora, Ana, com quase a mesma idade, ainda não concluiu o ensino médio. Observo que boa parte dos jovens planaltinenses infelizmente vivem em uma realidade escolar e socioeconômica bem semelhante a de Ana.

Portanto, identifiquei que todos os colaboradores entrevistados reclamaram da falta de opções de lazer e de eventos culturais em Planaltina DF. Acredito que ainda faltam políticas públicas efetivas que consigam suprir tal carência na cidade. Assim, o acesso à cultura e ao lazer possibilita a ampliação do repertório linguístico e o aprimoramento da competência comunicativa, por meio do contato com outras culturas e linguagens, permitindo ao indivíduo circular em diversas esferas sociais.

4.5 Violência em Planaltina DF

De acordo com dados do Balanço Criminal de 2017, organizado pela Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal, Planaltina, nesse ano, registrou 62 assassinatos (homicídio, latrocínio e lesão corporal seguida de morte) e 3337 ocorrências de roubo e de furto. Tais informações são assustadoras, uma vez que, se conferirmos o mesmo levantamento feito no Lago Sul, veremos que, em 2017, nessa região administrativa, houve apenas 1 assassinato e 300 ocorrências de roubo e de furto.

Tal como eu, todos os entrevistados também não se sentem seguros quando estão em um local público em Planaltina DF para se divertir, por exemplo. Por isso, preferimos nos reunir na casa de alguém do grupo, pois desse modo nos sentimos mais seguros. No excerto abaixo, Flor comenta a insegurança sentida por ela e os amigos.

Excerto 15: entrevista com Flor.

(1) **P:** — (...) E quando você e seus amigos saem aqui em Planaltina, vocês estão em local público, vocês se sentem seguros?

(2) **E:** — *Não.*

(3) **P:** — Por quê?

(4) **E:** — *Dependendo do lugar a gente tem medo mais de assalto. A gente não vai em lugar mais isolado, porque a gente tem muito medo de assalto. Porque hoje em dia as pessoas vai assaltar, por causa de um celular já tiram a vida...*

(5) **P:** — Assaltos a grupos? Também acontece?

(6) **E:** — *É. Uhum.*

(7) **P:** — O fato de você tá em grupo não significa que você tá seguro, não? (levanta a sobrancelha)

(8) **E:** — *Eles não se importam.*

(9) **P:** — Ah... eles assaltam, sozinho, em grupo? Eles tão assaltando de qualquer jeito? (levanta a sobrancelha)

(10) **E:** — *Assalta (...).*

Quanto ao emprego dos pronomes de primeira pessoa do plural, identifiquei que, em (4), Flor usou a forma *a gente* como sujeito de verbos flexionados na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Lopes (1996, p. 3) afirma que tal tempo verbal favorece o emprego de *a gente*. Além disso, em (4), observei que ocorre o *paralelismo formal e semântico*, uma vez que Flor emprega uma sequência de três orações em que todos os sujeitos se referem a primeira pessoa do plural. No caso, o sujeito da primeira oração foi preenchido com a forma *a gente*. Isso, certamente, influenciou o uso de *a gente* como sujeito nas duas orações subsequentes.

No tocante à interação, notei que, em (7) e (9), eu levanto a sobrancelha ao saber que, segundo a entrevistada, os assaltantes não se intimidam a agir mesmo quando as vítimas estão em grupo. Essa minha reação funciona como uma pista de contextualização não verbal que revela meu espanto, ao constatar, com tal informação, que realmente estamos expostos em diversas situações à violência em Planaltina DF.

Entre as categorias hymesianas a serem consideradas na análise de um evento comunicativo, na perspectiva da Etnografia da Comunicação (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), nesse excerto, evidenciam-se as *normas de interação e de interpretação*, uma vez que a entrevistada compreendeu minha pista de contextualização não verbal e confirma, em (8), que o fato de estar em grupo, em local público na cidade, não significa que se está menos exposto à violência, no caso, ser vítima de assaltos. É importante salientar que, nesse excerto, não ocorreu mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128).

Já Márcio, no excerto abaixo, em (4), comenta que ele e os amigos também não se sentem seguros em locais públicos de Planaltina DF, pois eles não observam a presença de policiamento na cidade, problema apontado por outros colaboradores também. Em (4), Márcio emprega a forma *a gente* como sujeito da forma verbal *vê*, flexionada na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Esse tempo verbal favorece o uso do pronome *a gente* (MARTINS & VIANNA, 2015).

Excerto 16: entrevista com Márcio.

- (1) **P:** — (...) Quando vocês e seus amigos saem em algum local público aqui de Planaltina, vocês se sentem seguros?
- (2) **E:** — *Não.*
- (3) **P:** — Porque que vocês não se sentem?
- (4) **E:** — *Por causa que a gente não vê policiamento por perto. Aí dá essa insegurança.*
- (5) **P:** — E você já foi vítima de violência física, assalto, furto, violência sexual, aqui em Planaltina?
- (6) **E:** — *Não. Eu só fui assaltado uma vez...*
- (7) **P:** — Aqui em Planaltina?
- (8) **E:** — *Sim.*

Ressalto que, nesse excerto, não aconteceu mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128), e o colaborador não utilizou pistas de contextualização. Isso ocorre devido às limitações existentes na interação face a face por meio de uma entrevista, pois, em alguns momentos desse evento comunicativo, o diálogo se limita basicamente a um bate-volta sobre um dado assunto, em que o entrevistador pergunta e o colaborador responde de imediato, sem manifestar reações não verbais, e silencia na espera do próximo questionamento. Por isso, entre os componentes da pesquisa, no âmbito da Etnografia da Comunicação, propostos por Hymes (BORTONIRICARDO, 2014, p. 90), nesse excerto, destaca-se, o *gênero textual* utilizado, no caso, a entrevista semiestruturada.

Apresento o excerto abaixo somente pelo conteúdo presente nele que se relaciona com a temática desenvolvida nesta seção. Nele, não ocorrem pronomes de primeira pessoa do plural, bem como não houve mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128), e o entrevistado não fez o uso de pistas de contextualização.

É bastante particular o comentário de João, no excerto abaixo, ao afirmar que ele se sente muito inseguro, em Planaltina DF, porque já foi vítima de tentativa de assalto. Confessa ainda que não anda a pé, na cidade, por sentir medo. Em (4), ele afirma que a padaria e a

academia que frequenta ficam bem próximas à casa dele, contudo ele não se sente seguro e prefere ir de carro.

Excerto 17: entrevista com João.

(1) **P:** — Falando ainda de segurança, você já foi vítima de violência física, assalto, furto, aqui em Planaltina?

(2) **E:** — *Já. Já. Não de... só de... como é que é? Furto é quando te roubam, sem ver? Assalto é...*

(3) **P:** — É... sem violência. Assalto quando tem violência né, quando tem agressão.

(4) **E:** — *Eu já fui assaltado já. Só que na verdade... acho que se enquadra em tentativa de assalto, porque não me levaram nada, porque eu não tinha nada. Mas já tinha muito tempo já. Um das coisas... ah! Eu vou pra academia de carro, pronto, resolvi. Eu não acho Planaltina seguro, a academia da minha casa é... não é nem um quilometro, deve ser uns oitocentos metros, eu vou de carro. Por quê? Porque eu tenho um celular que é caro, eu vou andar a pé? Correndo risco? Eu não vou andar, eu vou de carro. Eu vou na padaria, a padaria não é nem um quilometro da minha casa, eu vou de carro.*

Além de afirmarem que se sentem inseguros na cidade, os colaboradores também me contaram histórias muito tristes de perda de pessoas próximas vítimas da violência. Desse modo, dos onze colaboradores entrevistados, mais da metade relatou o assassinato de amigos e/ou familiares na cidade. No excerto a seguir, Márcio relata que perdeu um amigo de infância.

Excerto 18: entrevista com Márcio.

(1) **P:** — E você, seus familiares, assim, seus amigos, vocês já perderam alguém próximo, vítima da violência, aqui em Planaltina?

(2) **E:** — *Que já cresceu comigo, amigo de infância. Foi assassinado. Mas era envolvido.*

(3) **P:** — E assim, na época ele tinha mais ou menos quantos anos?

(4) **E:** — *Ixi... tinha dezesseis.*

(5) **P:** — Dezesseis anos. E por que que ele foi assassinado?

(6) **E:** — *Guerra....* (silêncio)

(7) **P:** — Guerra entre quem?

(8) **E:** — *Ele faleceu aqui mesmo...* (silêncio)

(9) **P:** — Entre gangues?

(10) **E:** — *Sim...* (silêncio)

(11) **P:** — E aí ele foi assassinado aqui mesmo?

(12) **E:** — *Uhum.*

Quanto ao processo interativo, observei que, em (6), (8) e (10), Márcio ficou calado, sem oferecer mais detalhes, ao relatar o assassinato do amigo. Esse silêncio funciona como uma pista de contextualização paralinguística, que sinaliza ao interlocutor que não é confortável para o colaborador falar sobre esse acontecimento trágico, porque, provavelmente, ainda é um fato que o abala.

Desse modo, nesse excerto, entre as categorias hymesianas a serem observadas na Etnografia da Comunicação (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), destaca-se o componente referente às *normas de interação e de interpretação*, uma vez que eu logo percebi a pista de contextualização paralinguística utilizada pelo colaborador, no caso, a mesma analisada no parágrafo anterior. Isso fez com que eu não insistisse no assunto para não constranger o entrevistado. É importante salientar que, nesse excerto, não houve o emprego de pronomes de primeira pessoa do plural, bem como não ocorreu mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128). Mas foi apresentado por estar relacionado à temática desta seção.

Tal como Márcio, no excerto a seguir, Clara conta que também perdeu um amigo de escola, que foi assassinado de modo cruel.

Excerto 19: entrevista com Clara.

(1) **P:** — É... você e seus familiares, é... amigos, vocês já perderam alguém próximo? Vítima da violência? Assassinado? Por exemplo.

(2) **E:** — *Sim.*

(3) **P:** — É... quem? Você pode falar?

(4) **E:** — *Foi um amigo né?! Que eu conheci antigamente. (Pausa longa) Mas faz um pouquinho de tempo.*

(5) **P:** — Hum. Ele foi o que?

(6) **E:** — *Foi esquartejado. (Olhar direcionado para baixo e silêncio)*

(7) **P:** — Foi esquartejado. E qual a idade dele na época?

(8) **E:** — *Ah! ele tinha uns 13 anos. Por aí.*

(9) **P:** — 13 anos?

(10) **E:** — *Uhum.*

(11) **P:** — E... como é que vocês se sentiram assim? Como é que vocês reagiram com esse... com essa tragédia?

(12) **E:** — *Foi chocante. Foi uma tragédia né?! Foi chocante. Eu fiquei... (pausa) nossa! Eu fique super... super mal na época né?! Porque era uma pessoa bem próxima a mim e eu... foi inacreditável na verdade.*

(13) **P:** — E qual foi o motivo da... do assassinato?

(14) **E:** — *Foi envolvimento, né? Com pessoas erradas, com drogas e tudo mais.*

(15) **P:** — Ele estudava com você?

(16) **E:** — *Sim. Na mesma escola.*

Nesse excerto, Clara não utilizou pronomes de primeira pessoa do plural, mas analisarei o processo interativo ocorrido. Observei que Clara empregou pistas de contextualização. Em (6), a colaboradora, com o olhar direcionado para baixo, adota uma pista não-verbal, ao revelar que o amigo dela de treze anos na época foi esquartejado. Essa reação revela uma tristeza profunda da entrevistada em ter que tocar nesse assunto. Já em (12), Clara utiliza uma pista paralinguística, quando faz uma longa pausa, ao tentar relatar como ela se sentiu com o fato de o amigo dela ter sido esquartejado. Esse comportamento demonstra que para a entrevistada falar sobre isso é muito difícil. Eu busquei respeitar os sentimentos de Clara e não insisti em mais detalhes sobre o acontecimento trágico.

Por isso, entre os componentes da pesquisa, no âmbito da Etnografia da Comunicação, propostos por Hymes (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), nesse excerto, destaca-se *o tom ou modo de pronunciar*, pois a entrevistada, além de fazer uma pausa, em (6) e (12), ela altera o modo de verbalizar a fala dela, demonstrando tristeza. É importante salientar que, nesse excerto, não ocorreu mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128).

Esse relato de Clara me deixou impressionado. Eu infelizmente também perdi alguns amigos jovens vítimas da violência em Planaltina DF. Porém, é assustadora a perversidade do assassinato desse adolescente de apenas treze anos. Em (14), Clara mencionou que esse amigo estava envolvido com pessoas erradas e com o tráfico de drogas. Nesse contexto, Veronese (2001, p. 34) afirma que:

A adolescência envolvida com a criminalidade se constrói a partir da negação de direitos – escola, saúde, família, profissionalização. Dentre alguns motivos, a ‘falta’ de qualidade nos direitos fundamentais do ser humano acabam resultando na inserção do adolescente na atividade do tráfico de drogas.

Desse modo, a negação a tais adolescentes da oportunidade de ampliar o repertório linguístico e de aprimorar a competência comunicativa, por meio da escolarização e do acesso ao lazer e à cultura, merece destaque e pode ser acrescentada aos direitos negados a essa faixa etária, elencados por Veronese (2001, p. 34) acima. Isso intensifica a vulnerabilidade social desse grupo.

Além de me entristecer com essas perdas trágicas de indivíduos vítimas da violência, um relato de Pedro também despertou minha atenção, ao comentar a abordagem policial, no excerto abaixo.

Excerto 20: entrevista com Pedro.

- (1) **P:** — É... quando você e seus amigos saem aqui em Planaltina, estão em algum local público, vocês se sentem seguros?
- (2) **E:** — *Depende do lugar. Alguns lugares sim, outros não.*
- (3) **P:** — Mas em boa parte?
- (4) **E:** — *Em boa parte não.*
- (5) **P:** — Não se sentem seguros? Por quê?
- (6) **E:** — *A polícia, por exemplo, você vê passando raramente e quando eles passam eles abordam a gente... então é meio que...* (aumenta o tom de voz)
- (7) **P:** — Você acha que a polícia aborda vocês por quê?
- (8) **E:** — *Pelo visual eu diria. Com preconceito no caso... que só de olhar eles...*
- (9) **P:** — E como é que é essa abordagem? Como que a polícia chega em vocês?
- (10) **E:** — *Basicamente, mão na cabeça, cabou...*
- (11) **P:** — Mão na cabeça?
- (12) **E:** — *Desce e manda por a mão na cabeça...*
- (13) **P:** — Você acha que eles exageram?
- (14) **E:** — *Nunca aconteceu comigo, mas dependendo do caso exagera...*

No que se refere ao emprego dos pronomes de primeira pessoa, nesse excerto, em (6), Pedro utiliza a forma *a gente* como complemento do verbo *abordar*. Essa ocorrência revela que *a gente* concorre com *nós* em diversos contextos sintáticos, além da função de sujeito. No português brasileiro formal, usa-se o pronome *nos* em vez de *nós* ou *a gente*, como complemento verbal (CASTILHO, 2010, p. 477).

No tocante à interação, Pedro utiliza uma pista de contextualização prosódica, ao aumentar o tom de voz, em (6). Essa atitude demonstra a indignação do colaborador, ao contar que dificilmente se encontra policiais nas ruas de Planaltina DF. E quando os militares estão presentes, eles fazem abordagens como se o entrevistado e os amigos dele fossem suspeitos. Por isso, das categorias de análise de um evento comunicativo, na perspectiva da Etnografia da Comunicação, apontadas por Hymes (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), merece atenção *o tom ou modo de pronunciar* utilizado pelo colaborador, nesse excerto, ao aumentar o tom de voz, para comentar a abordagem policial. É importante ressaltar que, nesse excerto, não ocorreu mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128).

Em (8), Pedro afirma que o motivo dessa ação se deve ao preconceito dos policiais com pessoas cujo visual cause desconfiança. Nesse sentido, Souza & Reis (2014, p. 130) afirmam que

(...) as circunstâncias mais comuns de suspeição policial são definidas com base em três elementos principais: o lugar suspeito, a situação suspeita e a característica suspeita. O primeiro elemento estaria centrado na concepção de que o lugar é um fator preponderante na possibilidade de que determinados tipos de delitos sejam cometidos; o segundo estaria ligado às situações passíveis de suscitar o cometimento de crimes; e o terceiro estaria relacionado a determinadas características do indivíduo, segundo as quais ele possa ser considerado um delinquente em potencial.

Com relação ao terceiro elemento considerado pelos policiais como indicador de uma situação suspeita, não há uma definição precisa e jurídica que determine quais características seriam de fato suspeitas. Devido a isso, os policiais consideram nocivos os perfis que eles constroem subjetivamente a partir de experiências profissionais já vividas. Assim, determinados aspectos, como variedade linguística, tatuagem, corte de cabelo e vestimenta, entre outros, geralmente, sinalizam aos policiais que dado indivíduo está fora do considerado normal e é suspeito, tendo que sofrer o constrangimento de uma busca pessoal em público (SOUZA & REIS, 2014, p. 130). No excerto acima, Pedro revela indignação ao comentar sobre essa atitude da polícia e a considera preconceituosa.

Nesse sentido, é fundamental destacar que, com certeza, a linguagem utilizada por um dado grupo de jovens também é alvo de análise e de julgamento dos policiais para considerarem alguém como um delinquente em potencial. Assim, o emprego de expressões linguísticas consideradas típicas de moradores de periferia (como os vocábulos *quebrada*, *truta*, etc), certamente, deixa os policiais mais ressabiados, por isso ser reforçado na nossa sociedade, de modo equivocado, como um forte indício da idoneidade de um indivíduo.

Desse modo, todos os colaboradores entrevistados e eu reclamamos da insegurança pública vivida em Planaltina DF. Isso, sem dúvida, afeta diretamente a nossa qualidade de vida. Reconheço que esse problema não é exclusivo de Planaltina DF, mas uma realidade nacional que compromete o desenvolvimento social, afetivo e intelectual dos jovens brasileiros, que determina o aprimoramento da competência linguística do indivíduo.

Consoante a publicação Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017 (2017, p. 15), “além de grave violação aos direitos humanos, a violência impede que parte significativa dos jovens brasileiros tenha uma vida plena e revela uma inesgotável fonte de perda de talentos para o desenvolvimento do país”.

4.6 Preconceito sofrido por ser morador de Planaltina DF

Conforme Bandeira & Batista (2002, p. 126), preconceito “significa fazer um julgamento prematuro, inadequado sobre a coisa em questão”. As autoras afirmam também que “o preconceito implica sempre uma relação social. Aparece como um modo de relacionar-se com ‘o outro’ diferente, a partir da negação ou desvalorização da identidade do outro e da supervalorização ou afirmação da própria identificação” (BANDEIRA & BATISTA, 2002, p. 131).

Nessa perspectiva, sempre me incomodou a reação negativa de boa parte dos moradores de outras regiões administrativas do Distrito Federal quando sabem que eu resido em Planaltina DF. Alguns motivos para esse estranhamento serão abordados a seguir, mas não se justificam, pois tais razões têm origem no preconceito social ainda presente na sociedade.

Desse modo, contarei uma experiência bastante negativa que tive. Em 2008, no terceiro ano do ensino médio, consegui uma bolsa de estudos integral em um colégio cujos alunos pertenciam à elite econômica e cultural de Brasília. Nessa época, tal instituição era considerada a melhor do DF, já que quase todos os alunos eram aprovados em vestibulares de universidades federais, principalmente, da UnB. Sem dúvida, foi ótimo ter acesso a um ensino de qualidade nessa escola.

Porém, os colegas demonstravam, sem nenhum pudor, muito preconceito por eu ser morador de Planaltina DF. Ao me perguntarem onde eu morava, diante da minha resposta, eu ouvia vários comentários que eu considero ofensivos. Por exemplo, eles me perguntavam de imediato se eu era bolsista na escola. Percebia que esse questionamento não era feito aos colegas que moravam no Plano Piloto, Lago Sul, Guará. Outros colegas comentavam com risos que sua empregada ou seu motorista ou seu jardineiro também moravam em Planaltina. Eu ficava muito constrangido com essas falas e, como era bem jovem na época, não sabia como reagir, como me defender. Geralmente, ficava calado ou tentava mudar de assunto.

Nesse sentido, é importante frisar que a variedade linguística que o falante utiliza pode ser alvo de preconceito, não apenas pelo uso das estruturas linguísticas, mas também pelo modo de se expressar e pelo conteúdo das mensagens transmitidas em uma interação. Geralmente, são ditas e ouvidas muitas informações negativas sobre a periferia e, de imediato, toda essa carga é relacionada aos moradores dessa região, de modo preconceituoso.

Assim, fui tratado de modo diferenciado por ser morador de periferia, local considerado distante da área nobre, violento, perigoso e pobre. Consciente desse preconceito, quis saber se meus colaboradores também o percebiam. Nesse contexto, todos os entrevistados

relataram que já sofreram essa discriminação de alguma maneira. No excerto a seguir, Alice me conta como aconteceu com ela.

Excerto 21: entrevista com Alice.

- (1) **P:** — E o que que as pessoas de outras cidades demonstram quando você diz que mora em Planaltina-DF?
- (2) **E:** — *Desprezo.*
- (3) **P:** — Desprezo? (levanta a sobrancelha)
- (4) **E:** — *Eles acham que...*
- (5) **P:** — Você pode contar alguma situação? Que você já viveu? Que já... conhece a história de alguém que já passou por alguma coisa assim?
- (6) **E:** — *Hum... sim... quando você fala que é daqui o pessoal fala: “Nossa! Ai tem ônibus?” “Ai tem asfalto?”, “Você mora no quê?... Então assim, realmente as pessoas desprezam aqui. É como se aqui não existisse.*
- (7) **P:** — E o que que você acha dessa reação das pessoas?
- (8) **E:** — *Eu acho que é um pouco de preconceito, né? Porque não conhece o lugar... não sabe como a pessoa vive, então é muito fácil taxar alguma coisa sem conhecer.*
- (9) **P:** — E você? Quando sofre esse preconceito aí você reage como?
- (10) **E:** — *Eu tento explicar como que aqui acontecem as coisas. Aqui não é o melhor lugar do mundo, mas também não é o pior.*

Nesse excerto, não houve o emprego de pronomes de primeira pessoa do plural. Porém foi apresentado por estar relacionado à temática desta seção. Entre os componentes da pesquisa, no âmbito da Etnografia da Comunicação, propostos por Hymes (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), nesse excerto, destacam-se os *instrumentos de transmissão*, já que o modo pelo qual as mensagens são transmitidas, na entrevista realizada, ocorre por meio da interação face a face. É importante salientar que, nesse excerto, não ocorreu mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128) e a colaboradora não apresentou pistas de contextualização.

Nessa perspectiva, Sofia, no excerto abaixo, relata que as pessoas de outras cidade ficam assustadas ao saberem que ela mora em Planaltina DF.

Excerto 22: entrevista com Sofia.

- (1) **P:** — (...) O que as pessoas das outras cidades demonstram quando você fala que mora aqui em Planaltina-DF?
- (2) **E:** — *Elas ficam assustadas...*
- (3) **P:** — Assustadas?

- (4) **E:** — *Sim... tem um pensamento... uma reação negativa, né? Pelo fato de a cidade ser violenta. Também depende da região... é longe... em relação ao Plano Piloto é longe, já a Sobradinho, nem tanto. É isso.*
- (5) **P:** — O que você acha da reação das pessoas?
- (6) **E:** — *Acho ruim, né? Constrangedor.*
- (7) **P:** — Constrangedor pra você?
- (8) **E:** — *Sim.*
- (9) **P:** — E como é que você reage quando alguém...
- (10) **E:** — *A gente ri, né?*

Com relação ao emprego dos pronomes de primeira pessoa, identifiquei que Sofia, em (10), usou a forma *a gente* como sujeito do verbo *rir*, flexionado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Nesse caso, a colaboradora utiliza a expressão *a gente* especificamente para se referir a ela, ou seja, à primeira pessoa. Esse emprego é muito usual na fala espontânea, como ocorreu em alguns excertos já analisados nas páginas anteriores.

Entre as categorias hymesianas a serem observadas na análise de um evento comunicativo, na perspectiva da Etnografia da Comunicação (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), nesse excerto, evidencia-se *o propósito*, pois a entrevistada, ao responder prontamente as perguntas feitas, demonstrou compreender a finalidade da interação face a face estabelecida por meio dessa entrevista. No caso, para ela, o propósito consiste em levantar informações sociais acerca da juventude planaltinense, a partir de uma entrevista individual, já que não informei do meu interesse linguístico para não provocar o monitoramento da fala pelos entrevistados. É importante salientar que, nesse excerto, não ocorreu mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128) e a colaboradora não apresentou pistas de contextualização.

Assim com Sofia, Pedro, no excerto abaixo, revela que algumas pessoas de outras cidades não sabem onde se localiza Planaltina DF. Já outros indivíduos consideram criminosos os moradores dessa região administrativa

Excerto 23: entrevista com Pedro.

- (1) **P:** — E o que que as pessoas das outras cidades demonstram quando você fala que mora aqui em Planaltina?
- (2) **E:** — *Às vezes nem conhece, né?*
- (3) **P:** — Nem conhece?

(4) **E:** — *Nem conhece... por exemplo, no carnaval, cê vai conversando com as pessoas que você conhece aí pergunta “Você mora onde?”, “Planaltina” ai ela: “Aonde fica Planaltina?” Aí cê vai explicar...*

(...)

(5) **P:** — (...) Quando você fala “Sou de Planaltina” como que é...

(6) **E:** — *Já olha meio pensa que é quebrada.... todo lugar é quebrada aqui... todo mundo é bandido. Quem não conhece... tem gente que já pensa assim se falar que mora aqui.*

Nesse excerto, Pedro comenta, com inconformismo, a reação negativa das pessoas de outras cidades ao saberem que ele é morador de Planaltina DF. Além desses indivíduos usualmente desconhecem a localização da cidade, eles a consideram uma *quebrada*¹² e um local onde só mora criminosos. Esse comentário de Pedro revela o preconceito social vivido pelos planaltinenses, por conta da nossa origem.

Nesse excerto, Pedro não empregou especificamente pronomes de primeira pessoa do plural, mas, em (4), usou a forma pronominal *cê* para falar da experiência vivida por ele próprio, referindo-se, assim, à primeira pessoa do singular, assim como o pronome *a gente* também é usado, de acordo com o quadro de pronomes pessoais de Castilho (2010, p. 477).

Também analisarei o processo interativo ocorrido. Não houve mudança de *footing* (GOFFMAN, 2013, p. 128) e o entrevistado não apresentou pistas de contextualização. Contudo, entre as categorias hymesianas a serem observadas na Etnografia da Comunicação (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 90), destaca-se o componente referente aos *participantes*, no caso a entrevista semiestruturada, pois, para que a interação face a face ocorra espontaneamente, é necessário o participante e o entrevistado assumirem seus papéis sociais no diálogo. Isso determina a natureza da conversa e o nível de formalidade. No caso desse excerto, a interação entre mim e o colaborador aconteceu de modo amistoso e informal, demonstrando que ambos aceitaram seus papéis sociais nessa conversa. É necessário ressaltar que isso também ocorreu em todas as outras entrevistas realizadas, não apenas nessa.

Assim como eu, os colaboradores percebem que são vítimas de preconceito social por morarem em Planaltina DF. Isso, com certeza, afeta a autoestima dos jovens planaltinenses e nos expõe a situações constrangedoras, motivadas, principalmente, por preconceito, que, também envolve o preconceito linguístico. Nesse sentido, conforme Bagno (2017, p. 379),

o preconceito linguístico está presente em qualquer grupo humano e em muitos lugares constitui um instrumento de conflitos e tensões sociais. No Brasil, porém, devido à formação histórica da sociedade, os indivíduos

¹² O vocábulo *quebrada*, na gíria, possui o sentido de lugar pobre e violento, considerado favela.

urbanos letrados não só discriminam o modo de falar de seus compatriotas analfabetos, semianalfabetos, pobres e excluídos, como também discriminam seu próprio modo de falar, as suas próprias variedades linguísticas.

Ainda de acordo com Bagno (2015, p. 22),

o preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo. Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá sua gravidade, como um sério problema social.

É importante ressaltar que, nos dados gerados nesta pesquisa, por meio da observação participante, no Centrão e na FUP/ UnB, e das entrevistas realizadas com os colaboradores, não identifiquei, em tais interações, enquadres em que o preconceito linguístico estivesse presente. Porém, afirmo que esse tipo de preconceito de fato existe, pois recorri às memórias das minhas vivências em Planaltina DF desde a infância, bem como às experiências que já tive com indivíduos moradores de outras cidades. Assim, em uma autoetnografia, as percepções pessoais do pesquisador são levadas em consideração.

4.7 Pergunta feita antes de encerrar a entrevista

Para finalizar as entrevistas, uma das últimas perguntas que eu fazia era *“Você e seus familiares e/ou amigos gostam de morar em Planaltina DF? Por quê? Vocês pretendem continuar morando na cidade ou mudar futuramente?”*

Confesso que fiquei surpreso com as respostas. Boa parte dos colaboradores afirmaram que, apesar dos problemas existentes, gostam de morar em Planaltina DF e que até seria interessante mudarem para uma cidade melhor (na avaliação deles), mas isso não é viável no momento, geralmente, por questões financeiras ou por terem muitos familiares morando em Planaltina DF. Como me contou Sofia, no excerto abaixo, que foi apresentado, principalmente, devido à ocorrência da forma *a gente*.

Excerto 24: entrevista com Sofia.

(1) **P:** — E você e seus familiares, seus amigos também, vocês gostam de morar aqui em Planaltina?

(2) **E:** — *Por incrível que pareça, sim. Mesmo com toda a má infraestrutura da cidade, roubos, é um lugar bom. Não sei explicar, é uma coisa... é contraditório, né? Falar que não tem segurança, mas eu acho que assim é bom pra gente né... porque as nossas famílias estão inseridas no mesmo local... então... é bom de morar.*

No que se refere ao emprego dos pronomes de primeira pessoa, em (2), Sofia usa a forma *a gente* na função sintática de complemento nominal do termo *bom* e faz a contração entre a preposição *para* e *a gente*, formando a estrutura *pra gente*. Essa construção gramatical é bastante usual em estilos menos monitorados. Além disso, essa ocorrência revela que *a gente* concorre com *nós* em diversos contextos sintáticos, além da função de sujeito.

Nesse excerto, em (2), Sofia reconhece a contradição em ter apontado diversos problemas existentes em Planaltina DF e ao mesmo tempo afirmar que gosta de morar na cidade. Em seguida, a colaboradora explica que a proximidade dos familiares, que também residem na cidade, fazem-nos serem mais resignados diante das adversidades.

Quanto a mim, identifiquei-me muito com as respostas de cada colaborador às perguntas feitas durante as entrevistas. Sem dúvida, Planaltina DF faz parte da minha história de vida e posso afirmar que nela aprendi a ter um olhar crítico em relação aos problemas sociais. Por meio desta pesquisa, descobri que boa parte dos jovens planaltinenses também possui essa visão. Além disso, concluí que o fato de eles geralmente não utilizarem a norma culta não os impede de expressarem senso crítico em relação aos problemas sociais existentes em Planaltina DF.

Talvez isso seja o início de uma melhoria das condições de vida na cidade, a partir da voz da juventude ao reivindicar pela garantia dos direitos que nos são assegurados por diversas leis, entre as quais a Constituição Federal de 1988.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da autoetnografia e dos excertos das entrevistas analisados no capítulo anterior, identifiquei que os jovens planaltinenses são vulneráveis social e economicamente e que essa condição influencia as escolhas linguísticas desse grupo, principalmente, na variação entre as formas *nós* e *a gente*.

Assim, no capítulo referente à *Metodologia*, elaborei asserções acerca desta pesquisa sociolinguística (BORTONI-RICARDO, 2008). Desse modo, necessito estabelecer um elo entre tais asserções e os dados gerados, a partir da observação participante e da entrevista semiestruturada, e já analisados no capítulo anterior.

Como asserção geral, afirmei que o esperado era que a forma *a gente* fosse mais recorrente na fala dos jovens planaltinenses do que o pronome *nós*. A fim de validar tal asserção, senti a necessidade de quantificar, em linhas gerais, o total de ocorrências relacionadas ao emprego dos pronomes de primeira pessoa do plural, com base em todas as transcrições das entrevistas realizadas, conforme o quadro abaixo.

Quadro 5: ocorrências das formas pronominais *nós* e *a gente* em todos colaboradores.

Colaboradores (total de ocorrências)	FUNÇÕES SINTÁTICAS*					
	Sujeito**		Complemento verbal		Complemento nominal	
	<i>nós</i> ***	<i>a gente</i>	<i>nós</i> ***	<i>a gente</i>	<i>nós</i> ***	<i>a gente</i>
Clara (20)	12	6	-	-	1	1
Maria (26)	20	6	-	-	-	-
João (27)	2	23	-	2	-	-
Carlos (14)	3	9	-	-	-	2
Ana (21)	6	13	-	2	-	-
Pedro (12)	2	9	-	1	-	-
Flor (17)	1	15	-	-	-	1
Márcio (23)	2	20	-	1	-	-
Sofia (12)	-	11	-	-	-	1
Luís (11)	1	10	-	-	-	-
Alice (28)	1	26	-	-	1	-
Total (211)	50	148	-	6	2	5

(*) As formas *nós* e *a gente* podem ser encontradas em diversas funções sintáticas (PACHECO, 2014), mas, nas entrevistas colhidas nesta pesquisa, tais pronomes apareceram somente como sujeito, complemento verbal e complemento nominal.

(**) Inclui tanto as ocorrências de sujeito preenchido quanto a de sujeito nulo com referência a primeira pessoa do plural e identificado por meio da desinência verbal.

(***) Inclui tanto a pronúncia do português padrão (*nós*) como a coloquial (*nois*).

Pelas informações apresentadas, no quadro acima, de um total de onze colaboradores entrevistados, nove apresentaram mais ocorrências com a forma *a gente* do que com *nós*, nos contextos sintáticos de sujeito, complemento verbal e complemento nominal. Isso não aconteceu apenas com as entrevistas de Maria e Clara, pois, provavelmente, elas monitoraram a fala por saber que eu sou professor de Língua Portuguesa e curso um mestrado em Linguística. É necessário ressaltar que ambas devem ter monitorado a fala pelo fato de terem ensino superior completo, demonstrando que a forma pronominal *nós* é mais utilizado em contextos acadêmicos. Apesar disso, ao considerar todos os dados elencados no quadro acima, posso afirmar que a forma *a gente* prevalece em relação ao pronome *nós* na fala dos jovens planaltinenses que nasceram e sempre moraram na cidade.

O quadro acima também é útil para confirmar a primeira subasserção apresentada, que afirma ser esperado que os jovens planaltinenses não estigmatizam a forma *a gente*, reconhecendo-a como legítima e equivalente ao pronome *nós*. Pelos dados gerados, posso reconhecer que isso de fato ocorre na variedade linguística de tal grupo, uma vez que uma quantidade significativamente maior de ocorrências com o pronome *a gente* aponta que certamente tal pronome não é estigmatizado pelo grupo. Martins & Vianna (2015) constatam que o pronome *a gente* é mais utilizado em relação ao *nós* em todas as regiões brasileiras em que tal fenômeno linguístico já foi estudado e não é diferente em Planaltina DF, mesmo porque essa cidade, pela exposição dos colaboradores, sofre de todas as mazelas sociais pelas quais passam outras regiões do Brasil.

Também foi elaborada a seguinte subasserção: *Como a baixa escolaridade é uma das consequências da situação de vulnerabilidade social e cultural de tais jovens, certamente o repertório linguístico desses falantes é influenciado por essa condição vulnerabilizada, uma vez que estruturas sintáticas da variedade padrão da língua relacionadas ao uso de nós ou a gente talvez não são sejam empregadas frequentemente.*

Assim, os dados gerados apontaram que, principalmente, o grupo de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (Carlos, Ana, Pedro e Flor), em diversos trechos analisados, não obedeceram às regras de concordância verbal, por exemplo, impostas pela norma culta acerca dos pronomes de primeira pessoa do plural, ao utilizar estruturas linguísticas comuns ao português coloquial. Apesar de os colaboradores dos outros dois grupos apresentarem um estilo de fala menos monitorada, geralmente, empregaram estruturas sintáticas postuladas pela Gramática Tradicional com relação aos pronomes *nós* e *a gente*.

No que se refere à última subasserção apresentada, confirmei, a partir dos dados gerados, que os jovens planaltinenses reconhecem a situação de vulnerabilidade social da qual

são vítimas e os impactos disso nas condições de vida deles. Esse reconhecimento pode ser identificado em vários momentos das entrevistas colhidas. Assim, os colaboradores comentaram, por exemplo, acerca das consequências do funcionamento precário do transporte público (**excerto 1**); da falta de opções de lazer na cidade (**excerto 13**); da violência a qual estão expostos (**excertos 15, 16, 17, 18, 19 e 20**); e do preconceito sofrido por serem moradores de Planaltina DF (**excertos 21, 22 e 23**). Desse modo, além de os jovens planaltinenses serem vítimas das desigualdades sociais, demonstraram possuir uma consciência dessa condição, bem como indignação diante dela. E o comportamento linguístico revela isso de duas formas: pela variação nas construções sintáticas e pelo conteúdo do discurso construído e revelado nessas estruturas sintáticas.

Nesse sentido, ressalto que, com esta pesquisa, não pretendi esgotar o estudo acerca da juventude planaltinense. Pelo contrário, espero que este trabalho estimule outros pesquisadores a também investigarem a variação linguística como reflexo das condições socioculturais desse grupo, bem como a frágil realidade socioeconômica dessa comunidade.

Por fim, destaco a contribuição social deste estudo ao buscar apresentar a situação de exclusão e vulnerabilidade vivida pelos jovens de periferia, especificamente a dos moradores de Planaltina DF. Assim, os resultados obtidos podem contribuir para se desenvolver um olhar mais crítico da população em geral e também do meio acadêmico em relação às desigualdades sociais ainda existentes no país e aos impactos provocados por elas, como o abandono escolar, o subemprego e o não domínio pleno da norma culta. Dessa maneira, espero que esta pesquisa possa colaborar para a implantação e a manutenção de políticas públicas mais efetivas, para garantir que os jovens planaltinenses possam desfrutar de uma vida plena e os talentos de cada um deles contribuam para o desenvolvimento de uma cidade melhor.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Juventude, juventudes**: o que une e o que separa. Brasília: Unesco, 2006.
- ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística**: Parte I. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteira. São Paulo: Cortez, 2012.
- ANDRÉ, M. E. D. A. D. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2012.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- _____, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- _____, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. **Preconceito e discriminação como expressões de violência**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 119-141, Jan. 2002.
- BATESON, Gregory. **Uma teoria sobre brincadeira e fantasia**. *In*: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (Orgs.) **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BELL, Allan. **The guidebook to sociolinguistics**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade**. São Paulo: Parábola, 2011.
- _____. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.
- BORTONI- RICARDO, Stella Maris; VELLASCO, Ana Maria de M. S.; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. **O falar candango**: análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais. Brasília: UnB, 2010.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris *et al.* (Orgs.). **Por que a escola não ensina Gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014.

BOTELHO, José Mario; LEITE, Isabelle Lins. **Metaplasmos contemporâneos**: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da língua portuguesa. Anais do CLUERJ-SG, São Gonçalo-RJ, v. 2, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília.

BRASIL. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017**: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes. Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 25 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília.

BRASIL. **Lei nº 12.852**, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília.

BRUSTOLIN, A. K. B. **Uso e variação de nós e a gente na fala e escrita de alunos do Ensino Fundamental**. Anais do IX Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL), Santa Catarina, outubro de 2010.

CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Sociolinguística**: Parte II. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteira. São Paulo: Cortez, 2012.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

COUPLAND, Nikolas. **Sociolinguistics**: theoretical debates. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

ERICKSON, Frederic. **Qualitative methods in research in teaching and learning**. Vol 2. New York: Macmillan Publishing Company, 1990.

_____. **Etnografia na educação**: textos de Frederic Erickson. Tradução de Carmen Lúcia Guimarães de Mattos. 1998.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística I**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Introdução à linguística II**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**., 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A situação negligenciada.** In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (Orgs.) **Sociolinguística Interacional.** São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **Footing.** In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (Orgs.) **Sociolinguística Interacional.** São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **Os quadros da experiência social:** uma perspectiva de análise. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

_____. **Ritual de interação:** ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUMPERZ, J. J. **Convenções de contextualização.** In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (Orgs.) **Sociolinguística Interacional.** São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GUMPERZ, J. J.; BLOM, J. **O significado social na estrutura linguística:** alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (Orgs.) **Sociolinguística Interacional.** São Paulo: Edições Loyola, 2013.

HYMES, Dell. **Foundations in Sociolinguistics:** an ethnographic approach. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 2017.

LOPES, C. R. S. **Nós por a gente:** uma contribuição da pesquisa sociolinguística ao ensino. In: CARDOSO, S. A. M. (org.). **Diversidade Linguística e Ensino.** Salvador: EDUFBA, 1996, p. 115 – 123.

MARTELOTTA, M.E. et al. **Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto: 2012.

MARTINS, M. A.; VIANNA, J. B. S. **Mapeamento sociolinguístico do português do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. **A primeira pessoa do plural em Goiás.** 2013. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. **Seria quatrocentista o português implantado no Brasil.** In: Silva, Rosa Virgínia Mattos (org.) **Para a história do português brasileiro.** São Paulo: Humanitas, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Pronomes**. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2008.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) – 1946**. Nova Iorque.

PACHECO, C. S. **Alternância nós e a gente no português brasileiro e no português uruguaio da fronteira Brasil-Uruguai (Aceguá)**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, 2014

PEREIRA, M. G. D. **Introdução**. In: _____. (org.) **Interação e discurso: estudos na perspectiva da sociolinguística interacional/áreas de interface**. *Palavra 8*, volume temático. Rio, Trarepa, 2002, p. 7 – 25.

PEREIRA, M. G. D *et al.* **Entrevista com John J. Gumperz**. In: _____. (org.) **Interação e discurso: estudos na perspectiva da sociolinguística interacional/áreas de interface**. *Palavra 8*, volume temático. Rio, Trarepa, 2002, p. 26 – 35.

PERINI, Mário A. **Sintaxe portuguesa: metodologia e funções**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

PESQUISA DISTRITAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS (PDAD). Brasília. Governo do Distrito Federal, 2015.

PLANALTINA (DISTRITO FEDERAL). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Planaltina_\(Distrito_Federal\)&oldid=50708114](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Planaltina_(Distrito_Federal)&oldid=50708114)>. Acesso em: 9 dez. 2017.

RIBEIRO, B. T.; HOYLE, S. M. **Frame analysis**. In: PEREIRA, M. G. D. (org.) **Interação e discurso: estudos na perspectiva da sociolinguística interacional/áreas de interface**. *Palavra 8*, volume temático. Rio, Trarepa, 2002, p. 36 – 53.

RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (Orgs.) **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

RUBIO, Cássio Florêncio. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

SALLES, Adriana Amaral Flores. **O fenômeno do “sujeito duplo” no PB**. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. In: Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.

SANTOS, N. V.; COSTA, E. D.; SILVA, F. A. **O uso do “nós” e do “a gente” na escrita de estudantes universitários**. V Fórum Identidades e Alteridades. I Congresso Nacional Educação e Diversidade. UFS - Itabaiana/SE, 2011.

SCHERRE, M. M. P. *et al.* **Linguistic and social embedding of variable concord with 1st plural nós ‘we’ in Brazil**. 1st International symposium on variation in Portuguese, realizado no Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2014.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. **Currículo em movimento da educação básica: educação de jovens e adultos**. Brasília, 2014.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. **Diretrizes operacionais da educação de jovens e adultos 2014/2017**. Brasília, 2014.

SPESSATTO, M. B. **Formas linguísticas inovadoras não conhecem fronteiras: nós/a gente na fala da população da Costa da Lagoa**. Work, pap. Linguíst., n.esp.: 82-93, Florianópolis, 2010.

SOUSA, Rosineide Magalhães; MACHADO, Veruska Ribeiro. **Coesão referencial: aspectos morfossintáticos e semânticos**. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; SOUSA *et al.* **Por que a escola não ensina Gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014, pp. 19-44.

SOUZA, Jaime Luiz Cunha de; REIS, João Francisco Garcia. **A discricionariedade policial e os estereótipos suspeitos**. Rev. NUFEN, Belém, v. 6, n. 1, p. 125-166, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912014000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 abril 2018.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Socio-linguística**. 4ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1994.

TAVARES, B. L. **Na quebrada a parceria é mais forte – Juventude Hip Hop: relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal**. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia). Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília.

VERONESE, Josiane Petry. **Infância e adolescência, o conflito com a lei: algumas discussões**. Ed. Fundação Boiteux. Florianópolis. 2001.

VIANNA, J. B. S. **Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português**. 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

VIANNA, J. B. S.; LOPES, C. R. S. **Variação dos pronomes “nós” e “a gente”**. In: MARTINS, M. A.; VIANNA, J. B. S. **Mapeamento sociolinguístico do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília**. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

_____. **Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil**, 2014. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República e Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2014.

ZILLES, A. M. S. **O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?** Revista Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, junho, 2007.

APÊNDICE – A



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP

Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGL

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1) **Idade:** _____
 - 2) **Gênero:** () masculino () feminino () Outros: _____
 - 3) **Cor da pele** (autodeclaração): _____
 - 4) **Contexto:** () EJA () FUP/UnB () Graduado(a)
 - 5) Você mora em qual bairro da cidade? Você sempre morou nesse bairro?
 - 6) Na sua casa, quem mais mora com você?
 - 7) Renda domiciliar mensal em salários mínimos:
 () Até 1 (R\$954,00) () Mais de 1 a 2 (R\$955,00 – R\$ 1908,00) () Mais de 2 a 5 (R\$1909,00 – R\$ 4770,00) () Mais de 5 a 10 (R\$ 4771,00 - R\$ 9540,00) () Mais de 10 a 20 (R\$ 9541,00 – R\$ 19080,00) () Mais de 20 (R\$ 19081,00)
 - 8) Você e as pessoas que moram com você quando estão juntos costumam conversar sobre o quê?
 - 9) Você e seus amigos quando estão juntos costumam conversar sobre o quê?
 - 10) **Para EJA:** Você teve que parar de estudar em algum momento de sua vida? Por quê? Se sim, como você se sentia quando não frequentava a escola? Depois de quanto tempo afastado(a) da escola você conseguiu retornar? Por que voltou a estudar?
- Para FUP:** Com qual idade você foi aprovado(a) no vestibular da FUP/UnB? Em qual curso?
- Para os graduados:** Com qual idade você começou a faculdade? Faz quanto tempo que você se formou?

11) Ao longo da sua vida escolar até hoje você estudou em colégio público ou particular? Em Planaltina DF ou em outra cidade?

12) Qual é a escolaridade dos seus pais?

13) Qual é a importância dos estudos na sua vida?

14) Na escola/faculdade, quais são/eram as dificuldades que você e seus colegas têm/tinham?

15) Você está trabalhando? Se sim, trabalha com quê, onde? Se não, está procurando emprego há quanto tempo e em qual área?

Para os graduados que trabalham: existe alguma relação entre seu curso superior e seu atual trabalho?

16) O que você e seus amigos fazem para se divertir em Planaltina DF? Vocês gostariam de ter mais opções de lazer e eventos culturais na cidade? Se sim, quais?

17) Você e seus amigos se sentem seguros quando estão juntos em algum ambiente público em Planaltina DF?

18) Você já foi vítima de agressões físicas, assaltos, furtos e/ou violência sexual em Planaltina DF? Como você se sentiu diante desse fato?

19) Você e seus familiares e/ou amigos já perderam alguém próximo vítima da violência em Planaltina DF, ou seja, assassinado na cidade? Se sim, qual a idade da pessoa na época do crime? Como vocês se sentiram diante desse acontecimento?

20) Você e seus vizinhos estão satisfeitos com a infraestrutura do bairro de vocês, ou seja, estão satisfeitos com o fornecimento de água potável, o tratamento do esgoto, a iluminação pública e a coleta de lixo? O que vocês acham que ainda precisa melhorar?

21) Você e seus familiares já precisaram do hospital público e/ou postos de saúde da cidade? Como foram atendidos?

22) Você acha que Planaltina DF é bem assistida em relação ao transporte público? Você acredita que essa situação influencia a sua qualidade de vida?

- 23)** Você e seus familiares e/ou amigos confiam no poder público para resolver os problemas existentes em Planaltina DF?
- 24)** Você e seus familiares e/ou amigos gostam de morar em Planaltina DF? Por quê? Vocês pretendem continuar morando na cidade ou mudar futuramente?
- 25)** O que as pessoas de outras cidades demonstram quando você diz que mora em Planaltina DF? O que acha das reações desses indivíduos? Como você reage diante disso?
- 26)** Você tem algum amigo ou familiar próximo entre 18 e 24 anos que já tenha cursado o ensino superior?

APÊNDICE – B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa VARIACÃO LINGUÍSTICA ENTRE NÓS E A GENTE NO FALAR DA JUVENTUDE PLANALTINENSE, de responsabilidade de WELLINGTON SOUTO PEREIRA, estudante de mestrado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é investigar e analisar o comportamento linguístico influenciado pelos fatores socioculturais em contextos de oralidade em Planaltina DF. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevista semiestruturada. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Espera-se com esta pesquisa busca apresentar a situação de exclusão e vulnerabilidade vivida pelos jovens de periferia, especificamente a dos moradores de Planaltina DF.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (61) 996134926 ou pelo e-mail wellingtonsoutop@gmail.com.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de rodas de conversa em centros comunitários de Planaltina DF, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura do/da participante

Wellington Souto Pereira

Brasília, ___ de _____ de _____

APÊNDICE – C

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA¹³ REALIZADA COM ANA, 21 ANOS

Contexto: (X) EJA () FUP/UnB () Graduada

P: pesquisador; **E:** entrevistada.

- 1 **P:** — Ana, tem quantos anos?
- 2 **E:** — Vinte um anos.
- 3 **P:** — Vinte um. Qual é a cor da pele que você se considera? Se autodeclara?
- 4 **E:** — Parda.
- 5 **P:** — Parda? É... você mora em qual bairro da cidade?
- 6 **E:** — Arapoanga.
- 7 **P:** — Arapoanga. E você sempre morou nesse bairro?
- 8 **E:** — Sempre.
- 9 **P:** — Na sua casa, quem mais mora com você?
- 10 **E:** — Meu pai e meu irmão.
- 11 **P:** — E a renda lá? Mensal... juntando o que todo mundo ganha, dá mais ou menos quanto?
- 12 **E:** — Dá um salário meu, um do meu irmão e um do meu pai.
- 13 **P:** — Três salários mínimos?
- 14 **E:** — Três salários mínimos.
- 15 **P:** — Tá. É... você e as pessoas que moram com você na sua casa, quando vocês estão lá
- 16 tranquilos, de boa, vocês conversam sobre quais assuntos?
- 17 **E:** — Nossa... futebol, política, sobre a cidade também, muito... sobre família, lazer...
- 18 **P:** — Cêis sempre conversam?
- 19 **E:** — Sempre. Sempre **conversamos**. Bastante. Diversão, TV, sobre a escola. Meu pai conversa
- 20 muito com **a gente** sobre a escola. Sobre o serviço. **A gente** conversa muito sobre isso também.
- 21 **P:** — E você e seus amigos, quando vocês estão de boa, vocês conversam quais assuntos?
- 22 **E:** — Sobre festa, amizade e... deixa eu ver o que mais...
- 23 **P:** — Festa...vocês conversam sobre festa, mais ou menos o que sobre a festa?

¹³ Pela longa extensão, todas as transcrições das entrevistas colhidas foram disponibilizadas à banca em um arquivo digital. Neste trabalho, é apresentada uma das transcrições para que o leitor possa ter conhecimento de como aconteceram as interações no processo de realização desta pesquisa. As ocorrências referentes aos pronomes de primeira pessoa do plural estão em negrito.

24 **E:** — Tipo assim, pra onde **a gente** vai, como vai ser. Tipo assim, eu não vou em lugares muito
25 bagunçados. Eu gosto mais de um lugar mais tranquilo, mais família, mais amigos. Também
26 converso com meus amigos sobre os lazer da cidade, também. Aqui na cidade não tem muito
27 lazer, né?

28 **P:** — *Uhum.*

29 **E:** — Mas tem alguns e é bom, divertido.

30 **P:** — É... você teve que parar de estudar em algum momento da sua vida?

31 **E:** — Tive.

32 **P:** — Por quê?

33 **E:** — Porque meu pai e a minha mãe se separaram. Aí eu e minha mãe, **nois** mudamos lá pro
34 Paranoá uma época, só que **a gente** morou lá um mês... aproximadamente um mês e **voltamos**
35 para cá. Aí nisso eu tive que ajudar minha mãe, na loja, que ela tem uma agropecuária. Aí ela
36 ficou sem condições de contratar funcionários pra trabalhar. Aí eu fui ajudar ela e parei de
37 estudar.

38 **P:** — Quanto tempo?

39 **E:** — Dois anos.

40 **P:** — Dois anos sem estudar? Você tinha quantos anos? Qual idade na época?

41 **E:** — Eu tinha dezesseis, eu tava no segundo ano. Aí parei. Aí voltei esse ano passado.

42 **P:** — Ano passado? Já com qual idade?

43 **E:** — Com vinte.

44 **P:** — Com vinte.

45 **E:** — Entrei no meio do ano. Aí fiz o segundo, e fiz vinte um agora em fevereiro e terminar
46 agora no meio do ano.

47 **P:** — E como é que você se sentia quando você não tava estudando?

48 **E:** — Tipo assim, não vou mentir, no começo era bom. Por que cê tá... por ser jovem você não
49 pensa nas coisas, né? Cê não percebe que no futuro vai se arrepender. Mas aí depois eu me
50 arrependi. Nossa me arrependi muito. Já era pra mim ter... já era pra mim tá fazendo faculdade.
51 Minha irmã já tá fazendo faculdade, tá quase terminando a faculdade de Direito e eu tô aqui
52 nessa escola ainda. Me arrependi muito. Mas aí quando eu tive a oportunidade de voltar,
53 primeira coisa que eu fiz foi voltar.

54 **P:** — Ao longo da sua vida escolar, até hoje, você estudou em escola pública ou escola
55 particular?

56 **E:** — Só pública.

57 **P:** — Só pública. E aqui em Planaltina mesmo?

- 58 E: — *Uhum*. Somente.
- 59 P: — E qual é a escolaridade dos seus pais?
- 60 E: — Meu pai fez a oitava séria e a minha mãe a quarta série.
- 61 P: — E... Ana, qual a importância dos estudos na sua vida?
- 62 E: — Muito importante. Muito mesmo. Eu me arrependi muito... igual te falei agora, eu me
63 arrependi muito de ter parado de estudar, sabe? Porque um tempo desse pra trás eu tava
64 precisando de emprego, e hoje em dia pra você ter um empreguinho mais ou menos você tem
65 que ter pelo menos o terceiro... o segundo grau completo. Me arrependi demais, demais, demais.
66 Que era pra mim tá fazendo minha faculdade já. E eu tô aqui ainda, mas com fé em Deus eu
67 vou terminar e vou fazer a minha faculdade.
- 68 P: — Esse ano ainda?
- 69 E: — Esse ano ainda! Tô correndo atrás.
- 70 P: — Esse semestre?
- 71 E: — Esse semestre eu termino.
- 72 P: — Olha, tá perto. Três meses né?
- 73 E: — Três meses... eu tô...
- 74 P: — É... aqui na escola, você e seus amigos, quais são as dificuldades que vocês têm em
75 comum assim pra tá aqui estudando?
- 76 E: — Dificuldade pra tá aqui? Que eu trabalho. Eu trabalho em dois empregos. Eu tenho uma
77 lojinha, com meu irmão e eu trabalho em uma van escolar. Aí às vezes eu tô cansada, eu e
78 minhas amigas, **a gente** tá assim cansada, ou dinheiro de passagem ou dinheiro pra lanche. Ou
79 alguma coisa desse tipo assim. Mas eu sempre procuro vim. Sempre procuro. Porque eu não
80 gosto de faltar. Perco matéria, perco explicação. Não gosto.
- 81 P: — E você tá trabalhando então?
- 82 E: — Sim. Graças a Deus.
- 83 P: — Trabalhando com quê?
- 84 E: — Eu e meu irmão **a gente** tem uma officinazinha, **a gente** conserta bicicleta e **a gente**
85 conserta umas bomba d'água... que puxa água de poço de fazenda, essas coisa assim... meu pai
86 também trabalha com isso. E eu trabalho em uma van escolar de manhã, de tarde e antes de eu
87 vim pra escola de noite. E quando eu venho...
- 88 P: — (Levanta as sobrancelhas) Três vezes assim... três turnos né?
- 89 E: — Três turnos. Muito cansativo.
- 90 P: — E aqui em Planaltina a van?
- 91 E: — Aqui.

- 92 **P:** — E a oficina também fica aqui?
- 93 **E:** — Aqui. Na Vila Vicentina. A van, **a gente** faz Roriz, Buritis III, Vila de Fátima, Setor
94 Tradicional. Várias escolas, muitas escolas mesmo. É tipo assim... é legal, porque tem as
95 crianças **a gente** se interte sabe? Mas é bem cansativo.
- 96 **P:** — Imagino. E assim, que que você e seus amigos fazem quando vocês querem se divertir
97 aqui em Planaltina?
- 98 **E:** — Deixa eu ver... Eu vou em clube.
- 99 **P:** — Você e seus amigos, vocês fazem o que quando vocês querem se divertir?
- 100 **E:** — Eu vou em clube. Eu jogo futebol. Eu vou ao cinema, vou na casa da minha família.
- 101 **P:** — Mas quando vocês querem se divertir aqui em Planaltina?
- 102 **E:** — Aqui? Então, em clubes aqui. Tem aqui o Vale Verde, tem o Acqua Cerrado. Vou nesses.
103 Eu jogo futebol em vários lugares aqui, eu jogo futebol.
- 104 **P:** — E você gostaria que tivesse mais opções de lazer aqui na cidade?
- 105 **E:** — Gostaria.
- 106 **P:** — Quais vocês acham que estão faltando?
- 107 **E:** — Ô... aqui não tem um shopping, aqui... eu não lembro aqui agora assim pra te dizer, mas
108 falta muita coisa aqui em Planaltina. Quando cê pensa... quando eu quero me divertir, não tem
109 aquele lugar assim “Nossa, que legal! **Vamos** praquele lugar se divertir.” Aqui é carente de
110 diversão.
- 111 **P:** — Uhum. E você e seus amigos, quando vocês saem pra um local público, aqui em
112 Planaltina, vocês se sentem seguros?
- 113 **E:** — Depende. Alguns locais sim. Tem algumas quadras mesmo que eu vou jogar futebol que
114 eu me sinto segura.
- 115 **P:** — Mas boa parte dos locais públicos?
- 116 **E:** — Não. Eu... cinquenta por cento. Tipo assim, porque eu também... eu... a minha pessoa, eu
117 conheço muitas pessoas. Aí então eu me sinto segura. Mas a segurança daqui tá péssima. Todo
118 dia eu vejo gente falando que foi roubada. Porque aconteceu... aqui na frente da escola, quase
119 todo dia eu vejo pessoas falando que quando tá descendo pra rodoviária pra pegar ônibus, é
120 assaltado bem aqui. Aí uma vez ou outra tem uma viatura aqui na frente, mas é muito difícil.
- 121 **P:** — É... você já foi vítima de agressão física, assalto, furto, violência sexual aqui em
122 Planaltina?
- 123 **E:** — Só um furto. Um roubo.
- 124 **P:** — Um roubo?
- 125 **E:** — Foi.

- 126 **P:** — Foi como?
- 127 **E:** — Eu tava próximo ao Comper ali ô... e um rapaz colocou arma no meu pescoço e levou
128 meu celular.
- 129 **P:** — Como é que você se sentiu, Ana?
- 130 **E:** — Nossa! Eu fique com muito medo. Desesperada.
- 131 **P:** — E depois?
- 132 **E:** — Aí depois, chegou um carro e **a gente** seguiu eles e conseguimos pegar eles. Dois
133 indivíduos no carro. Aí foi pra delegacia e tudo mais. Mas não achou o celular. Eu não sei o
134 que eles fizeram desse celular. Sumiram com o celular. Aí teve audiência, mas eu nem fui na
135 audiência, porque um deles que foi o que me roubou, ficou preso, mas o outro que tava dirigindo
136 o carro ficava passando na rua e me ameaçando. Aí eu fiquei com medo de ir na audiência... e
137 nunca fui.
- 138 **P:** — Como que você se sentiu... Ah! Você já falou. Desculpa. É... você e seus familiares,
139 amigos, vocês já perderam alguém próximo, vítima da violência, aqui na cidade de Planaltina?
- 140 **E:** — Já.
- 141 **P:** — Quem?
- 142 **E:** — Um tio meu.
- 143 **P:** — Ele tinha quantos anos na época?
- 144 **E:** — Isso faz uns sete anos. Ele tinha dezessete anos e ele foi enterrado no aniversário de
145 dezoito anos dele.
- 146 **P:** — Ele foi assassinado?
- 147 **E:** — Foi assassinado. Ele levou um tiro.
- 148 **P:** — E qual foi a causa? O que que aconteceu?
- 149 **E:** — Ele era envolvido...
- 150 **P:** — *Uhum.*
- 151 **E:** — Aí você... **a gente** sabe que uma pessoa que é envolvida com coisa errada, com droga,
152 com tráfico, essas coisa... não vai chegar num lugar legal, né? Aí ele... dizendo ele, que os
153 amigos dele, que isso não é amigos né... tavam lá em cima, no Araponga, e esse amigo dele
154 chegou e atirou nele. E foi isso... morreu.
- 155 **P:** — Como é que você e sua família reagiram?
- 156 **E:** — Nossaa. **A gente** ficou desesperado. Desesperado. A minha vô, ele era o filho homem
157 caçula dela, até hoje ela não superou. Ela... até hoje ela é muito revoltada.
- 158 **P:** — Já tem sete anos né? Você falou.
- 159 **E:** — Tem sete anos. E o rapaz que matou ele, **a gente** nunca achou ele. Nunca.

- 160 **P:** — Ah, ele desapareceu?
- 161 **E:** — Desapareceu.
- 162 **P:** — Vocês sabem quem fez isso?
- 163 **E:** — **Sabemos.** Mas ele desapareceu, nunca vimos, nunca foi preso pra... nunca respondeu
164 nada. Matou e ficou por isso mesmo.
- 165 **P:** — É... você e seus vizinhos, vocês estão satisfeitos com a infraestrutura do bairro de vocês?
166 Satisfeitos com o fornecimento de água, coleta de lixo, iluminação, esgoto?
- 167 **E:** — Até que lá... lá no meu bairro eu tô satisfeita com isso.
- 168 **P:** — Você é do Arapoangas, né?
- 169 **E:** — Sou. Até que lá no meu bairro eu tô satisfeita com isso. Nunca faltou isso não... tem
170 asfalto...
- 171 **P:** — E que que vocês acham que precisa melhorar?
- 172 **E:** — Segurança. hospital, precisa melhorar aqui, esse Hospital de Planaltina é péssimo.
- 173 **P:** — Então vamos lá, você tá falando de hospital... você e seus familiares, vocês já precisaram
174 do hospital público ou do posto de saúde aqui?
- 175 **E:** — Já.
- 176 **P:** — E como é que foi a experiência de vocês?
- 177 **E:** — Péssimo. Horas e horas e horas, horas na fila, quando **fomos** atendidos, um atendimento
178 ruim e várias vezes eu já fui em postinho e em hospital e nunca fui atendida... várias vezes. É
179 péssimo esse hospital aqui.
- 180 **P:** — E você acha que Planaltina é bem assistida em relação ao transporte público?
- 181 **E:** — Não. Transporte público também não.
- 182 **P:** — Por quê?
- 183 **E:** — Você fica um tempão na parada esperando um ônibus, quando passa um ônibus é muito
184 cheio... muito cheio. Você vai daqui... vai no Plano Piloto, vai daqui em pé... daqui em lá.
185 Passando mal, correndo risco de ser roubado, que direto você vê gente falando que é roubado.
186 Dentro do ônibus é roubado... é... gente fazendo safadeza com as mulheres dentro do ônibus...
- 187 **P:** — Assédio né?
- 188 **E:** — Assédio. É chato.
- 189 **P:** — E você acha que esse jeito que tá o transporte público influencia na sua qualidade de vida?
- 190 **E:** — Influencia.
- 191 **P:** — Como que influencia?
- 192 **E:** — Influencia porque às vezes eu preciso fazer alguma coisa e desisto pelo fato do transporte
193 público ser ruim, ou cê chega atrasado. Eu fico um tempão na parada, chego atrasada, ou não

- 194 passa. Igual aqui na escola, pra pegar um papel pra fazer um cartão pra passar é um sacrifício,
195 aí você pede um cartão, nunca chega...
- 196 **P:** — O cartão do Passe Livre né?
- 197 **E:** — É. Nunca chega, você tem que ficar correndo atrás a vida inteira. Tão trabalhoso, mas tão
198 trabalhoso que você prefere desistir. Eu mesmo desisti...
- 199 **P:** — Aí como não consegue o Passe Livre vai ter que pagar a passagem?
- 200 **E:** — Tem que pagar. Tem que trabalhar e correr atrás... que é a única maneira, né?
- 201 **P:** — E você e seus amigos, seus familiares, vocês confiam no governo pra resolver esses
202 problemas de Planaltina?
- 203 **E:** — Não.
- 204 **P:** — Porque que vocês não confiam?
- 205 **E:** — Ah. Porque é muita promessa sabe? Muita promessa. Aí prometem que vai fazer isso,
206 que vai fazer aquilo. Aí hoje eu vi que eles tão reformando os asfaltos aqui, aí a namorada até
207 falou “Tão reformando porque é ano de política, aí eles correm atrás de fazer alguma coisa **pra**
208 **gente.**” Mas fora isso eles nunca correm atrás...
- 209 **P:** — É só na época de eleição, né?
- 210 **E:** — Só na época de eleição que eles fazem alguma coisa pra ganhar voto.
- 211 **P:** — E assim, você e seus familiares e até os amigos também, cêis gostam de morar em
212 Planaltina?
- 213 **E:** — Gosto.
- 214 **P:** — Gosta, apesar de todos os problemas que você falou, vocês gostam?
- 215 **E:** — Apesar de todos os problemas, eu gosto.
- 216 **P:** — Então, vocês pretendem ou não mudar da cidade?
- 217 **E:** — Eu não pretendo mudar. Pretendo viajar, conhecer lugares diferentes. Tipo modificar...
218 mas eu não pretendo mudar daqui... Porque conheço muitas pessoas, muitos amigos, meus
219 familiares, todos moram aqui. Todos. Sem exceção de um. Todos moram aqui... então, mesmo
220 com tudo isso a gente vai levando. Eu gosto de morar aqui.
- 221 **P:** — É... pra finalizar, o que que as pessoas de outras cidades demonstram quando você diz
222 que mora em Planaltina?
- 223 **E:** — O que elas demonstram?
- 224 **P:** — Por exemplo, uma pessoa de outra cidade, aí sempre tem aquela pergunta “Você mora
225 aonde?”, aí você fala “Moro em Planaltina.”. Uma pessoa que não é daqui como que ela... você
226 já percebeu alguma reação diferente?

- 227 **E:** — Fala que é perigoso. Muitas pessoas fala que Planaltina é perigoso. Já falei em outros
228 lugares que eu morava aqui e as pessoas “Nossa, mas lá é muito perigoso.”.
- 229 **P:** — E aí? Que que cê acha da reação delas?
- 230 **E:** — Ah...
- 231 **P:** — Dessa reação.
- 232 **E:** — Eu não me importo não. Eu gosto.
- 233 **P:** — E aí quando alguém fala isso pra você, que aqui é perigoso, você...
- 234 **E:** — Eu falo “Ah, todo lugar é perigoso.”
- 235 **P:** — Ah, cê dá uma resposta?!
- 236 **E:** — Dou uma resposta. Porque eu tenho que defender a minha cidade. Eu nasci aqui. Eu moro
237 aqui. E eu defendo a minha cidade.
- 238 **P:** — Então você acha que quando eles falam que é perigoso, não é só isso...
- 239 **E:** — É... não é só isso... mas...
- 240 **P:** — Na cabeça deles... eu tô falando... eles falam da violência, mas tem outras coisas? Você
241 acha que tem outras coisas?
- 242 **E:** — Eu acho que tem.
- 243 **P:** — O que?
- 244 **E:** — Não sei te dizer. Mas... mas tipo assim, igual com relação à segurança, hospital, violência,
245 roubo, tudo que acontece aqui em Planaltina, eu acho que acontece em outros lugares também.
- 246 **P:** — *Uhum.*
- 247 **E:** — Então, eu não considero uma cidade, tipo, muito diferente das outras. Eu só gostaria que
248 tivesse mais lazer.
- 249 **P:** — Mais lazer?
- 250 **E:** — Mais lazer. E isso eu gostaria.
- 251 **P:** — E assim, pra gente terminar aqui, você conhece... tem algum amigo, parente de até vinte
252 quatro anos que já tenha se formado?
- 253 **E:** — Não.
- 254 **P:** — Não né? Não conhece?
- 255 **E:** — Não. Que tenha se formado não. Tem a minha irmã, ela tem vinte quatro anos, mas ela
256 não se formou ainda.
- 257 **P:** — Entendi. Pois é, Ana, terminei. Foi a média dezesseis minutos.
- 258 **E:** — Eita.
- 259 **P:** — Brigado.

ANEXO

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE NÓS E A GENTE NO FALAR PLANALTINENSE

Pesquisador: WELLINGTON SOUTO PEREIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 82638017.0.0000.5540

Instituição Proponente: Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.626.953

Apresentação do Projeto:

Trata-se uma dissertação de mestrado que pretende analisar a variação nos níveis fonológicos ou morfosintáticos, como na alternância entre as formas pronominais nós e a gente. Assim, esta pesquisa se volta à variedade linguística dos moradores de Planaltina DF. A alternância entre os pronomes nós e a gente é influenciado pelo contexto sócio-histórico de Planaltina, que é a mais antiga região administrativa do Distrito Federal e sofreu grandes alterações sociais e culturais desde seu surgimento em meados do século XIX, ocasionadas pela expansão demográfica.

Pretende-se investigar e analisar o comportamento linguístico influenciado pelos fatores socioculturais em contextos de oralidade em Planaltina DF.

Assim, surge o seguinte problema de pesquisa: de que modo a situação de marginalidade social na qual se encontram os jovens planaltinenses (18–24 anos) determina as escolhas linguísticas desse grupo de falantes relacionadas aos pronomes nós e a gente na fala espontânea?

A pesquisa será realizada com jovens entre 18-24 anos, que nasceram nessa cidade ou nela residem desde os primeiros anos de vida até a atualidade, para analisar, em um primeiro momento, como acontece o emprego dos pronomes nós e a gente em diversos contextos comunicativos.

Trata-se de uma pesquisa etnográfica com uso da observação participante e entrevistas com os seguintes perfis de colaboradores:

- A fim de se constituir uma amostra com representatividade, o grupo de colaboradores a ser

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)

Bairro: ASA NORTE

CEP: 70.910-900

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3107-1592

E-mail: cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.626.953

entrevistado será composto, em quantidade equivalente, por mulheres e homens moradores de Planaltina-DF que nasceram nessa cidade ou nela residem desde os primeiros anos de vida até a atualidade.

-Tal grupo vai ser formado por empregados ou desempregados entre 18 e 24 anos que

(i) ainda estão cursando a educação básica. Esse grupo é encontrado nas escolas que oferecem a Educação de Jovens e Adultos;

(ii) abandonaram a escola e não concluíram a educação básica. Ao estabelecer contato com o grupo anterior, buscar-se-á a indicação de amigos ou parentes nessa condição;

(iii) concluíram a educação básica e estão cursando o ensino superior. Esse grupo pode ser encontrado na Universidade de Brasília - Campus Planaltina;

(iv) concluíram a educação básica, mas não ingressaram no ensino superior. Ao estabelecer contato com grupo anterior, procurar-se-á a indicação de amigos ou parentes nessa condição.

(v) possuem ensino superior completo. Tal grupo será encontrado do mesmo modo que o anterior.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Investigar e analisar, a partir do contexto sociocultural, a variação linguística entre os pronomes nós e a gente em diversas funções sintáticas no falar do jovem planaltinense, bem como identificar se tal comunidade reconhece a forma pronominal a gente pertencente à identidade sociolinguística dos moradores da cidade.

Objetivos Secundários:

(i) identificar o contexto sociocultural no qual os colaboradores estão inseridos;

(ii) registrar e descrever a variação linguística entre nós e a gente, em contextos de oralidade no falar do jovem planaltinense;

(iii) investigar os ambientes formais e informais que favorecem uma ou outra forma;

(iv) identificar e analisar as motivações linguísticas, elencando os contextos morfossintáticos que norteiam o fenômeno;

(v) identificar e analisar as motivações sociais que determinam o emprego de uma ou outra forma pronominal, buscando indícios de que o pronome a gente de fato é considerado legítimo pelos falantes da comunidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador avalia na folha de informações básicas do projeto que não há riscos. Mas faz uma reflexão sobre os riscos na carta de revisão ética e apresenta os riscos e cuidado que pretende ter no seu trabalho de campo:

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)

Bairro: ASA NORTE

CEP: 70.910-900

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3107-1592

E-mail: cep_chs@unb.br

**UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 2.626.953

- Será garantido aos colaboradores do estudo anonimato absoluto, o que será formalizado por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, assinado pelo pesquisador e pelos colaboradores.
- O colaborador terá garantido o direito de sair da pesquisa a qualquer momento e independente da situação.
- Todas as informações geradas serão sigilosamente guardadas pelo pesquisador, por um tempo de cinco anos e descartadas após esse período.
- Não haverá envolvimento financeiro de nenhuma espécie entre o pesquisador e o colaborador e os procedimentos para a realização das entrevistas semiestruturadas serão negociados entre ambos de modo que não haja riscos aos colaboradores.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa segue as diretrizes das resoluções sobre ética em pesquisa. O pesquisador deve readequar o cronograma, os prazos, e rever a saída de campo para após a liberação do parecer do CEP.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão de acordo, somente o cronograma de deve ser revisto. O pesquisador deve readequar a saída de campo para acontecer após a liberação do parecer do CEP.

Recomendações:

O pesquisador deve readequar o cronograma, os prazos, e rever a saída de campo para após a liberação do parecer do CEP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências. O pesquisador pode rever o cronograma sem a necessidade de reencaminhar ao CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1042492.pdf	09/12/2017 14:34:50		Aceito
Outros	TermodeAutorizacao_WellingtonSouto.pdf	09/12/2017 14:31:58	WELLINGTON SOUTO PEREIRA	Aceito
Outros	CurriculoLattes_WellingtonSouto.pdf	09/12/2017 14:30:43	WELLINGTON SOUTO PEREIRA	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

**UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 2.626.953

Outros	Instrumentodecoletadedados_WellingtonSouto.pdf	09/12/2017 14:30:09	WELLINGTON SOUTO PEREIRA	Aceito
Outros	Aceite_WellingtonSouto.pdf	09/12/2017 14:29:38	WELLINGTON SOUTO PEREIRA	Aceito
Outros	Cartaderevisaoetica_WellingtonSouto.pdf	09/12/2017 14:28:56	WELLINGTON SOUTO PEREIRA	Aceito
Outros	CartadeEncaminhamento_WellingtonSouto.pdf	09/12/2017 14:28:04	WELLINGTON SOUTO PEREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodepesquisa_Wellington.pdf	09/12/2017 14:26:59	WELLINGTON SOUTO PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_WellingtonSouto.pdf	09/12/2017 14:26:33	WELLINGTON SOUTO PEREIRA	Aceito
Cronograma	Cronograma_WellingtonSouto.pdf	09/12/2017 14:26:00	WELLINGTON SOUTO PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto_WellingtonSouto.pdf	09/12/2017 14:25:33	WELLINGTON SOUTO PEREIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 27 de Abril de 2018

**Assinado por:
Érica Quinaglia Silva
(Coordenador)**

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br